



**Universidade Federal do Pará  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia**

**Rayane Freitas Araujo**

**Laços e rimas: mulher e  
casamento na literatura de  
cordel (Belém 1914-1949)**

Belém - PA  
2024

Rayane Freitas Araujo

**Laços e rimas: mulher,  
família e casamento na  
literatura de cordel (Belém  
1914-1949)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia PPHIST da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Mestre em História Social da Amazônia.

Linha de Pesquisa: População, família, migração e gênero.

Orientador: Dr. Ipojucan Dias Campos

Belém – PA  
2024

Rayane Freitas Araujo

**Laços e rimas: mulher e  
casamento na literatura de  
cordel (Belém 1914-1949)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia PPHIST da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Mestre em História Social da Amazônia.

DATA DA AVALIAÇÃO: 23 / 10 / 2024

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Ipojucan Dias Campos (Orientador/UFGA)

---

Prof. Dr. Agenor Sarraf Pacheco (UFGA)

---

Prof. Dra. Ana Lídia Nauar Pantoja (UEPA)

Belém – PA  
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- A658l Araujo, Rayane Freitas.  
Laços e rimas: : mulher e casamento na literatura de cordel(Belém 1914 - 1949) / Rayane Freitas Araujo. — 2024.  
169 f. : il. color.
- Orientador(a): Prof. Dr. Ipojucan Dias Campos  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Belém, 2024.
1. Literatura de cordel. 2. Folhetos. 3. Representações de gênero. 4. Belém - Pará. 5. Amazônia. I. Título.

CDD 980.033

---

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha família e amigos, cuja presença e apoio incondicional foram fundamentais ao longo de toda esta jornada acadêmica. Em especial, quero expressar minha gratidão à minha namorada, Paula A. Teixeira, por seu amor, paciência e incentivo constante. Sua parceria foi um alicerce essencial nos momentos mais desafiadores.

Aos meus amigos de café e surtos diários na Biblioteca do Instituto de Letras e Comunicação, Ana Fátima Pereira, Rejane Coelho, Edward Almeida, Demósthene Zahlouth, Leonardo Raiol e Geovanna Guimarães, deixo o meu mais sincero agradecimento. Vocês tornaram essa caminhada mais leve e alegre, com nossas conversas, desabafos e risadas que preencheram meus dias de estudo.

Gostaria também de estender meus agradecimentos aos integrantes da banca de avaliação por suas contribuições valiosas, Professor Dr. Agenor Sarraf Pacheco e Professora Dra. Ana Lúcia Nauar Pantoja. Em especial, sou profundamente grata ao meu orientador, Ipojucan Campos, por sua orientação, paciência e por acreditar no meu potencial, guiando-me com sabedoria e dedicação até a conclusão deste trabalho.

A todos, meu muito obrigado.

## RESUMO

A dissertação apresenta discussões sobre representações femininas no cordel em Belém do Pará durante a primeira metade do século XX. Mais especificamente nos folhetos da Editora Guajarina, que atuou na capital belenense entre os anos de 1914 e 1949. Nesse sentido, o trabalho busca analisar como as mulheres são retratadas nas narrativas dos cordelistas, considerando o contexto histórico, social e cultural da época. A pesquisa investiga se as representações reforçam estereótipos tradicionais de gênero ou se, de alguma forma, oferecem visões mais complexas e diversificadas das experiências femininas. Evidencia-se que a literatura em questão contribui para perpetuar estereótipos de gênero, mas também oferece pistas de resistências e mudanças em curso. Essa dualidade reforça a relevância de estudar as representações sociais, tanto para compreender a história das mulheres quanto para questionar e desconstruir preconceitos no presente. Sendo assim, o estudo examina a influência dessas narrativas na construção de imaginários coletivos sobre o papel da mulher na sociedade amazônica e paraense no período em loco, mas também demonstra a importância de tais temáticas no presente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura de cordel, folhetos, representações de gênero, Belém, Pará.

## ABSTRACT

The dissertation presents discussions about female representations in cordel in Belém do Pará during the first half of the 20th century. More specifically in the leaflets of Editora Guajarina, which operated in the capital of Belém between 1914 and 1949. In this sense, the work seeks to analyze how women are portrayed in the cordelistas' narratives, considering the historical, social and cultural context of the time. The research investigates whether the representations reinforce traditional gender stereotypes or whether, in some way, they offer more complex and diverse views of female experiences. It is evident that the cordel literature in question contributes to perpetuating gender stereotypes, but also offers clues to resistance and ongoing changes. This duality reinforces the relevance of studying female representations in the leaflet, both to understand the history of women and to question and deconstruct prejudices in the present. Therefore, the study examines the influence of these narratives on the construction of collective imaginaries about the role of women in Amazonian and Pará society in the period in question, but also demonstrates the importance of such themes in the present.

**KEYWORDS:** Cordel literature, leaflets, gender representations, Belém, Pará.

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** – Na última capa do cordel um: Aviso Importante: Aos meus caros leitores do Brasil - Ceará, Maranhão, Pará e Amazonas - aviso que desta data em diante todos os meus folhetos completo trarão o meu retrato. Faço este aviso afim de prevenir aos incautos que teem sido enganados na sua bôa fé por vendedores de folhetos menos sérios que tem alterado e publicado os meus livros, cometendo assim um crime vergonhoso. BARROS, Leandro Gomes. História de João da Cruz, Recife, 3º Edição, 1917. ....38
- Figura 2** - Imagem Retirada de: Belém, Guajarina, v,2, n° 51, maio de 1931. ....39
- Figura 3** - Capa do Folheto: Agora sou revoltoso (Documento de um cantor popular, sobre o regime revolucionário no Pará). Pará: Suplemento da Guajarina, 1932. 16p. ....45
- Figura 4** – Capa do Folheto: O Crime da Mala ou a Tragédia Silenciosa. Belém: Guajarina, maio 1930 (2ª edição). 16p. Cópia da col. Luyten. ....48
- Figura 5** - Primeira página do folheto: O Crime da Mala ou a Tragédia Silenciosa. Belém: Guajarina, maio 1930 (2ª edição). 16p. Cópia da col. Luyten .....49
- Figura 6** - Primeira página do folheto: O Caso da Menor Anália. 3ª Edição aumentada. Belém: Guajarina, jan. 1929. 16p. Cópia da col. Luyten.....50
- Figura 7** - Capa do folheto: O Crime da Praça da República. Belém: Guajarina, maio 1930 (2ª edição). 16p. Cópia da col. Luyten. ....52
- Figura 8** - Na imagem as moças haviam saído de um cinema em Belém e conversavam com seus leques em mãos. Guajarina. Belém, 27 de novembro de 1920, ano 11, n°21, p. 9. ....78
- Figura 9** - Era comum também que alguns homens da época fizessem uso da Bengala. Guajarina, v.1, n. 28, outubro de 1930, p. 6.....79
- Figura 10** - Capa do folheto: O Amor Nunca Morre, contendo a imagem de um homem e uma mulher abraçados e apaixonados. Guajarina, 1941. Cópia da col. Luyten. ....88
- Figura 11** - Capa do folheto Os inimigos do Corpo, contendo a imagem de uma sogra com aparência grotesca. SOUZA, Apollinário. A Festa de São João no Pará. Os inimigos do corpo: Carapanã, Pulga e Sogra. Belém: Guajarina, jun. 1931. Cópia da col. Luyten.....114
- Figura 12** - Capa do Folheto Como se amança uma sogra, demonstrando a relação nada amistosa entre um genro e uma sogra. ATHAYDE, João Martins de. Como se amança uma sogra. Zé do Brejo e Chico da rua – 1978. Acervo Literatura de Cordel Casa de Rui Barbosa .....120
- Figura 13** - Banca localizada na Avenida Magalhães Barata – Esquina com Generalíssimo Deodoro – Bairro Nazaré – Belém - Pa.....139
- Figura 14** - Os folhetos são exibidos em uma espécie de expositor de material plástico resistente, com divisórias para cada título e fica pendurado no local, aparentemente é um padrão de exibição em todas as bancas. Bairro Nazaré, em Belém, 2023.....139
- Figura 15** - Folhetos de autoria de José Medeiros de Lacerda vendidos em pontos de distribuição pela cidade de Belém. 2023. ....140
- Figura 16** - Cordel sobre a Cabangem de Heliana Barriga .....149



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 1.....</b>	<b>27</b>
<b>CORDEL: FIOS DE HISTÓRIAS E PESQUISA .....</b>	<b>27</b>
<b>1.1 A Literatura de Cordel no Pará .....</b>	<b>28</b>
<b>1.2 Rimas e Realidade – Os folhetos de acontecido .....</b>	<b>42</b>
<b>CAPÍTULO 2.....</b>	<b>58</b>
<b>REPRESENTAÇÕES FEMININAS: LITERATURA DE CORDEL E O CASAMENTO .....</b>	<b>58</b>
<b>2.1 Casamento ideal: a construção do amor e da felicidade a dois .....</b>	<b>59</b>
<b>2.2 Romance no pré-Casamento: flertando com a felicidade duradoura – o flirt .....</b>	<b>74</b>
<b>2.3 Domesticidade feminina na literatura de cordel .....</b>	<b>91</b>
<b>Mulher moderna.....</b>	<b>91</b>
<b>CAPÍTULO 3.....</b>	<b>108</b>
<b>OUTRAS FACES DO FEMININO NOS CORDÉIS .....</b>	<b>108</b>
<b>3.1 Pai e sogra na vigilância da vida das filhas .....</b>	<b>109</b>
<b>3.2 Trajetória poética: pioneirismo de Maria Pimentel na literatura de cordel e o sujeito da história.....</b>	<b>122</b>
<b>3.2.1 As mocinhas de hoje – as meninas nas praias de banho.....</b>	<b>124</b>
<b>3.2.2 O romance e o final feliz das mulheres.....</b>	<b>126</b>
<b>3.2.3 “Para que não fosse à única.” – a literatura e as mulheres cordelistas do tempo presente .....</b>	<b>137</b>
<b>FONTES .....</b>	<b>161</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>163</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende historicizar a literatura de cordel ou de folhetos, ou seja, tomá-la como fonte e repercutir seu caráter de evidência histórica. A literatura nesta pesquisa ao se estabelecer como objeto de análise é implicada mais em sua dada realidade do que na sua subjetividade, isto é, ao tomar o cordel como fonte pretende-se compreendê-lo a partir de sua interação com seu contexto histórico, com a sua aproximação com a vida cotidiana, com ideais de sua época, também estabelecendo conexões com o presente, pois, o esclarecimento de questões atuais baseia-se em uma dada construção histórica, “[...] a maioria dos historiadores sabem que ao investigar o passado, até mesmo o passado remoto, estão igualmente pensando e expressando opiniões a respeito do presente e suas questões, e falando a respeito delas.”<sup>1</sup>.

É a fim de refletir problemas de gênero que são ainda tão atuais que o recorte da pesquisa intenciona outro fator: *as representações sociais de gênero* nos folhetos, com um olhar focado principalmente nas mulheres, isto significa, pensar como estes sujeitos históricos eram retratados pelos cordelistas em seus escritos. Examinar as representações femininas nos cordéis na primeira metade do século XX não é uma tentativa de generalizar o que seriam as mulheres de tal período, sendo este um grupo social diverso e multifacetado, o objetivo principal da análise dos documentos busca dá conta das imagens que os cordelistas formavam acerca de tais personagens. De modo que, partindo da literatura como fonte seja possível pensar sujeitos e dinâmicas sociais que estavam em voga no período pesquisado.

Os folhetos utilizados nesta pesquisa fazem parte do Acervo Vicente Salles, localizado no Museu da Universidade Federal do Pará, este pesquisador deixou vasta contribuição<sup>2</sup> sobre

---

<sup>1</sup> HOBBSAWM, Eric. **Tempos Interessantes**: uma vida no século XX. São Paulo Companhia das Letras, 2005, pp. 311.

<sup>2</sup> Apesar da obra de Vicente Salles possuir ressalvas por sua perspectiva folclórica a respeito da literatura de cordel, este autor em muito contribui por sua pesquisa sobre os folhetos na Amazônia, neste caso em Belém. Para autores que estudaram acerca da poesia popular na Amazônia como José Veríssimo esta foi uma região onde a existência de um acervo se demonstrou pobre quantitativa e qualitativamente. Mas para Salles essa é uma visão que de certa maneira se desfaz quando outros intelectuais pesquisadores da mesma temática passam a demonstrar o contrário. Outros intelectuais assim como Veríssimo, como é caso de José de Carvalho, meio século depois, buscou suas referências nordestinas na Amazônia, comparando o matuto cearense com o caboclo do Pará, mas essa transposição regional, não trouxe explicações assertivas sobre a introdução da literatura sertaneja na Amazônia. Outro cearense, Pompílio Jucá é quem vai começar a esclarecer a referida questão em 1901 quando afirma que a Grande Seca de 1877 foi a responsável por um fluxo migratório cada vez maior de nordestinos para a região amazônica, onde fizeram circular a literatura sertaneja. O gênero dos folhetos de cordel encontrou na Amazônia um público consumidor e também produtor de literatura com os poetas da região, surgindo inclusive editoras especializadas como é o caso da Editora Gujarina. In: SALLES, Vicente. *Repente & Cordel, literatura popular em versos na Amazônia / Vicente Salles*. - Rio de Janeiro : FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1985.

o estudo da literatura sertaneja no Estado, demonstrando ser possível o uso dos cordéis como fontes literárias ricas para os historiadores, anunciando a relação entre literatura, cotidiano e história. Foram pesquisados cerca de 200 cordéis do acervo e selecionamos aqueles que priorizavam a temática do trabalho, mais especificamente, as representações femininas.

Os folhetos de cordel analisados estão situados na primeira metade do século XX, como já justificado o período de atividades-funcionamento da Editora Guajarina, alguns cordéis não são datados, por isso não é possível precisar com exatidão os anos em que foram publicados, sendo necessário ficar nesta margem do período de atividades da editora, o que torna a linha temporal um tanto quanto extensa, mas proporciona segurança em relação aos folhetos não datados. Mas em nossa análise priorizamos os cordéis datados, no total 105 folhetos possuem data de publicação, sendo a década de 30 a mais marcadamente datada.

Deste modo, sendo a literatura de cordel nosso alicerce documental, tratemos um pouco sobre o folheto como fonte. Vamos iniciar pela definição do que seria documento-fonte. Apesar de parecer redundante: documento ou fontes históricas se definem por qualquer coisa produzida pelo homem e que possibilita a compreensão do passado humano<sup>3</sup>. Assim registros cartoriais, processos criminais, cartas legislativas, obras de literatura como o cordel, dentre outros registros permitem um testemunho ou discurso acerca do passado da humanidade se demonstrando útil para o presente do historiador.

José D'Assunção Barros entende as fontes como discursos que precisam ser analisadas ou como uma rede de práticas e representações a serem desvendadas. Mas para isso é preciso que o pesquisador compreenda suas próprias fontes. Os cordéis que são os documentos de nosso interesse são fontes literárias, materiais, textuais e impressas. O folheto constitui-se para os historiadores uma fonte de pesquisa valiosa, à vista disso, a partir dos seus versos é possível fazer análises históricas da sociedade brasileira. Isso encontra justificativa, porque o cordel pode expressar o cotidiano de uma população, seu discurso pode tratar de diversas representações sociais como amor, ódio, política<sup>4</sup>.

Leandro Karnal e Flávia Galli Tatsch afirmam que a fonte é a base para o julgamento histórico, ou seja, o alicerce dos historiadores, já que seria impossível escrever sobre a história de uma determinada civilização, por exemplo, se os historiadores não tivessem acesso aos

---

<sup>3</sup> BARROS, José D'Assunção. *Fontes Históricas: revisitando alguns aspectos primordiais para pesquisa histórica*. In: Revista Mouseion, n. 12. 2012. Disponível em: <http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/article/download/332/414>.

<sup>4</sup> LUCENA, Kalhil Gibran Melo de. "*História e Literatura: O Folheto de Cordel em Territórios de Fronteiras*". In: Cadernos do Tempo Presente, n. 22, dez.2015/jan. 2016, p. 57-69.

seus vestígios. Os autores fazem uma reflexão: mas o que é um documento histórico? Para eles essa definição é fundamental, já que este é o definidor da memória, sendo o que a posteridade preservará sobre o passado. E também uma categoria basilar importante que define a amplitude e a atuação dos historiadores.

Para os autores todo documento histórico é uma construção permanente. No texto eles usam o exemplo da carta escrita por Pero Vaz de caminha que adquiriu uma importância histórica considerável, sendo exibida em vitrines e sendo cuidadosamente manuseada devido a sua estima e fragilidade, mas analisam que essa importância dar-se-á por uma construção histórica propicia a essa valorização. Sendo o valor do documento oscilante dependendo da variedade de agentes que a ele tem acesso. Permite-se então pensar que o documento existiu no passado, mas é a posteridade que o significa ou ressignifica tornando-o mutável (no sentido dos seus usos).

É importante nesse sentido tratar da expansão do conceito de "fontes históricas" que foi crucial para a disciplina de História porque permitiu o enriquecimento e diversificação das narrativas históricas. Tradicionalmente, a história se baseava predominantemente em documentos escritos, como arquivos oficiais, relatórios governamentais e correspondências. No entanto, a ampliação do conceito de fonte para incluir registros orais, imagens, artefatos materiais, cultura popular e até o corpo humano possibilitou a inclusão de grupos historicamente marginalizados, como mulheres, crianças, trabalhadores e populações indígenas. Essa mudança metodológica possibilitou novas perspectivas e campos de estudo, como à história das mulheres, da infância, da sexualidade e da vida cotidiana, que antes eram subvalorizados ou excluídos. Além disso, a interação entre a História e outras disciplinas, como a Antropologia, a Sociologia e a Arqueologia, enriqueceu o entendimento sobre os processos históricos e permitiu análises mais profundas das experiências humanas.

Portanto, a expansão das fontes históricas não apenas diversificou os objetos de estudo, mas também democratizou a historiografia, proporcionando uma visão mais ampla, plural e inclusiva do passado. Essas fontes por serem novas não significam que sejam mais eficientes ou melhores, não que a relevância ou a importância de um documento não exista em detrimento de outro, ela existe, isso se dá pela forma como o documento se relaciona com o meio social que o guarda e isso é variável no tempo e no espaço, para o historiador o documento tem seu valor pela teia social em que está inserido<sup>5</sup>.

Em relação ao uso dos cordéis é importante salientar que a análise dessas fontes não se

---

<sup>5</sup> KARNAL, Leandro; TATSCH, Flávia Galli. *A memória evanescente*. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de. (Orgs) *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 9-27.

dá somente pelo cordel isoladamente. Assim, tais fontes podem ser ponto de partida para se entender melhor o mundo em volta do folheto, suas lógicas materiais e práticas. Segundo Roger Chartier, “a historicidade primeira de um texto é a que lhe vem das negociações estabelecidas entre a ordem do discurso que governa sua escrita, seu gênero, seu estatuto, e as condições materiais de sua publicação”<sup>6</sup>.

Neste trabalho as fontes (cordéis) se relacionam com a perspectiva da história das mulheres, ou melhor, como as representações sociais presentes nos cordéis do século passado contribuíram para moldar as representações de gênero que ainda ecoam no presente? Quais representações são essas? Como elas se ligam ao matrimônio? Essas são algumas das perguntas que se tenciona responder no decorrer da pesquisa.

As representações das personagens femininas nos cordéis frequentemente apareceram ligadas ao casamento e aos relacionamentos a dois. Primeiramente, é importante reconhecer que essa centralidade do casamento reflete valores sociais e culturais historicamente enraizados, que definem a identidade e o papel das mulheres quase exclusivamente no âmbito das relações conjugais e familiares. Isso tende a limitar a complexidade das personagens femininas, confinando-as a papéis tradicionais, como o de esposa, mãe ou companheira, e reforçando estereótipos de gênero que associam a mulher à esfera privada e à dependência de figuras masculinas. Ao problematizar essa questão, podemos questionar até que ponto essas representações estão alinhadas com as expectativas sociais da época e como contribuem para a perpetuação de normas de gênero que restringem a autonomia feminina. Também é relevante explorar as narrativas que escapam dessa estrutura tradicional, verificando se há exemplos de mulheres que rompem com tais representações ou que exercem papéis de liderança, resistência ou independência nos cordéis.

Adicionalmente, a vinculação das personagens femininas ao casamento obscurece outras dimensões da vida das mulheres, como o trabalho, a educação, a sexualidade fora do casamento ou a participação em lutas sociais. Assim, ao problematizar essa visão, não apenas abrimos espaço para leituras mais plurais das experiências femininas, mas também questionamos como os folhetos de cordel refletem e moldam imaginários sociais em torno do papel da mulher na sociedade. Ao levar em conta que essas representações sociais são peças fundamentais na estrutura da sociedade, e considerando que os discursos predominantes nos folhetos, muitas vezes provenientes de vozes masculinas, lidam não somente com a

---

<sup>6</sup> CHARTIER, Roger. *"Escutar os mortos com os olhos"*. Estud. Avançados. v. 24, n. 69, p. 6-30 São Paulo, 2010.

subjetividade do autor, mas também refletem o mundo ao seu redor, podemos recorrer às palavras de Foucault: "O autor é aquele que, ao realizar o ato de escrita, reúne um conjunto de vozes sociais, históricas e ideológicas na produção de um texto"<sup>7</sup>. Desse modo, os cordelistas, por meio de suas obras, estavam entrelaçados em uma teia de interações sociais que permitia que seus folhetos funcionassem como uma representação dessa complexa rede.

Os folhetos em questão espelham uma configuração discursiva que desempenhou um papel crucial na construção do imaginário coletivo e na formação da memória das pessoas em relação às identidades e aos papéis sociais das mulheres, bem como à sua posição na sociedade. Contudo, qual é a relevância do discurso dos cordelistas homens nos folhetos, especialmente quando se trata das representações de gênero? É importante compreender que a linguagem e os discursos funcionam como repositórios dos nossos pensamentos sobre o mundo e sobre o outro. Eles moldam a maneira como percebemos e compreendemos a realidade, bem como as normas e valores que regem nossas vidas. Ao examinarmos os discursos, podemos discernir como as estruturas sociais são perpetuadas ao longo do tempo e como as narrativas se conservam e evoluem.

Para Michel Foucault<sup>8</sup> o discurso em sua realidade material é o pronunciado e o escrito e os indivíduos estão inseridos no mundo através de discursos, estes ocorrem na vida cotidiana e existem para este autor discursos que se proliferam indefinidamente, e é justamente nesse ponto que reside o foco da análise desta pesquisa: entender como as representações de gênero, principalmente as femininas, refletem discursos que pretendem moldar a vida de homens e mulheres e perceber como esses discursos passam a ser amplamente disseminados, persistindo ao longo do tempo e continuando a desempenhar um papel significativo na construção da história e na vivência cotidiana. Foucault estabelece que em toda sociedade ocorra à produção de discurso, sendo esta fabricação controlada, selecionada, organizada e redistribuída, isto ocorre para um controle do discurso. Para isso há procedimentos de exclusão, um deles é a interdição, ou seja, nem todo mundo pode falar o que quer e quando quer, é preciso que aquele que fala tenha autoridade para falar, para Foucault todo mundo tem desejo de discurso, pois discurso é poder, sendo poder uma ação sobre o outro.

Como mencionado anteriormente, os autores de cordéis eram predominantemente

---

<sup>7</sup> FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970/Michel Foucault; tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

<sup>8</sup> Ibidem.

homens, que detinham o poder sobre a escrita e o discurso. As mulheres escritoras não eram bem-vindas no campo literário no período em questão. No acervo documental desta pesquisa, excluindo-se os anônimos, dos 30 cordelistas que publicaram pela Editora Guajarina, apenas uma era mulher: Maria das Neves Batista, que utilizou o pseudônimo Altino Alagoano — na verdade, o nome de seu marido — para publicar seus folhetos. Maria das Neves é reconhecida como a primeira mulher cordelista do Brasil. Esse cenário reflete a exclusão das mulheres da vida intelectual da época, em que os homens monopolizavam o discurso sobre as representações de gênero, tanto masculinas quanto femininas, nos cordéis.

A partir deste ponto, serão discutidos de forma mais aprofundada dois conceitos fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa: gênero e representações sociais. Embora outros conceitos sejam abordados ao longo da dissertação, esses dois são considerados centrais e constituem o eixo principal deste trabalho, justificando uma análise mais detalhada. Inicialmente, destacamos a contribuição de Dominique dos Santos, que promove uma discussão<sup>9</sup> relevante sobre o conceito de representações sociais. Este conceito, amplamente utilizado tanto na historiografia internacional quanto na nacional nos últimos anos, se destaca por seu caráter epistemológico, sua interpretação e sua aplicação. Embora seja frequentemente associado aos historiadores da História Cultural, seu uso transcende esse campo específico.

A crítica de Santos aponta que o conceito tem sido utilizado de maneira indiscriminada e superficial, como se fosse uma noção fixa e inquestionável. Roger Chartier, Carlo Ginzburg, Serge Moscovici e Denise Jodelet são pensadores influentes nesse campo, mas é essencial entender que eles fazem parte de uma discussão teórica que vai além de seus nomes. Existem aqueles que defendem a aplicação e a relevância do conceito para a historiografia, assim como há quem sugira seu abandono. Por isso, essa reflexão é necessária para esclarecer como esta pesquisa pretende abordar o conceito de representações sociais e sua pertinência.

Na língua portuguesa brasileira “representação” pode ter vários sentidos, por exemplo, se pode dizer “O advogado fez uma representação ao juiz solicitando a revisão da sentença.”, já em outro contexto “A pintura de Picasso é uma representação abstrata da realidade, com formas distorcidas e cores vibrantes.”. Uma mesma palavra com sentidos diferentes dependendo do contexto em que ela está aplicada. Com o decorrer do tempo a palavra

---

<sup>9</sup> SANTOS, Dominique Vieira Coelho dos. **Acerca do conceito de representação**. *Revista de Teoria da História*, Ano 3, Número 6, Universidade Federal de Goiás, Dez/2011.

“representação” foi sendo utilizada de algumas maneiras: “representação” provém do latim *representare* que significa “tornar presente” ou “apresentar de novo”, nessa circunstância a palavra era utilizada exclusivamente para objetos inanimados. O uso da palavra “representare” se expandiu nos séculos XVII e XVIII, no momento em que foi difundida a noção de que o papa e os cardeais representavam a personificação de Cristo e dos Apóstolos; ademais juristas medievais associam à palavra a vida coletiva, assim o termo passou a remeter a algo ou alguém.

A discussão do conceito de representação para a História está direcionada no sentido de saber se a representação representa, ou seja, se a mesma está ligada com a vida cotidiana das pessoas, se o discurso condiz com a realidade material. A discussão acerca do conceito de representação pode ser resumida a partir de dois pontos: o realismo e o textualismo, sendo o primeiro aquele o qual entende representação como algo mimético, apenas uma cópia do real, a representação sempre remete a uma referência externa. O segundo afirma que podemos conhecer apenas as representações presentes no texto, nunca a realidade como ela foi, o “real” está somente no passado, para o textualismo a linguagem é o mais importante. Mas para Santos essa dualidade em nada contribui para a teoria da história, para o autor não há como abstrair o real sem o pensamento e nem vice-versa, criando assim uma interdependência entre representação e realidade. Ainda, as representações não devem ser abordadas pela dupla perspectiva de verdadeiro e falso, mas algo que fica no meio de ambas. Qual a relevância social do conceito de representações sociais?

As representações sociais possuem influência na vida cotidiana e vice-versa, já que existe uma troca elementar entre ambas. Um uso recente e prático do conceito de representações sociais demonstra a relevância de seu estudo para a sociedade: recentemente o movimento negro vem alertando em forma de protesto para a importância da representatividade, ou seja, de como é importante pessoas pretas ocuparem cargos políticos ou posições de poder para defender os interesses da população negra, já que o Brasil tem se demonstrado um país estruturalmente racista e que privilegia pessoas brancas. Então, uma das maneiras de mudar esse quadro social é pela lógica da representatividade, se mais pessoas pretas ocuparem lugares de influência a tendência é que a desigualdade diminua com o passar do tempo e políticas nesse sentido sejam mais fartas.

Esse protesto foi principalmente difundido por meio das redes sociais *online* com a frase “Representatividade Importa”. Uma série de manifestações tomaram conta das redes sociais e da internet, dentre elas está, por exemplo: as pessoas pretas representadas nas novelas em papéis os quais geralmente naturalizam um olhar racista, as empregadas



domésticas da dramaturgia geralmente são negras, o bandido geralmente é negro. Alguns atores negros inclusive passaram a recusar papéis que naturalizavam o racismo em rede televisiva nacional, as pessoas sentiam-se indignadas e queriam a representatividade também nas redes de TV, nas revistas, nas histórias em quadrinho, nos livros, etc. Mas existe aqui um equívoco conceitual, a intenção não é deslegitimar a luta do movimento negro, apenas pontuar uma diferença entre *representação* e *representatividade*: quando a população negra justamente se indigna com a maneira com que esta sendo representada na TV e etc., esta população não esta almejando por representatividade (no dicionário, o termo "representatividade" significa representar politicamente os interesses de determinado grupo, classe social ou de um povo, a definição do parágrafo anterior); e sim por representação.

Em uma coluna da plataforma online *Push* as colunistas Bastos e Batista foram assertivas ao abordar tal questão, segundo elas “Quando alguém que faz parte de uma minoria e aparece nas telas, nas capas de revista e etc, muitas vezes é dito que representatividade importa, porém isso não é representatividade e sim representação”. Representação e representatividade se complementam, mas não possuem o mesmo significado, sendo conceitos diferentes. Sendo assim, a representação foi recentemente utilizada como ferramenta de protesto. Neste trabalho pretende-se utilizar o conceito de representação para compreender a construção da imagem do feminino-masculino na literatura de cordel e seu diálogo com a realidade social dos sujeitos. Como a representação das mulheres na literatura de folhetos corrobora para a construção de uma imagem feminina submissa, voltada para o lar, atribuindo às mulheres sentimentos de docilidade, amabilidade, maternidade e; aos homens um papel de provedor da família e viril. Qual a relevância dessas representações para o presente?

Como demonstrado o conceito de representação foi utilizado como forma de manifestação. Foi danoso para a população negra ter sido representada apenas em posições subalternas durante muitos anos, pois, por exemplo, se uma criança negra cresce tendo tais referências pode se enxergar e se projetar para este lugar de inferioridade, nesse processo de representar ainda ocorre à alimentação de uma estrutura (racismo estrutural) de opressão que se impulsiona das ditas representações. Não é apenas uma questão de protagonismo, a representação é uma ferramenta poderosa, nesse caso, ela ajuda a nos livrar da naturalização do racismo. Esse exemplo demonstra que as representações sociais são agentes poderosos para populações subalternizadas.

Para o movimento negro foi importante perceber um padrão na representação de pessoas negras como indivíduos marginalizados e apontar o racismo que algumas

representações podem trazer, no passado tivemos comercial de TV associando o cabelo crespo comum em pessoas negras à uma palha de aço, romper com esses padrões de representações é romper com uma estrutura que delega como as pessoas devem se ver e até mesmo basear suas vivências, sabemos que essa representação alimentou um padrão de beleza branco a atribuiu feiura ao preto, uma coisificação que desumanizou a pessoa preta. Portanto, por meio da representação existe a alimentação de estruturas de poder, sendo assim, pensar as representações sociais nesta pesquisa é uma reflexão para pensarmos como a construção de imagens delega certos espaços a um determinado grupo podendo subalternizá-lo.

Sendo assim, é possível refletir sobre como os cordéis também apresentam representações sobre raça em seu conteúdo. Relacionar a questão de raça e classe nos estudos de gênero é primordial, já que tais categorias nos permitem pensar a experiência do sujeito histórico sob uma perspectiva mais abrangente, como enfatiza Angela Davis é necessário “considerar a interseção de raça, classe e gênero para possibilitar um novo modelo de sociedade.”<sup>10</sup>. Deste modo, a experiência de mulheres negras e brancas diferencia-se historicamente, a raça é uma categoria de análise construída socialmente, e por isso, os processos históricos são vivenciados de maneiras distintas pela cor da pele das mulheres dos homens negros que não tinham ou tem o mesmo *status* de privilégio de mulheres ou homens brancos e os espaços tinham sociabilidades distintas baseadas também na cor da pele. Segundo Ratts:

É necessário evidenciar que considero que as relações raciais têm uma nítida dimensão espacial, assim como as relações de gênero são construídas em âmbitos espaciais sobremaneira definidos. Dizendo de outra maneira, os espaços privados e públicos são vividos diferencial e desigualmente por homens e mulheres, qualificando uns de masculinos e outros de femininos, e por negros e brancos.<sup>11</sup>

A questão racial nos cordéis já é debatida por pesquisadores há algum tempo, em trabalho de 1976, analisando alguns cordéis da região nordeste, Clóvis Moura demonstrou aquilo que ele chamou de "o preconceito de cor na literatura de cordel" constatando o *status* dos negros nos folhetos (25 folhetos), sendo estes sistematicamente inferiorizados em relação aos brancos e ridicularizados pelos autores de forma pejorativa. O autor destaca que uma das

<sup>10</sup> DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

<sup>11</sup> RATTTS, Alecsandro J P. *Gênero, Raça e Espaço: trajetórias de mulheres negras*. In: XXVII Encontro Anual das Anpocs. Disponível em: [https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2015/08/ARatts\\_Genero.pdf](https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2015/08/ARatts_Genero.pdf)

formas de inferiorização era: a mulher negra sendo representada apenas como objeto sexual do homem branco. Moura faz uma ligação com o regime escravagista e reflete como desde a sociedade escravocrata a mulher negra vem sendo coisificada.<sup>12</sup>

Outro estudo que trata da mulher negra na literatura de cordel é a tese de doutorado de Francinete Fernandes de Souza, utilizando um corpus documental de 36 folhetos nordestinos, mas especificamente do Acervo da Biblioteca Átila Almeida da Universidade Federal da Paraíba, a autora destaca assim como Moura, a sexualização da mulher negra pelos cordelistas tentando demonstrar por meio dos cordéis a construção de um imaginário e memória acerca da mulher negra<sup>13</sup>. Nos folhetos pesquisados neste trabalho foram encontradas algumas representações que inferiorizam pessoas negras e estas imagens são colocadas quase sempre de maneira pejorativa. Um dos cordéis da década de 1930 que exemplifica esse contexto é intitulado "Diálogo entre Cego Aderaldo e Juca Mole".:

Mais vale cego com honra  
do que um preto ladrão  
eu sou cego, mas sou gente  
preto não têm distinção<sup>14</sup>

Neste trecho, é possível observar a marginalização do indivíduo negro, retratado como um ladrão e desprovido de humanidade pelo autor. Em alguns cordéis analisados, foi recorrente essa representação dos negros, associando-os a imagens negativas, como a de criminosos. No folheto *O crime das duas malas* o cordelista em dado momento versa o seguinte:

Irene perdeu a vida  
Às mãos negras de um sicário  
Que durante muitos anos  
Fez de um lar seu templário,  
Onde outrora confessou-lhe  
Um amor extraordinário.

O autor continua:

Mas a Justiça de Deus

---

<sup>12</sup> MOURA, Clóvis. *O preconceito de cor na literatura de cordel*. São Paulo: Resenha Universitária, 1976, p. 25.

<sup>13</sup> SOUSA, Francinete Fernandes de. **A mulher negra mapeada**: trajeto do imaginário popular nos folhetos de cordel. 2009. 256 f. Tese (Doutorado Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

<sup>14</sup> AMARAL, Firmino Teixeira do. . *Debate do Cego Aderaldo com Juca Mole primo do Zé Pretinho*. Belém: Guajarina, 1937.

nunca falta neste mundo;  
 ela vem e se descobre  
 o mistério mais profundo;  
 e o criminoso aparece  
 com seu perfil negro imundo.

Há uma problematização necessária em relação ao uso de expressões como "perfil negro imundo", que carrega uma forte conotação racial negativa. Esse tipo de linguagem reforça estereótipos racistas, associando a cor negra à criminalidade e à imundície, algo que perpetua preconceitos e discriminações estruturais. Do ponto de vista crítico, é importante considerar o contexto em que esses cordéis foram escritos, muitas vezes refletindo os valores e preconceitos de sua época. Embora não seja o foco central deste trabalho, é relevante ressaltar que os cordéis pesquisados frequentemente apresentam representações sobre raça, atribuindo aos negros condições de inferioridade em relação à representação de pessoas brancas, a cor era e ainda é um marcador social importante, pois homens e mulheres negros retomando Clóvis Moura<sup>15</sup> tinham uma condição inferior na literatura de cordel se comparado aos brancos.

Helena era possuidora  
 de uma grande beleza,  
 admirava aos que viam  
 a sua delicadeza,  
 só sendo mesmo uma obra  
 da Divina Natureza

Tinha os cabelos louros,  
 E tinha a cor do jasmim,  
 Os olhos eram uns brilhantes  
 Os dentes como marfim,  
 Beleza como a de Helena  
 Nunca se viu outra assim.

O Padrinho deste anjo  
 Chamava-se Vicente Quirino<sup>16</sup>

É possível supor novamente partindo deste trecho que a cor da pele era um marcador social nos folhetos, neste caso “cor de jasmim” pode ser uma referência à flor de jasmim, sendo esta da cor branca. A mulher descrita como possuidora de grande beleza tinha uma cor, branca. Nesse sentido Conceição Evaristo afirma “a literatura surge como um espaço

---

<sup>15</sup> *Ibidem; idem p.15*

<sup>16</sup> AMARAL, Firmino Teixeira do. *Sofrimentos de Helena*. Belém: Guajarina, 1941.

privilegiado de sentidos” e ainda, “desde a sua formação até a contemporaneidade, apresenta um discurso que insiste em proclamar, em instituir uma diferença para a mulher negra.”. Mas adiante neste trabalho refletiremos sobre como a literatura de cordel atrela as mulheres ao lar e ao casamento, mas para Evaristo, as mulheres negras não aparecem representadas na literatura nem mesmo no papel de mãe, para a autora existe a não representação materna para a mulher negra na literatura brasileira<sup>17</sup>. Nos cordéis, pelos indícios apresentados, estamos tratando de representações sociais que descrevem geralmente mulheres brancas.

Nesse sentido, ainda sobre a representação social, Roger Chartier afirma que, representação é como o individuo aprecia o real<sup>18</sup>, representar é para Chartier algo que parte da prática social, de um registro concreto, ou seja, a sua percepção de mundo se dá através da representação, o ser humano não existe sem representar, mas além disso há a importância daquilo que se representa, pois para o autor a representação impõe autoridade sobre o outro, nossas escolhas e condutas são legitimadas através da nossa representação do mundo. Por isso, enquanto indivíduos é importante pensar sobre como estamos representando algo ou quais representações consumimos e estamos rodeados, pois imagens se proliferam. No caso desta pesquisa, quais imagens sobre o feminino foram proliferadas pelos cordelistas? Essa é a discussão que norteia esta pesquisa.

Como demonstrado, a literatura pode apresentar em seu conteúdo uma construção imagética do feminino na sociedade. Há uma estrutura social que corroborou durante muito tempo para delegar as mulheres determinados espaços, uma política que influenciou e continua influenciar a vida de muitas mulheres é o patriarcalismo, a política do patriarcalismo é um agente importante na construção dessa estrutura social. As perspectivas mais proeminentes nas pesquisas sobre representações femininas na literatura de cordel são as que destacam a influência de uma sociedade patriarcal e da religião nos folhetos, por isso, neste momento discorressem sobre tais influentes. Em relação ao olhar patriarcal sobre a vida das mulheres, levando em consideração o patriarcado como um sistema social onde homens adultos possuem o poder primário sobre mulheres e crianças, ou seja, essa formação social baseia-se na autoridade do homem, do pai, do chefe de família sobre a vida das mulheres. Apesar de “patriarcado” ser uma palavra bastante antiga, no fim do século XIX ela ganha uma

---

<sup>17</sup> EVARISTO, Conceição. *Da representação à auto-representação da mulher negra na literatura brasileira*. In: Ensaio, Revista Palmares, 52-54, 2005.

<sup>18</sup> CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990. pp. 16-17.

ressignificação e nos anos de 1970 passa a ter essa definição de sistema, de instituição, isso acontece sob a influência da segunda onda feminista do Ocidente.

Esta influência feminista sobre o conceito de patriarcado é uma releitura necessária, já que o patriarcado pode parecer algo distante da democracia liberal, pois é um termo muito usual para definir sociedades monárquicas, por exemplo. É como se o patriarcado tivesse sido extinto nas sociedades modernas, considerando que no capitalismo os indivíduos são tidos como autônomos sem um protetor para interferir suas escolhas. As teorias feministas se diferem das teorias liberais nas ciências sociais quando afirmam que o patriarcado existe nas sociedades modernas e no capitalismo, não com as mesmas formas de privação sobre a vida das mulheres, porém como novos mecanismos que continuam a reprimir direitos às mesmas contemporaneamente.

Ágnes Heller ajuda na compreensão de tal discussão, pois, trabalha o conceito de patriarcado a partir de sua crítica ao capitalismo e à dominação social. Ela considera que o patriarcado, enquanto sistema de dominação masculina sobre as mulheres, está profundamente entrelaçado com as estruturas de poder e de exploração econômica na sociedade. Para ela, as relações de gênero não podem ser analisadas isoladamente das relações econômicas e sociais. Heller adota uma perspectiva que considera as opressões de classe, gênero e raça como interconectadas, ressaltando como as instituições sociais (família, mercado de trabalho, governo, etc.) perpetuam a subordinação das mulheres.

Ela não vê o patriarcado apenas como uma estrutura de dominação, mas também como um sistema ideológico que molda as expectativas sociais em relação ao papel das mulheres e dos homens na sociedade. Nesse sentido, o patriarcado se manifesta nas normas culturais, nos mitos e nas representações que atribuem valores distintos às mulheres e aos homens. Além disso, a análise de Heller sobre o patriarcado é muitas vezes inserida em uma crítica ao iluminismo e ao modernismo, que, embora proponham uma emancipação universal, não conseguem descolonizar o gênero e continuam reproduzindo formas de opressão, particularmente em relação às mulheres<sup>19</sup>.

As representações femininas nos cordéis que confinam a mulher ao espaço doméstico contribuem para a manutenção de estereótipos que ainda hoje afetam a imagem da mulher contemporânea. Essas narrativas reforçam a ideia de que o papel principal da mulher é o de dona de casa, esposa e mãe, vinculando sua identidade e valor exclusivamente à esfera

---

<sup>19</sup> Ver mais em: HELLER, Agnes. *A Crise da Família*. [S.L.]: Editora Paz e Terra, 1971.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. 11ª ed. São Paulo / Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

privada e à submissão às expectativas patriarcais. Ao retratar a mulher como naturalmente destinada ao cuidado do lar e da família, esses cordéis perpetuam a visão de que a mulher deve ocupar uma posição secundária em relação ao homem, cuja função estaria associada ao espaço público, ao trabalho e à liderança.

Essa dicotomia entre os papéis femininos e masculinos gera desigualdades que perduram nas sociedades contemporâneas, diferenciando os sexos de forma estrutural. Enquanto os homens são encorajados a buscar autonomia, sucesso profissional e participação ativa na vida pública, as mulheres, historicamente, são ensinadas a se dedicar à família e a moldar suas ambições em torno das responsabilidades domésticas. Essa distinção reforça a noção de que o espaço público pertence aos homens, enquanto o privado é o domínio das mulheres. Essas representações também contribuem para a divisão sexual do trabalho, dificultando a plena inserção das mulheres no mercado de trabalho e limitando seu acesso a cargos de liderança e poder. As expectativas culturais moldadas por essas narrativas têm implicações diretas na forma como a mulher contemporânea é percebida e tratada, reforçando desigualdades de gênero e perpetuando a subordinação feminina em diversos âmbitos da sociedade.

A crítica a essas representações é crucial para desafiar as normas de gênero tradicionais e abrir espaço para uma concepção mais igualitária dos papéis de homens e mulheres, tanto no âmbito privado quanto no público. Ainda sobre o conceito de gênero, sua gênese está muito relacionada ou mesmo é sinônimo de mulher, por gênero ter sido inicialmente utilizado por feministas para demarcar a desigualdade entre os sexos<sup>20</sup>, entretanto com o decorrer de seu uso notou-se ser imprescindível que gênero trate de experiências de homens e mulheres. O conceito de patriarcado auxilia na compreensão da questão de gênero, pois para as teóricas feministas existe uma influência do sistema patriarcal que privilegia o olhar do homem sobre o que é ser uma mulher na sociedade, porém este mesmo olhar também condiciona o homem em certos papéis sociais como será refletido mais a frente.

Neste sentido história e literatura nesta pesquisa se aproximam, mas este abeiramento merece ser brevemente esclarecido. Há uma discussão entre historiadores sobre tais campos de pesquisa, este trabalho utiliza fontes literárias, nesse sentido, os cordéis serão a base documental da pesquisa. Os debates sobre tal temática não questionam a literatura como fonte

---

<sup>20</sup> Ver mais em: ABREU, Carla ; NAJJAR, Carmita; SPIZZIRRI, Giancarlo. **O termo gênero e suas contextualizações**. Programa de Estudos em Sexualidade (ProSex) do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. In: Revista Diagnóstico & Tratamento, Volume 19, Edição 1, 42-44, 2014.

histórica, mas como narrativa. Para o historiador Hayden White o texto histórico é uma espécie de artefato literário, ou seja, historiadores e literatos escrevem ficção, deste modo ao associar história e literatura acredita que a escrita da história é um artefato literário, ou seja, igualando o texto de um historiador ao texto de um literato, fazendo parecer que a história é somente retórica. Em seu polêmico ensaio *O texto histórico como artefato literário*, Hayden White afirma:

Mas de um modo geral houve uma relutância em considerar as narrativas históricas como aquilo que elas manifestamente são: ficções verbais cujos conteúdos são tanto inventados quanto descobertos e cujas formas têm mais em comum com os seus equivalentes na literatura do que com os seus correspondentes nas ciências<sup>21</sup>

Para White, o historiador não possui fatos reais, por isso a sua interpretação do passado é de certa forma uma ficção. Uma das principais observações de White sobre os historiadores é que eles não são meros "árbitros neutros da verdade", como frequentemente se supõe. Em vez disso, eles são "narradores" que constroem narrativas históricas usando uma variedade de recursos literários, como metáforas, analogias, tropos narrativos e figuras de linguagem. White argumenta que os historiadores inevitavelmente moldam suas narrativas de acordo com suas próprias perspectivas, valores e intenções, e que a objetividade completa na escrita da história é impossível de alcançar.

Nesse sentido ou oposto a White, o historiador Carlo Ginzburg<sup>22</sup> afirma que historiadores e romancistas se distanciam em seus ofícios. Ginzburg argumenta que, embora historiadores e romancistas possam se inspirar mutuamente e compartilhar algumas técnicas narrativas, suas abordagens e objetivos fundamentais os distinguem. Enquanto os historiadores se comprometem com a precisão factual e a análise crítica das fontes, os romancistas têm mais liberdade para criar mundos e personagens fictícios, explorando questões humanas de uma maneira mais imaginativa. Ao trabalhar com a literatura como fonte para compreensão do passado, estamos lidando não com a realidade como ela foi, mas com

---

<sup>21</sup> WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. 2 ed. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014, p. 98.

<sup>22</sup> Ver mais em: GINZBURG, Carlo. *O Fio e os Rastros: Verdadeiro, Falso, Fictício*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.



uma interpretação dela por meio dos cordelistas. Tratando-se da visão de mundo específica de autores que escreveram seus folhetos em uma dada realidade social.

A intenção desta pesquisa é explorar os cordéis, e para isso, é necessário contextualizar tais fontes e sua relação com o mundo social que está em sua volta. Desta maneira, considerando que o literato se difere do historiador e a literatura da história, com as devidas proporções o cordelista também abordou a realidade em seus cordéis. Tanto White quanto Ginzburg enfatizam que a escrita da história é uma forma de interpretação, sujeita à perspectiva e aos valores do historiador. Isso também é evidente na literatura de cordel, onde os poetas com sua escrita frequentemente interpretam eventos históricos, mitos e lendas, a realidade social de acordo com suas próprias visões de mundo e contextos culturais.

Explorar as representações femininas nos textos dos cordéis é uma escolha relevante tanto para os estudos de gênero quanto para a análise da cultura popular. Os cordéis, como forma de literatura popular, são espelhos das normas, valores e dinâmicas de poder presentes nas sociedades em que foram produzidos. Ao analisar as representações das mulheres nesses textos, é possível revelar como as relações de gênero são narradas e perpetuadas, além de evidenciar as ideologias que moldaram o papel social da mulher ao longo da história. Esse tipo de estudo permite uma compreensão mais profunda sobre a construção das identidades femininas e das dinâmicas de poder entre os gêneros.

Historicamente, a participação feminina na criação dos cordéis foi limitada, e as mulheres, muitas vezes, foram retratadas de maneira estereotipada ou subordinada. A análise dessas representações, portanto, busca resgatar as vozes e experiências femininas que foram marginalizadas ou silenciadas nos textos. Tal abordagem não só preenche lacunas nos estudos literários, mas também contribui para uma visão mais inclusiva da cultura popular, oferecendo uma perspectiva crítica que desafia as visões tradicionais. Além disso, o estudo das representações femininas nos cordéis se insere em um campo mais amplo dos estudos de gênero, permitindo expandir o entendimento sobre como os estereótipos de gênero foram construídos e perpetuados. Cordéis que retratam as mulheres como figuras restritas ao espaço doméstico, por exemplo, ajudam a esclarecer as raízes culturais de normas que ainda influenciam a percepção e os papéis das mulheres na sociedade contemporânea. Isso reforça a relevância de analisar essas narrativas populares, uma vez que elas moldam e refletem o imaginário coletivo, e podem, inclusive, influenciar a construção das identidades de gênero nos dias atuais.

Por fim, essa pesquisa oferece originalidade ao abordar um tema que, até então, recebeu menos atenção na academia. Tradicionalmente, a literatura de cordel foi analisada sob

uma ótica predominantemente masculina ou a partir de questões gerais, sem uma atenção detalhada às mulheres como protagonistas ou objetos de representação. Ao focar nas imagens femininas, a análise contribui não apenas para o resgate histórico das mulheres na cultura popular, mas também para a reflexão crítica sobre como essas representações influenciam as relações de gênero ao longo do tempo

Ainda, a abordagem metodológica das fontes se deu por meio da análise em série dos cordéis da Editora Guajarina que esteve em atividade em Belém do Pará durante a primeira metade do século XX. Tivemos acesso a eles no acervo da Biblioteca do Museu da Universidade Federal do Pará, os cordéis são as fontes principais deste trabalho, mas também o cruzamos com outras como jornais, revistas, músicas, literatura. Diante do exposto, a dissertação foi organizada em três capítulos. O primeiro O primeiro capítulo apresenta o contexto histórico e cultural da literatura de cordel no Pará, enfatizando sua introdução pela migração nordestina e o papel da Editora Guajarina (1914-1949) na disseminação desse gênero. Discutindo o impacto das migrações e a adaptação do cordel à realidade amazônica, o texto destaca como os cordéis dialogavam com as questões cotidianas da sociedade belenense. Este capítulo estabelece a base para a pesquisa ao posicionar o cordel como uma fonte histórica valiosa, capaz de refletir dinâmicas sociais, culturais e econômicas que influenciaram as representações de gênero analisadas nos capítulos seguintes.

O segundo busca compreender as representações femininas inseridas nos cordéis e como estas aparecem principalmente ligadas à vida a dois e ao casamento e à domesticidade. Discute como os folhetos idealizavam o amor e o casamento, apresentando a mulher como figura submissa e central no espaço privado. Também aborda a "mulher moderna", inserindo debates sobre as mudanças nas expectativas femininas no período. A análise revela que, apesar de variações, os cordéis geralmente reforçavam papéis tradicionais de gênero. O terceiro capítulo amplia a análise das representações femininas ao abordar figuras como sogras e pais autoritários, além do pioneirismo de Maria das Neves Batista como cordelista. Investiga as raras narrativas que escapam à idealização do casamento e apresenta as dificuldades enfrentadas por mulheres na literatura de cordel, especialmente em um ambiente literário dominado por homens. Essa discussão complementa os capítulos anteriores ao introduzir a resistência feminina dentro e fora das narrativas cordelísticas, reforçando a ideia central de que os cordéis foram tanto veículos de estereótipos quanto espaços para manifestações de transgressão.

## **CAPÍTULO 1**

### **CORDEL: FIOS DE HISTÓRIAS E PESQUISA**

## 1.1 A Literatura de Cordel no Pará

A discussão regional sobre a literatura de cordel é fundamental por várias razões, tanto cultural quanto acadêmica. Ao abordar o cordel dentro de um contexto regional, é possível valorizar a identidade cultural local, destacando como essa forma de expressão preserva e transmite as tradições, crenças e costumes de uma determinada comunidade. Focar na análise regional permite reconhecer as especificidades que moldam o cordel, fortalecendo as narrativas e valores que definem a identidade de uma região. Além disso, a literatura de cordel, especialmente em regiões como o Nordeste e Norte do Brasil, frequentemente aborda temas diretamente ligados à realidade local, como questões sociais, políticas e econômicas que afetam essas populações. Ao discutir o cordel em uma perspectiva regional, podemos explorar essas temáticas com maior profundidade, revelando como as histórias e personagens refletem os desafios e aspirações dos habitantes.

A literatura de cordel também desempenha um papel crucial na ressignificação de narrativas históricas, especialmente no contexto regional. Muitas vezes, os cordéis oferecem uma visão alternativa da história oficial, trazendo à tona figuras heroicas locais, lutas populares e eventos que não receberam destaque nas narrativas dominantes. Dessa forma, o cordel contribui para a historiografia regional, oferecendo uma perspectiva "de baixo", que representa a voz dos grupos populares. Discutir o cordel em um contexto regional é também uma maneira de reconhecer e valorizar a produção literária local, muitas vezes pouco conhecida fora das próprias comunidades. Ao dar visibilidade aos cordelistas e às suas obras, esse tipo de análise contribui para a preservação do patrimônio cultural imaterial e incentiva a continuidade da produção literária tradicional, que enfrenta ameaças diante da globalização.

E ainda, análise regional do cordel não se limita ao local, mas também abre possibilidades de diálogo com questões globais. A resistência cultural, os impactos da globalização e a preservação da identidade são temas universais que podem ser refletidos nas narrativas locais do cordel. Dessa forma, ao discutir o cordel em uma perspectiva nortista, é possível conectar o local com o global, mostrando como essa forma literária popular dialoga com questões amplas e contemporâneas. Sendo assim, a importância de uma discussão regional sobre a literatura de cordel está em sua capacidade de valorizar a diversidade cultural, compreender as particularidades locais e promover um entendimento mais profundo das tradições e identidades regionais. Essa análise enriquece o campo dos estudos literários e fortalece o reconhecimento do patrimônio cultural das comunidades onde o cordel está inserido.

A relação entre o Pará e a literatura de cordel decorre do considerável fluxo migratório de nordestinos para a região amazônica, impulsionado pelas grandes secas que assolaram a população do sertão. A partir de 1877, esse movimento populacional foi tão significativo que dobrou o contingente de habitantes no Pará até o final do século XIX. Os nordestinos eram atraídos pela perspectiva de uma vida melhor, especialmente durante os períodos de prosperidade da economia da borracha, que incentivava a migração para os seringais e as plantações. Mesmo após a crise econômica, quando os seringais deixaram de ser tão lucrativos, a migração dessa população para o Estado nortista continuou expressiva, contribuindo para a criação de um ambiente propício à disseminação da literatura de folhetos.

Os folhetos utilizados neste trabalho estão inseridos regionalmente em um momento posterior ao ápice da economia gomífera em Belém e das glórias proporcionadas pela borracha, ao menos para a camada mais abastarda da população. Brevemente nas próximas linhas um contexto é desenhado para situar o leitor sobre o período de atividades da editora Guajarina (1914-1949). O apogeu econômico da borracha na Amazônia proporcionou o momento conhecido como *Belle Époque da Amazônia*. Foi no ano de 1914 que editora Guajarina surgiu e conseguiu se estabelecer, ou seja, em meio a um cenário delicado da economia paraense em virtude da chamada crise da borracha. Em sua prosperidade, os negócios provenientes da extração do látex fizeram com que Belém tivesse seu cenário urbano modelado com base em padrões europeus. Para Geraldo Mártires Coelho<sup>23</sup> tal momento é entendido “como a manifestação da Idade de Ouro da cultura urbana da burguesia contemporânea, e cujos quadros tradicionais [...] remetem para a Paris do final do século XIX e começo do XX”.

O capitalismo com seus efeitos regionais a partir do processo acelerado das fábricas americanas e europeias dependentes da borracha enviada da região amazônica para sua produção, significou lucro para donos de seringais, estes enxergaram por meio do extrativismo a prosperidade econômica. Mas a competição capitalista fez com que o mercado internacional esmagasse os barões da borracha da Amazônia, a Malásia foi concorrente direta do látex dos trópicos e com a exploração de suas florestas nativas passou a comercializar sua matéria bruta por um preço mais baixo no mercado, em 1912, no auge da crise a região amazônica antes tão próspera em decorrência da exploração da borracha enfrentava sua decadência e teve que lidar com o “marasmo característico das terras que viveram um fausto

---

<sup>23</sup> COELHO, Geraldo Mártires. *Belém e a Belle Époque da Borracha*. In: Revista Observatório, Palmas, v. 2, n. 5, p. 32-56, set./dez. 2016.

artificial”<sup>24</sup>.

Nos anos seguintes a situação piora, a estagnação econômica chega e apesar de políticas dos governos para ajudar na situação as melhoras não são efetivas, então as décadas de 1920 e 30 são de decadência; é na última década da metade do século que a situação volta a melhorar, mas nada comparado aos anos de esplendor da borracha. Os últimos anos da Editora Guajarina, no início da década de 40 com uma guerra mundial acontecendo, as publicações eram poucas em meio às dificuldades financeiras e o cenário da vida literária local era precário<sup>25</sup>, a Editora resiste até o ano de 1949. O encerramento da Guajarina é associado ao fim da vida de seu Editor Francisco Lopes, pois, sua figura centralizava as atividades da editora então “a morte do editor representava também a morte da empresa”<sup>26</sup>. Lopes faleceu em 1946 e a editora faliu em 1949.

Mas, a primeira metade do século XX deve ser vista para além da fase de decadência da economia gomífera, os habitantes da região amazônica antes economicamente favorecida vivenciam esse momento de múltiplas percepções cotidianas, certamente havia a nostalgia do esplendor da borracha, mas também havia o olhar para o futuro<sup>27</sup>. Então no início do século XX, Belém tem uma população que em relação ao início do século anterior cresceu consideravelmente por conta da chegada de diversos habitantes, seja das migrações do nordeste para região norte do país ou por outras políticas migratórias<sup>28</sup>.

Este breve contexto diz respeito também à circulação da literatura de cordel, ao chegar ao território paraense ocorre o que Vicente Salles<sup>29</sup> denominou de “aceitação e incorporação do modelo” resultando em produtos literários híbridos provenientes das relações entre o Norte e o Nordeste, o cantador e poeta nordestino por conta do movimento migratório para o interior da Amazônia transplantam o modelo nordestino. O intercâmbio cultural a partir da poesia e das cantorias marcou presença nesse movimento, poetas narravam inclusive como era a vida

---

<sup>24</sup> SOUZA, Márcio. *Breve História da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 1994.

<sup>25</sup> COELHO, Marinilce Oliveira. *Geração dos Novos de Belém do Pará*. In: COELHO, Marinilce Oliveira. *Memórias Literárias de Belém do Pará: O Grupo dos Novos, 1946-1952*. Campinas, SP: [s.n], 2003.

<sup>26</sup> MELO, Rosilene Alves de. *Arcanjos do verso: trajetórias da literatura de cordel*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2010, p.69.

<sup>27</sup> CHAVES, Túlio Augusto Pinho de Vasconcelos. **Apresentação**. In: CHAVES, Túlio Augusto Pinho de Vasconcelos. *O Plano de Urbanização de Belém: Cidade e Urbanismo na Década de 1940*. Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

<sup>28</sup> LACERDA, Franciane Gama; SARGES, Maria de Nazaré. *De Herodes para Pilatos: violência e poder na Belém da virada do século XIX para o XX*. In: Projeto História, PUCSP, v. 38, p. 161–178, 2009.

<sup>29</sup> *Idem; Ibidem* p. 7

nos seringais, alguns autores chagaram a visitar o Pará, como é o caso do escritor Cego Aderaldo. Salles<sup>30</sup> informa que este esteve no Pará por volta de 1919 e publica na editora Guajarina. Outro cordelista que conta sua vivência na Amazônia e nos seringais é Firmino Teixeira do Amaral no cordel publicado em Belém em 1916: *Despedida do Piauí / O rigor no Amazonas*, o poeta viveu seis anos nos seringais. E tantos outros poetas nordestinos visitaram o Pará, chegando alguns inclusive a morar definitivamente no Estado.

Vou manifestar ao publico  
Um pouquinho da historia  
Da vida do Amazonas  
O que gravei na memoria  
Aonde estive seis anos;  
Fui feliz contar victoria

Lá bebi gota de fel,  
Daquelle bem amargoso,  
Dei graças a Deus sahir,  
Me julgo bem venturoso;  
Hoje sei que o Amazonas  
É um sonho, enganoso!

Até mesmo os patrões  
Que se aviam na praça  
Hoje já perderam o crédito  
Estão roendo a desgraça;  
Fregueses lhe dão banana  
Quando algum por elle passa.

O cordel apresentado, que trata da vida nos seringais da Amazônia durante a época da extração da borracha, oferece uma visão crítica e amarga dessa experiência, contrastando com o mito da "Belle Époque amazônica", período de prosperidade econômica impulsionada pelo ciclo da borracha. Embora essa fase tenha trazido riqueza para a região, sobretudo para os grandes empresários, o poema revela o outro lado da história: a realidade dos trabalhadores que enfrentaram condições duras e ilusões de progresso. Logo no início, o cordelista afirma que vai compartilhar suas memórias do Amazonas, indicando uma perspectiva pessoal e vivida. Ao mencionar que passou seis anos na região, ele dá a entender que sua visão é baseada em uma experiência direta e, portanto, autêntica. No entanto, essa vivência foi marcada por sofrimento, evidenciado na expressão "bebi gota de fel", simbolizando amargura e desencanto. O narrador se sente aliviado por ter saído da região, mostrando que, em vez de uma vida promissora, os seringais foram fonte de dificuldades.

---

<sup>30</sup> *Idem; Ibidem p. 7*

O tom do cordel é de denúncia, e o Amazonas, que outrora foi visto como uma terra de oportunidades, é descrito como um "sonho enganoso". Essa metáfora critica a idealização da exploração da borracha, sugerindo que as promessas de sucesso e riqueza eram ilusórias, tanto para os seringueiros quanto para os patrões. O verso "Até mesmo os patrões [...] estão roendo a desgraça" indica que, com o declínio do ciclo da borracha, não apenas os trabalhadores sofreram, mas também os empresários que anteriormente lucravam. Esse verso subverte a hierarquia tradicional, mostrando que até os poderosos enfrentaram tempos difíceis, desafiando a ideia de que o ciclo da borracha trouxe benefícios duradouros.

O cordel também menciona a perda de prestígio dos patrões: "Já perderam o crédito / Estão roendo a desgraça". Esse trecho sugere que o sistema econômico que sustentava a exploração da borracha entrou em colapso, afetando até aqueles que controlavam os seringais. A "banana" mencionada no final representa o desprezo que os fregueses agora sentem pelos antigos patrões, uma inversão de poder que revela o fracasso do modelo econômico e social que sustentava a extração da borracha. Portanto, o cordel reflete a dura realidade dos seringueiros e denuncia as contradições da Belle Époque amazônica. O que para muitos foi um período de glória e riqueza, para os trabalhadores como o narrador, foi um tempo de exploração e desilusão. Esse tipo de narrativa popular é valioso porque oferece uma visão "de baixo", em contraste com as narrativas glorificadas da elite, expondo as injustiças e a exploração vivida no coração da floresta amazônica durante o ciclo da borracha. O poeta continua:

A crise está medonha,  
 Por lá e no mundo inteiro;  
 Os patrões roubam demais;  
 Borracha não dá dinheiro  
 Quem em onze não saíu  
 Hoje está prisioneiro.

Muitos filhos que deixaram  
 Seus paes e irmãos queridos  
 O amor da rica pátria  
 A onde foram nascidos  
 Hoje já choram de balde  
 Tristes e arrependidos.

Muitos moços educados  
 De certa categoria,  
 Cahindo no Amazonas,  
 No seio da Tyrannia  
 Dos patrões, almas de rato...  
 Digam adeus – “até um dia!”

Patrão só é muito bom,



Estando aqui no Pará,  
 Illudindo a humanidade  
 Gabando a vida de lá  
 Falando a torto e a direito  
 Do viver do Ceará.

Diz que tem seringal bom  
 Para quem quer trabalhar  
 E promette bons empregos  
 Para quem não quer cortar;  
 Oferece boa boia  
 E casa para morar.

Diz: - Eu zelo o interesse  
 Dos mais baixos empregados,  
 Quando trabalham dez meses  
 Têm três contos apurados;  
 Voltam para suas terras  
 E vão viver descansados.

Lá só não junta dinheiro  
 É aquelle que não quer,  
 Dinheiro lá corre franco,  
 Para menino e mulher;  
 Meu pagamento é certo  
 Para quem saldo tiver.

Os patrões dizem assim  
 Quando querem iludir,  
 Mostram vantagem ao freguez  
 Para com elle subir;  
 Para ir é muito fácil  
 O diabo é para vir.

Quem se fiar nessas lôas  
 Lá verá no fim do anno:  
 O mel transformado em fel  
 A esperança em engano  
 E o seringueiro dizer:  
 - Ah! Coração de tyranno!...

Os que deixam suas terras  
 Aonde foram criados,  
 Queridos de seus amigos,  
 Dos parentes estimados,  
 Se julgam no Amazonas  
 Os mais desaventurados!

Lá vão comer o que nunca  
 Comeram em toda vida,  
 É quando vão conhecer  
 O amor de mãe querida  
 A esperança de ve-la  
 Já julgam quase perdida!

Vão chorar arrependidos  
 A hora do nascimento,  
 Maldizem a cruel sorte

Pelo atroz sofrimento  
E esperem na barraca  
A morte em cada momento!

[...]  
Quem de lá volta com vida  
E quatro contos na mala,  
Escapou do beribéri  
Da emboscada da bala,  
Pode crer que todo dia  
Com Deus e os anjos fala.

Quem volta do Amazonas  
Com dinheiro e com saúde,  
E tão feliz quanto Lazaro  
Que coberto de virtude  
Ergueu-se em nome de Deus  
Já morto na ataúde.

Lá luctei e tive sorte  
Em sahir de tal cadeia,  
Porque lá vi se matar  
Gente no rigor da peia!  
Fui tão feliz quanto jonas  
No ventre duma baleia.<sup>31</sup>

Esse período de migração nordestina possui uma produção de folhetos denominada *o ciclo do seringal*, cordéis que narram à experiência migratória e da vida nos seringais. Novamente demonstra-se que a ligação do cordel com a vida cotidiana, apesar da literatura não ter um comprometimento com a veracidade é possível encontrar indícios dela em textos literários sobre tal questão Roger Chartier indica:

Não é por isso que situações mostradas devem ser tomadas por situações reais, ou mesmo possíveis, mas essa proximidade supõe que os modos de percepção de recorte do mundo social atribuídos aos personagens de ficção sejam compreensíveis, decifráveis, verossimilhantes para os espectadores que os vêem agir.<sup>32</sup>

Ainda para Chartier os textos literários podem expor os princípios contraditórios do mundo social, os indivíduos por meio de tais escritos classificam os outros, ao mesmo tempo que estão classificando-se. Deste modo, os cordelistas e suas representações de mundo diz

<sup>31</sup> *Despedida do Piauí – O Rigor do Amazonas*. Pará: Typ. Delta – Casa Editora<sup>31</sup>, 1916, 15p. Cópia da col. Luyten

<sup>32</sup> CHARTIER, Roger. **Do palco à página**: publicar teatro e ler romances na época moderna. Tradução de Bruno Feitler. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002, p.9.

respeito tanto sobre os sujeitos que eles representam como sobre eles mesmos.

Na discussão sobre literatura de cordel é fundamental abordarmos sua nomenclatura. Alguns intelectuais debatem sobre o uso do termo "cordel", argumentando que ele pode desvalorizar a origem brasileira dessa expressão literária. Para esses pesquisadores o termo "cordel" tem origem em Portugal e a história dos folhetos brasileiros difere dos cordéis de origem ibérica. Aderaldo Luciano, em seu livro *"Apontamentos para uma história crítica do cordel brasileiro"*, critica essa visão argumentando que o cordel brasileiro deve ser integrado ao panorama poético nacional, contrariando os argumentos de outros intelectuais, o autor enfatiza a importância de vincular o cordel brasileiro ao conjunto da poesia nacional<sup>33</sup>.

Para Aderaldo Luciano, a literatura de cordel merece ser reconhecida e seus cordelistas devem ser colocados em pé de igualdade com os poetas clássicos da literatura nacional. No entanto, a realidade é que os manuais de literatura brasileira têm ignorado importantes cordelistas como Leandro Gomes Barros, ou seja, o cânone literário não reconheceu durante muito tempo a importância de grandes nomes da literatura de folhetos. Uma de suas críticas está relacionada à origem ibérica do termo "cordel", o autor infere que o termo é inadequado para descrever os folhetos brasileiros, pois são fenômenos distintos, com mais divergências do que semelhanças entre eles<sup>34</sup>.

Outra autora que trata de tal questão é Marcia Abreu, para a pesquisadora esse pressuposto da origem ibérica dos folhetos é uma espécie de “mito do colonizador”<sup>35</sup>, pois as produções que fogem do padrão culto europeu são consideradas obras menores, folclóricas e vinculadas à cultura popular. Folcloristas e críticos corroboraram essa noção quando buscaram relacionar as produções brasileiras com uma origem similar europeia, ou seja, para eles o folheto brasileiro deve possuir uma relação de origem com Portugal, pois segundo Abreu o colonizado é visto como desprovido de capacidade de produção intelectual, sendo culturalmente vazio, seu trabalho é apenas uma cópia mal feita de uma original europeia. Mas, a autora afirma que homens pobres nordestinos foram capazes de produzir uma literatura original que requer talento para sua criação e é uma expressão literária rica.

Portanto, tal reflexão sobre a nomenclatura “cordel”, apesar de parecer uma discussão

---

<sup>33</sup> LUCIANO, Aderaldo. *Apontamentos para uma história crítica do cordel brasileiro*. Rio de Janeiro; São Paulo: Edições Adaga; Luzeiro, 2012, p.8.

<sup>34</sup> *Idem, Ibidem*, p.83

<sup>35</sup> Abreu, Márcia. *Histórias de cordéis e folhetos / Márcia Abreu Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999. (Histórias de Leituras).*

introdutória, se faz importante para a compreensão da popularização do termo “cordel” como definidor da cultura literária dos folhetos. Ao demarcar a literatura de cordel como uma literatura popular nesta pesquisa não se faz com a intenção de diminuí-la, somente se afirma que esta provém de interações com a vida cotidiana do povo, seus interesses e aspirações. Entretanto, isso não significa que a literatura de cordel não é erudita, apesar de ter sido marginalizada e, assim, excluída do/e pelo cânone literário brasileiro e regional durante muito tempo até seu reconhecimento como importante expressão literária. Como uma literatura proveniente da cultura popular, sua condição de erudita talvez tenha sido negligenciada, já que o que definiu erudição por muito tempo foi o que excluía a categoria popular.<sup>36</sup>

A literatura de cordel demonstra o caráter antagonico da cultura popular definido por Stuart Hall: “O essencial em uma definição de cultura popular são as relações que colocam a ‘cultura popular’ em uma tensão contínua (de relacionamento, influência e antagonismo) com a cultura dominante”<sup>37</sup>, o cânone literário não aceitou inicialmente em sua tradição as letras dos poetas populares, porém desconsiderar a influência de nomes como: Leandro Gomes de Barros, Patativa do Assaré, João Martins de Athayde, entre outros, seria negar a relevância e circulação vasta da literatura de cordel pelo Brasil. A região Norte é um desses locais onde os folhetos se estabeleceram e circularam em larga escala.

A nomenclatura “literatura de cordel” é atribuída aos estudos folcloristas, esse grupo é representado principalmente pelas teorias de Câmara Cascudo, apesar da relevância das pesquisas de tais intelectuais, a associação da literatura de folhetos como “literatura popular” ou do “povo” prejudicou a inserção da referida literatura no cânone literário brasileiro, pois o popular na época poderia ser visto como algo de segunda categoria. É importante observar que a literatura de folhetos, ao se espalhar para além da Europa, assume uma dinâmica particular em cada região, não sendo idêntica em nenhum lugar. Portanto, a experiência do cordel brasileiro difere daquela do cordel ibérico, embora existam semelhanças existem também diferenças entre esses escritos, enquanto em Portugal o cordel era produzido e consumido principalmente pela classe média, no Brasil ele surge como uma forma de expressão aliada às camadas populares.

---

<sup>36</sup> Durante muito tempo, a concepção clássica e dominante da cultura popular foi baseada na Europa e quem sabe nos Estados Unidos, em três ideias: que a cultura popular poderia ser definida por contraste com o que ela não era, a saber, a cultura letrada e dominante; que era possível caracterizar como “popular” o público de certas produções culturais; que as expressões culturais podem ser tomadas por socialmente puras e, para algumas dentre elas, como intrinsecamente populares. In: CHARTIER, Roger, 1945. *Formas e sentido. Cultura escrita, entre distinção e apropriação* / Roger Chartier: tradução Maria de Lourdes Meirelles Matencio - Campinas, SP: Mercado de letras: Associação de leitura do Brasil (ALB), 2003. - (Coleção Histórias de leitura).

<sup>37</sup> HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Humanitas, 2009, p. 241.

Além disso, as métricas dos cordéis portugueses também se distinguem daquelas dos folhetos brasileiros. Em outros países da América Latina, como México e Chile, esse tipo de literatura recebe outras denominações, como os "pliegos sueltos"<sup>38</sup>. Em resumo, as experiências relacionadas ao cordel são diversas e multifacetadas.

Outra reflexão importante ligada à literatura de cordel é sua herança oral, não há como desvincular as rimas dos folhetos de uma origem cantada. Os antecedentes da literatura de cordel escrita são os vaqueiros e cantadores nordestinos que versejavam e rimavam nos interiores do sertão, a influência das cantorias no cordel é, portanto, expressiva. A literatura oral pode ser definida por uma ausência de grafia, mas é possuidora de significados que podem ser transmitidos por outras possibilidades como o canto, a dança, a rima, o repente. Os folhetos impressos são possuidores de valores tradicionais herdados oralmente. No caso do Pará essa tradição oral também contribuiu para a disseminação da literatura de folhetos, na região do Marajó a *chula* é uma espécie de poesia, canto e dança que se demonstrou uma forte herança cultural oral e que vai influir na dispersão do cordel em território paraense. Outras expressões como *súcias e pagodes* reuniam pessoas no interior do Pará, próximo à calha do Tocantins, assim como a *desfeiteira* que era uma dança que incluía versos e também ocorria no golfo marajoara. Toda essa tradição oral é uma base regional para os cordelistas no Pará segundo Vicente Salles.

A importância da oralidade será percebida também no consumo da literatura de cordel, mais a frente nesta pesquisa serão demonstrados alguns relatos de consumidores dos folhetos na primeira metade do século XX, uma constante em suas memórias é o cordel sendo lido cantado ou rimado. Ou seja, a cantoria e a rima, são referências de oralidade constante no cordel. Não há como dissociar o rimado, o cantado e o escrito da referida literatura. Mas como a oralidade deita no papel e se torna literatura de cordel? A popularização da literatura de folhetos em sua forma impressa foi impulsionada pela modernização da imprensa nacional.

Na segunda metade do século XX no Brasil as tipografias tornaram-se obsoletas ou defasadas, o que possibilitou às camadas populares o acesso a tipos, caixotins e prelos manuais. Esse acesso às artes gráficas, devido à redução de custos foi possivelmente o que permitiu Francisco Lopes, que já havia trabalhado como operário gráfico, instalar sua própria tipografia, denominada Guajarina. A Editora Guajarina se firmou como a maior impressora de folhetos da região Norte, concorrendo com as tradicionais editoras do nordeste. Publicando

---

<sup>38</sup> SOTO, Simoné Malacchini. "Lira popular: ¿pliegos sueltos chilenos? Origen y relación visual con pliegos sueltos españoles y vinculación a posteriores pliegos y literatura de cordel de México y Brasil". In: Taller de Letras, Nº 61: 75-89, 2017, p.81.

folhetos originais, reedições e até mesmo pirateando algumas obras como as do poeta Leandro Gomes de Barros a Editora foi responsável por levar a literatura de cordel para diversas regiões dentro e fora do Estado do Pará.



**Figura 1 – Na última capa do cordel um: Aviso Importante: Aos meus caros leitores do Brasil - Ceará, Maranhão, Pará e Amazonas - aviso que desta data em diante todos os meus folhetos completo trarão o meu retrato. Faço este aviso afim de prevenir aos incautos que teem sido enganados na sua bôa fé por vendedores de folhetos menos sérios que tem alterado e publicado os meus livros, cometendo assim um crime vergonhoso. BARROS, Leandro Gomes. História de João da Cruz, Recife, 3º Edição, 1917.**

A Editora de Francisco Lopes não publicava apenas folhetos, mas também revistas (O Martelo, O Mondrono e Guajariana), no espaço das revistas direcionado a propagandas Lopes se autopromovia, ou melhor, sua Editora.

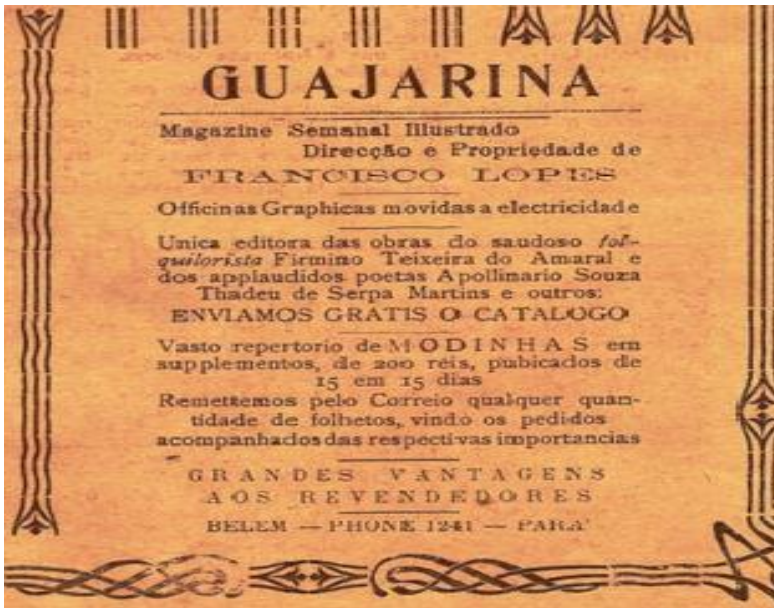


Figura 2 - Imagem Retirada de: Belém, Guajarina, v,2, n° 51, maio de 1931.

No anúncio demonstrado acima fica explícito que a tipografia conseguia enviar pelo correio qualquer quantidade de folhetos, os cordéis eram a especialidade da editora, seu carro chefe, Lopes divulgava um variado sistema promocional com o intuito de chamar atenção do público leitor e dos revendedores. Os revendedores possuem um papel importante na divulgação e circulação da literatura de cordel da Editora Guajarina, seja no Estado do Pará ou em outras regiões foram os revendedores que levaram o cordel para diversos cantos, seu trabalho é um dos responsáveis pelo grande consumo literário do cordel.

Nesse sentido, o trabalho de Geraldo M. de Menezes Neto esclarece o caminho dos cordéis e como os revendedores foram agentes importantes na circulação desses livros no Pará<sup>39</sup>, segundo o autor os revendedores faziam os folhetos circularem por diversas regiões, na quarta-capa de alguns folhetos era possível encontrar por onde os agentes estavam espalhados. No Estado do Pará os folhetos indicam que em Santarém o revendedor era João Alves Filho e seu local de venda era em Sobrado Velho da Aldeia, já em Marabá o representante era José Bandeira de Souza e em Santarém, Antonio Marcião. O alcance da Editora Guajarina se estendia para fora do Estado. Ainda na região norte, em Manaus no Amazonas ou em Rio Branco e Xapuri no Acre; já na região Nordeste em São Luis, Caxias, Amarante, Icatu no Maranhão, Fortaleza, Viçosa, Sobral. Ipu no Ceará, em Teresina. Paranaíba no Piauí e em Natal no Rio Grande do Norte; até na região centro-oeste em Boa

<sup>39</sup> Ver mais em: MENEZES NETO, G. M. de. *Por uma história do livro e da leitura no Pará: o caso da Guajarina, editora de folhetos de cordel (1922-1949)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em História Social da Amazônia da Universidade Federal do Pará, Belém, 2012, p. 67.

Vista e em Goiás, era possível encontrar revendedores da Guajarina.

A Editora Guajarina publicava principalmente folhetos de 16 páginas, o custo dos folhetos era de 500 réis até 1942 quando eles passam a custar 1 cruzeiro. Os folhetos de 24, 32 e 48 páginas quando publicados eram mais caros pelo número maior de folhas. Em relação ao público consumidor dos cordéis Geraldo Menezes Neto destaca que é dificultoso identificar quem eram os leitores dos folhetos, segundo ele “temos dificuldade de identificar quem eram os leitores dos folhetos da editora paraense na primeira metade do século XX.” Mas Magella<sup>40</sup> nos dá pista que a oralidade é um fator importante na literatura de cordel tendo em vista que em 1940, 59% das mulheres e 46,55% dos homens no Pará não sabia ler nem escrever, isso demonstra o alto índice de analfabetismo entre a população paraense, por isso, muitos tinham acesso aos impressos como ouvintes.

Vicente Salles também dá sinais de como a literatura de cordel era consumida:

Os folhetos advém de uma forte herança de oralidade como demonstrado anteriormente, a recitação dos folhetos em voz alta por aqueles que sabiam ler era uma forma de acesso a esse universo literário, esse poderia ser um hábito comum como demonstra Vicente Salles ao contar como conheceu o cordel:

Folhetos de cordel conheci também aqueles adquiridos por meu pai de vendedores ambulantes que apareciam em Castanhal. Quando ia a Belém adquiria folhetos da Guajarina, estórias de heróis e valentões. Os chamados “romances no cordel”. Ele lia alto, quase cantando, todinho. Acho que eram descartáveis, pois ele não os guardava na estante. Meu pai gostava porém de Zé Vicente, poeta paraense, seu amigo, que versava temas políticos e da atualidade, como *O golpe de seu Gegê ou o Choro dos Deputados* e principalmente a *Peleja de Armando Sales e Zé Américo*.<sup>41</sup>

As atividades editoriais da Guajarina, de Francisco Lopes, apesar de importantes não eram únicas, existiam outras gráficas que imprimiam folhetos, tipografias como a Delta, A Industrial, elas faziam esse trabalho, porém nada comparado com a escala da iniciativa de Francisco Lopes. No passado um local importante para a difusão da literatura de cordel em Belém era o Ver-o-Peso, lá era possível encontrar os folhetos espalhados em pequenas mesas, mas os folhetos eram encontrados por outras partes da cidade como na Praça Pedro II, na feira de São Braz e da Marambaia. Isso demonstra de certa maneira a popularização da literatura, era comum na primeira metade do século XX encontrar os cordéis por Belém.

A cidade de Belém poderia ser o centro editorial dos folhetos, mas em outras

---

<sup>40</sup> Ibidem, *Cit. p. 84.*

<sup>41</sup> Salles, Vicente. *Um retrospecto – memória. Op. Cit. p. 11*



localidades como Castanhal havia uma atividade editorial ativa com gráficas como Johelda e Modelo. Assim como em Marabá, Altamira, Santarém os poetas também dispunham de impressoras para seus folhetos. A literatura de cordel era uma expressão literária considerável durante as primeiras décadas do século XX, mas apesar de ter uma repercussão importante entre a população, durante muito tempo o cânone literário brasileiro, sendo este o detentor qualitativo do mundo literário, excluiu o cordel e os cordelistas de seus compêndios e manuais literários. Geraldo Magella afirma nesse sentido que o cordel paraense é uma espécie de literatura marginal, pois é excluído duplamente, já que o cordel ao criar seu próprio cânone não cita a literatura de folhetos paraense.

Pesquisas sobre o cordel na Amazônia são necessárias para demonstrar como essa literatura circulou e foi produzida no Pará de maneira contundente, sua expansão do nordeste para o norte do país criou um produto literário expressivo com a Guajarina como a representante editorial e comercial desse movimento. A iniciativa editorial de Francisco Lopes publicava poetas nordestinos e paraenses, Vicente Salles chamou de “primeira geração de poetas” nomes como: Ernesto Vera, Dr. Mangerona-Assu, Apolinário de Sousa, Arinos de Belém e Zé Vicente. Os cordelistas da Guajarina não se resumem apenas nestes nomes, mas estes se destacaram, e suas produções eram requisitadas pelo público consumidor de folhetos. Muitos desses autores utilizavam pseudônimos ao publicar na Guajarina.

Vicente Salles ao tratar da questão dos pseudônimos utilizados por estes cordelistas da primeira geração supôs que o não uso de seus verdadeiros nomes nos folhetos poderia estar relacionado com a vontade desses autores de se afastarem da referida literatura, pois, ela era vista como uma produção literária de menor prestígio pelo cânone literário paraense, os cordelistas nordestinos não faziam uso demasiado de pseudônimos, geralmente assinavam seus cordéis com seus nomes originais. Ou ainda segundo Salles, “Belém se transformara num burgo sofisticado e bastante preconceituoso quando a borracha capitalizou a Amazônia”, e isto, refletiu no campo literário que afastou o formato do cordel e seus cordelistas dos modelos literários prestigiados, por mais que o público consumidor de folhetos fosse amplo isso não significava aceitação por parte de instituições literárias como, por exemplo, a Academia Paraense de Letras (APL) que inclusive deixava claro em seu estatuto que a demanda ou aclamação popular não era quesito para a ocupação de umas de suas cadeiras de sócio.

Ao tratar de tal questão em seu estatuto<sup>42</sup> no Art. 28 parágrafo 2º a APL declara o

---

<sup>42</sup> Estatuto da Academia Paraense de Letras, Belém, 1946. Disponível: Acervo online do Centro de Memória da Amazônia.

seguinte: “Em hipótese alguma as vagas de sócios efetivos ou perpétuos serão preenchidas por aclamação, não podendo ser usado tal critério para a inscrição de candidatos.”. Ou seja, a Academia informava de certa maneira que por mais que os cordéis e seus cordelistas tivessem um público consumidor amplo e o nome dos poetas fosse conhecido pela população, o que definia se um homem era de letras, artista ou cientista eram os critérios internos da própria associação literária em questão. Em 4 de Abril de 1944 Romeu Mariz foi eleito para a poltrona nº4 da Academia Paraense de Letras, sob o pseudônimo de Dr. Mangerona Assu publicou folhetos pela editora Guajarina, mas os folhetos foram esquecidos em sua biografia.

Os cordelistas e sua produção literária foram invisibilizados pela Academia Paraense de Letras, o cânone literário em sua condição de classificador do que seria um bom escritor ou escrito desconsiderou a literatura de cordel, apesar dos folhetos possuírem um público considerável, o amplo consumo dos cordéis na região norte pode ser notado quando Vicente Salles aponta que os folhetos eram um suplemento quinzenal da Editora, em 1932, Francisco Lopes passou a fazer publicações semanais, havendo a necessidade pelo considerável consumo de lançar até três vezes por semana.<sup>43</sup> A literatura de cordel em muito pode contribuir para a compreensão do ambiente amazônico e brasileiro, sua conexão com o mundo em sua volta possibilita também a compreensão de uma perspectiva histórica.

Por isso no próximo tópico utilizaremos alguns cordéis do corpo documental que tratavam especificamente de fatos acontecidos, ou seja, eles aconteceram na realidade e por meio deles demonstraremos um pouco mais como o folheto é ligado à vida social e cotidiana, sendo possível estabelecer através desse diálogo o folheto como uma fonte de importância para a história através de sua ligação com a vida cultural que o rodeia, apesar do cordel ser uma literatura ficcional ele se inspirou em acontecimentos reais algumas vezes e seus autores fundiram um parte considerável do cotidiano nas rimas de seus folhetos.

## 1.2 Rimas e Realidade – Os folhetos de acontecido

A literatura tem sido ao longo da história, um veículo de disseminação de ideias, valores culturais e percepções da realidade social. Em particular, a literatura de cordel, popular no Nordeste do Brasil e outros locais como o Pará, não é exceção a essa função. Ela oferece um olhar profundo sobre o cotidiano das classes populares, trazendo à tona temas de

---

<sup>43</sup> SALLES, Vicente. *Repente & Cordel, literatura popular em versos na Amazônia / Vicente Salles.* - Rio de Janeiro : FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1985, p 92.

natureza política, social e cultural. Entretanto, a análise sobre a veracidade dos textos literários — isto é, até que ponto eles refletem a realidade ou a transformam — é um ponto crucial quando se examina este tipo de produção. Historicamente, a literatura sempre foi um campo onde o imaginário se entrelaça com a realidade. Desde os tempos antigos, como sugere o historiador Paul Ricoeur, há uma tensão entre a mimese — a imitação da realidade — e a poiesis — a criação ou invenção<sup>44</sup>. Na literatura, essa tensão é evidente, já que autores frequentemente se utilizam de fatos reais como base para a construção de narrativas ficcionais.

No caso do cordel, há uma particularidade: por ser uma forma de literatura popular, suas histórias muitas vezes se apresentam como relatos de acontecimentos cotidianos, históricos ou lendários, mesclando o factual com o fabuloso. O cordelista, por sua vez, é tanto cronista quanto poeta. Câmara Cascudo, em seu "Dicionário do Folclore Brasileiro", em suas análises sobre cordel e cultura popular, indica que a tradição oral e escrita no cordel reflete diretamente as crenças e experiências do povo, o que confere as narrativas um caráter autêntico, ainda que permeado por exageros ou invenções poéticas<sup>45</sup>. A literatura de cordel tem sido por vezes, comparada aos relatos historiográficos, especialmente pelo seu papel em registrar eventos históricos. Alguns cordelistas narram, por exemplo, episódios como batalhas ou crimes notórios, mas o fazem de modo que tais eventos adquiram contornos míticos.

O Historiador Mark Curran explora a ideia de que, em ambientes onde a educação formal era menos acessível, a história popular — transmitida por meios como o cordel — se torna uma importante fonte de memória coletiva. Assim, as histórias de heróis, bandidos e eventos locais ganham vida, tornando-se elementos constitutivos de uma "história não oficial", o autor demonstrou como o cordelista poderia ser um sujeito atento aos acontecimentos do mundo social ao seu redor e se utilizou dos folhetos onde a veracidade dos fatos foi utilizada como ferramenta criativa, em seu livro "História do Brasil em Cordel" apresentou uma narrativa da história do país por meio da referida literatura, utilizando principalmente folhetos de eventos reais, tais foram denominados por ele de "folhetos de acontecido". O autor também destaca a capacidade de "historiador popular do cordelista". Ou seja, entre rimas e realidade o poeta tratava de assuntos de relevância internacional, nacional ou até mesmo corriqueiro da vida cotidiana.

A veracidade desses textos, entretanto, não deve ser avaliada pelos mesmos critérios

---

<sup>44</sup> Ver mais em: RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Tradução Constança Marcondes Cesar. Campinas, SP: Papyrus, v.I, 1994.

<sup>45</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do folclore brasileiro. 12 ed. São Paulo: Global, 2012.

da historiografia acadêmica. Como destaca o teórico Hayden White, os fatos históricos podem ser reorganizados em narrativas ficcionais sem que percam sua capacidade de transmitir verdades sociais e culturais<sup>46</sup>. No cordel, há um compromisso com a transmissão de verdades simbólicas: questões como a injustiça social, as relações de poder, e o papel dos marginalizados são temáticas recorrentes. Embora os fatos possam ser estilizados ou idealizados, eles frequentemente revelam verdades sobre a percepção coletiva de uma comunidade em um dado momento histórico.

Ao examinar a questão da veracidade na literatura de cordel, é importante observar a representação feminina, a área de interesse nesta pesquisa. A forma como as mulheres são retratadas nos folhetos de cordel pode tanto refletir aspectos da vida real quanto perpetuar estereótipos culturais. A análise de textos dos cordelistas da Editora Guajarina mostra uma oscilação entre o reforço de papéis tradicionais de gênero e a crítica a certas estruturas sociais. A historiadora Margareth Rago, em seus estudos sobre gênero e cultura, argumenta que a literatura, mesmo em formas populares como o cordel, não apenas reflete a sociedade, mas também participa da sua construção simbólica. Nesse sentido, a veracidade não está apenas nos fatos em si, mas nas verdades sociais que emergem dessas narrativas<sup>47</sup>. Destacaremos a veracidade nos cordéis de modo a corroborar a nossa análise com base nessas fontes e como elas carregam em seu conteúdo uma relação direta com o mundo social, a seguir apresentaremos alguns cordéis que se envolvem com o real, demonstrando como a diversidade temática dos cordéis é imensa, mas com enfoque em alguns crimes reais que envolvem o sujeito feminino.

Por isso, apresentam-se alguns cordéis do corpo de fontes desta pesquisa que tratavam de algumas temáticas que aconteceram e foram narradas nos folhetos pelos cordelistas, ou seja, expressam vestígios do mundo social que cercava os folhetos, mas acima disso demonstrava principalmente a visão dos cordelistas sobre determinadas questões. Esses temas poderiam variar desde um acontecimento global como a Primeira e Segunda Guerra Mundial que foram assuntos de alguns folhetos da Guajarina como o título *Allemanha nadando sobre um mar de sangue*, onde o cordelista trata da Primeira Guerra, sobre o segundo conflito mundial há diversos cordéis como: *A Alemanha contra a Inglaterra*, *A Batalha da Alemanha contra a Rússia*, *O Fim da Guerra*, dentre outros folhetos que se dedicavam a tratar exclusivamente das guerras. Sobre tal questão Mark Curran destaca:

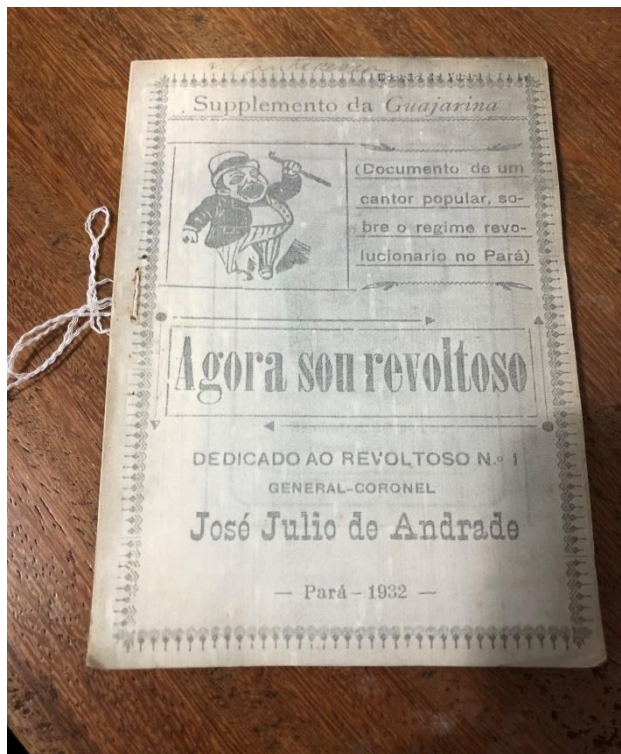
---

<sup>46</sup> WHITE, H. *Meta-História: A imaginação Histórica do século XIX*. Tradução de José Laurêncio de Melo. 2ª Ed. São Paulo: Editora da USP, 2008.

<sup>47</sup> RAGO, Luiza Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

A Guajarina em Belém, era uma força poderosa do cordel regional da época, com uma equipe excelente de autores. Arinos de Belém, Thadeu de Serpa Martins (do ceará, mas escrevendo pela Guajarina) e mais ainda Lindolfo Mesquita (com o pseudônimo Zé Vicente) foram brilhantes. Privilegiando o tema da política, escreveram especialmente a respeito da segunda guerra mundial.<sup>48</sup>

Outras circunstâncias conflituosas no Brasil desencadearam uma série de cordéis publicados pela editora Guajarina que Vicente Salles denominou “O ciclo das revoluções”, os folhetos de tal categoria tratavam principalmente de um momento político vivenciado na década de 1920, havia um estado de insatisfação geral da população brasileira e os cordelistas como sujeitos sociais se expressaram através do cordel. Um dos títulos desse grupo é o cordel *Agora sou revoltoso*, ele deixa claro logo em sua capa sua conexão com o que chama de “regime revolucionário no Pará”, o cordel enaltecia duas figuras, o major Barata e o coronel José Júlio de Andrade, o poeta em suas linhas fez uma série de elogios e homenagens aos dois homens, deixando evidente sua inclinação política. Tais cordéis são indícios de momentos importantes e possibilitam olhar para o passado sob uma nova perspectiva:



**Figura 3 - Capa do Folheto: Agora sou revoltoso (Documento de um cantor popular, sobre o regime revolucionário no Pará). Pará: Suplemento da Guajarina, 1932. 16p.**

<sup>48</sup> CURRAN, Mark. História do Brasil em Cordel. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1998, p.110.

Outros fatos acontecidos que chamavam atenção dos cordelistas e foram narrativas recorrentes nas rimas dos poetas e que destacaremos, foram os crimes reais. Casos que tinham grande repercussão ganhavam a perspectiva dos autores que se dedicavam a contar as histórias por meio dos folhetos. Nesse sentido, ao tratar de crime e literatura de cordel o historiador Geraldo Menezes Neto afirma o seguinte “A editora Guajarina de Belém do Pará, dedicou um grande espaço à publicação dos ‘folhetos de acontecido’ no seu catálogo de cordel.” Os crimes tinham destaque como demonstra o autor: “Nesse grupo, há os folhetos sobre histórias de crimes de grande repercussão. Assassinatos de mulheres, crianças, estupros, enfim.”<sup>49</sup>.

A humanidade e seu interesse pelo crime são antigos, durante a Idade Média e o Renascimento, por exemplo, as execuções de criminosos em praças públicas eram eventos sociais que atraíam multidões e reforçavam o poder do Estado, mas também geravam certa comoção da população em torno do crime. Foucault argumenta que, durante o Antigo Regime, as execuções públicas para além de atos de punição, eram atos providos de teatralidade que deveriam causar um forte impacto emocional naqueles que acompanhavam, havia um comprometimento com os rituais, desde a leitura da sentença até a dramatização do sofrimento do condenado. Foucault utiliza como exemplo a execução de Robert Damiens, que atentou contra a vida do Rei Luís XV da França em 1757, tal evento causou grande comoção pública, Damiens foi torturado e esquartejado diante de uma grande multidão. Foucault afirma que a execução pretendia servir de exemplo para outros criminosos, mas também para o deleite da população, era uma forma desta acompanhar o crime de perto e seus desdobramentos<sup>50</sup>.

A análise do autor pode demonstrar que existia uma espécie de fascínio da população em acompanhar as execuções públicas, este pode ser um aspecto sintomático do interesse humano por crimes reais. Outro pesquisador que examina as execuções públicas é Spierenburg, apontando uma conexão com a literatura popular europeia, as narrações dos crimes eram uma espécie de entretenimento, mas também serviam para moralizar as pessoas sobre condutas repreensíveis<sup>51</sup>. Mais tarde nesta pesquisa vamos tratar do caráter de código de conduta dos cordéis e como eles também estavam relacionados com a moral de seus leitores.

<sup>49</sup> MENEZES NETO, G. M. de. *Por uma história do livro e da leitura no Pará: o caso da Guajarina, editora de folhetos de cordel (1922-1949)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em História Social da Universidade Federal do Pará, Belém, 2012, p. 109.

<sup>50</sup> Ver mais em: FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão; tradução de Lígia M. Pondé Vassalo. Petrópolis, Vozes, 1987. 280p.

<sup>51</sup> Ver mais em: SPIERENBURG, Pieter. *The spectacle of suffering*. Cambridge University Press, 1984.

Com o passar do tempo as execuções públicas de criminosos foram quase extintas, mas a população passou a acompanhar os crimes de outras formas, o surgimento da imprensa no século XVIII é um marco importante nesse sentido, pois possibilitou noticiar o crime de forma mais ampla. Os crimes muitas vezes são tratados pela imprensa de forma sensacionalista o que gera um engajamento ainda maior sobre os eventos criminais. O historiador Boris Fausto em seu livro “O crime do restaurante Chinês” exemplifica o interesse histórico e cultural por crimes reais ao narrar a história do crime do restaurante chinês que causou grande comoção à população paulista em 1938, em alguns momentos o autor destaca como a imprensa fez uma cobertura massiva do crime, inclusive fazendo um trabalho de investigação e indicando suspeitos para a polícia.”<sup>52</sup>

Se dermos um salto para o tempo presente o jornal “Globo – Gente” publicou uma matéria<sup>53</sup> denominada “A onda de *true crimes*”, destacando que: “Nos últimos anos, um gênero já conhecido e amado nos EUA começou a ganhar força e se popularizar no Brasil. Trata-se de histórias, em formato de livro, podcasts, séries e filmes, que tratam de crimes que aconteceram.” A matéria mostra como crimes reais são amplamente consumidos por um grande público e ainda afirma que esse fascínio pelo crime do brasileiro não é de hoje “A onda de *True Crimes* não é necessariamente um fenômeno novo na sociedade brasileira. Mas, obviamente, ganha outros contornos na era das redes sociais.”. O consumo do crime real parece ser um assunto de interesse popular há tempos, seu consumo pela população desde o passado é sintomático nesse sentido e no presente a temática continua a chamar atenção do público. A editora Guajarina publicou alguns cordéis sobre crimes de grande repercussão no Brasil e em Belém, levando em consideração que os cordelistas publicavam temas de interesse popular, o crime era uma temática considerada lucrativa pelos autores.

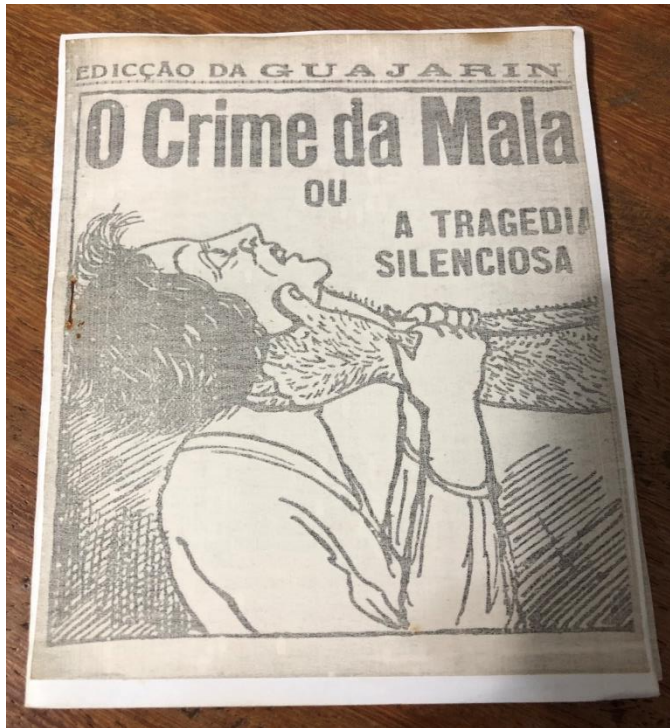
No folheto “O crime da mala<sup>54</sup>” o cordelista narra à história de um dos crimes mais famosos da história do Brasil.

---

<sup>52</sup> FAUSTO, Boris. *O crime do Restaurante Chinês: Carnaval, Justiça e Polícia em São Paulo (1938)*. Companhia das Letras, 2009, p.45.

<sup>53</sup> GLOBO. *A onda de true crimes*. Globo Gente, 5 de Abril, 2023. Disponível em: <https://gente.globo.com/infografico-a-onda-de-true-crimes/>.

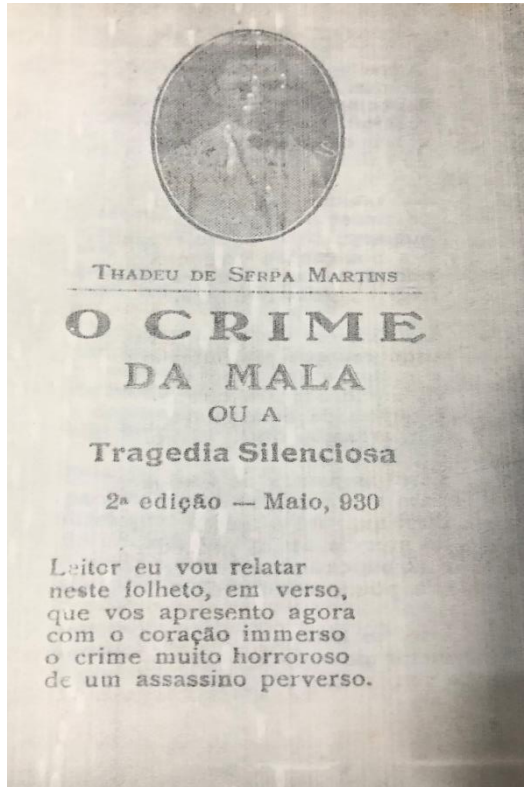
<sup>54</sup> MARTINS, Thadeu de Serpa. *O Crime da mala ou a tragédia silenciosa*. 2. Ed. Belém: Guajarina, maio de 1930.



**Figura 4 – Capa do Folheto: O Crime da Mala ou a Tragédia Silenciosa. Belém: Guajarina, maio 1930 (2ª edição). 16p. Cópia da col. Luyten.**

A capa do cordel com o título em caixa alta busca chamar a atenção dos futuros consumidores, por mais que as cores se restringissem ao preto e branco, existia um certo apelo por meio da imagem, o contato com os protagonistas das histórias muitas vezes no folheto se iniciam logo pela capa, a intenção delas e dos títulos era gerar curiosidade e incutir nas pessoas uma vontade de explorar ainda mais os fatos contidos nas páginas seguintes, nesse caso, talvez se deparando com a imagem de uma mulher sendo esganada e a predição de que um crime aconteceu, a atenção daquele que via o folheto se transformasse em vontade de comprar, pois os cordelistas principiavam boas vendagens com a publicação de um folheto, o crime era um fator de interesse popular e os escritores sabiam disso e buscavam maneiras de colocar nas rimas histórias que chamassem a atenção de seus futuros compradores. O chamado *Crime da mala* já era conhecido da população, ou seja, já existia uma comoção popular a respeito do tema. O cordel acima teve sucesso com seu público consumidor, pois, logo na primeira página além de uma imagem do cordelista é possível encontrar a data de publicação e constar que o folheto já se encontra na sua segunda edição, isso demonstra que o público consumia a temática dos crimes reais, pois o folheto teve uma reimpressão:





**Figura 5 - Primeira página do folheto: O Crime da Mala ou a Tragédia Silenciosa. Belém: Guajarina, maio 1930 (2ª edição). 16p. Cópia da col. Luyten**

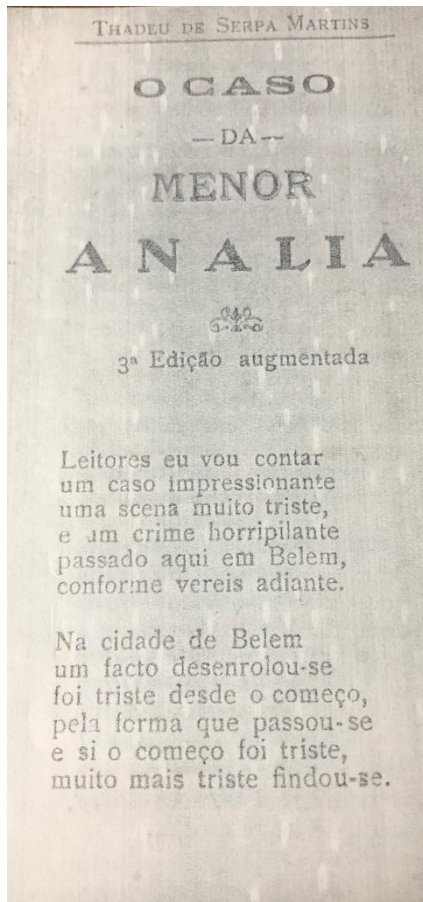
O cordelista Thadeu de Serpa Martins narra por meio das rimas do cordel um famoso crime ocorrido na década de 20 do século XX. O *crime da mala* como ficou conhecido é sobre o assassinato de Maria Féa por seu marido Giuseppe Pistone. Em 7 de outubro de 1928 no Porto de Santos em São Paulo o navio Massiliá fazia a carga de bagagens que seriam transportadas para França, quando em determinado momento ao içarem um baú ele despenca do alto e ao cair no chão o baú foi danificado e exalou um cheiro forte, um líquido escuro escorreu de seu interior chamando a atenção e tornando a mala suspeita, é assim que o corpo desmembrado de Maria Féa foi encontrado e o crime começou a ser investigado até chegar ao seu autor. Ao ler o cordel e o comparar com o crime real a narrativa ficcional se difere em alguns pontos da realidade, mas ainda assim, é possível perceber que foi inspirado no crime cometido por Giuseppe Pistone que teve grande repercussão nacional.

Crimes locais de repercussão também foram temas de folhetos na Guajarina, *O caso da menor Analia* foi um crime bastante noticiado, a menina teria sido abusada pelo seu patrão Antônio Rodrigues, o crime ocorreu na cidade de Belém nos anos 20 e se transformou em folheto e como o próprio cordel aponta:

O publico todo conhece

o caso que vou contar,  
pois os jornaes todo dia  
tinham com que se ocupar...

O impacto social do crime poderia fazer com que cordelistas o transformasse em cordel, o interesse do público leitor pelos folhetos de crimes reais significava também a venda dos folhetos como já foi apontado.



**Figura 6 - Primeira página do folheto: O Caso da Menor Anália. 3ª Edição aumentada. Belém: Guajarina, jan. 1929. 16p. Cópia da col. Luyten.**

Logo na primeira página do cordel acima, é indicado que esta é a “3ª Edição aumentada”, isso demonstra que o público e o próprio autor tinham interesse na história do crime, pois na edição aumentada ele deve ter adicionado mais detalhes do caso de Anália. Uma das maneiras de ter mais conhecimento sobre os pormenores do crime pode ter sido através dos jornais da época, o próprio cordelista informa que os jornais noticiavam massivamente crimes de repercussão. Sobre a relação de jornais, folhetos e crimes o autor Menezes Neto afirma que “o jornal era uma das fontes do

poeta de cordel”<sup>55</sup>, podendo servir de base para o conteúdo de seus folhetos, mas o autor também afirma que há diferenças entre a narrativa do repórter e do poeta de cordel.

Nesse sentido, ao tratar da relação entre os folhetos e jornais Ana Maria de Oliveira Galvão também destaca que os cordelistas se utilizam das notícias veiculadas nos jornais de sua época, mas o poeta transforma e reinterpreta os fatos, segundo a autora “vários estudiosos identificam a literatura de cordel como um sistema paralelo e particular de jornalismo.”. Ocorre para Galvão uma adequação para o público dos folhetos<sup>56</sup>. Os crimes reais pareciam ser esmiuçados pelos cordelistas por meio das notícias de jornais e, partindo delas e de seus detalhes os poetas narravam um crime real por meio da rima baseados nos jornais e em sua própria interpretação do acontecido.

A relação entre a imprensa e o consumo de crimes reais pela população é complexa e multifacetada, refletindo tanto a responsabilidade da mídia em informar o público quanto a curiosidade e o interesse humanos por eventos dramáticos e trágicos. A imprensa frequentemente adota uma abordagem sensacionalista ao cobrir crimes reais, com manchetes chamativas e detalhes gráficos, para atrair e manter a atenção do público. Esse tipo de cobertura transforma eventos criminais em entretenimento, despertando curiosidade e fascínio. Os meios de comunicação muitas vezes transformam crimes reais em narrativas dramáticas, com protagonistas e antagonistas bem definidos. Isso ajuda a humanizar as vítimas e a vilanizar os criminosos, tornando a história mais envolvente para os leitores ou espectadores.

Outro crime que foi amplamente noticiado na imprensa e se tornou folheto foi *O crime da Praça da República* de autoria de Arinos de Belém, o folheto não possui data de publicação, mas o crime que o inspirou ocorreu em 6 de novembro de 1942.

---

<sup>55</sup> MENEZES NETO, Geraldo Magella de. *A notícia em verso: relações entre jornais e folhetos de cordel no Pará na primeira metade do século XX*. In: **Fronteiras: Revista Catarinense de História, Florianópolis, n.19, p. 53-72, 2011.**

<sup>56</sup> Galvão, Ana Maria de Oliveira. *Cordel: leitores e ouvintes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 88.



Figura 7 - Capa do folheto: O Crime da Praça da República. Belém: Guajarina, maio 1930 (2ª edição). 16p. Cópia da col. Luyten.

O crime retratado pelo folheto chamou atenção da população belenense, pois tratava do assassinato de Izabel Tejada y Perez, uma peruana de 42 anos e proprietária de uma casa de prostituição em Belém. Os responsáveis pelo crime foram descobertos depois de uma investigação, essa trama da vida real é transformada em rimas e versos pelo cordelista Arinos de Belém, na capa do folheto é possível ver uma mulher sendo esganada por um homem, essa teria sido a forma como o assassino de Izabel teria colocado um fim em sua vida.

Os três crimes: o Crime da Mala, o Crime da Menor Anália e o Crime da Praça da República, compartilham uma conexão significativa com a literatura de cordel ao abordarem a violência de gênero de maneira dramatizada, explorando a brutalidade da morte envolvendo mulheres que chocaram a sociedade de suas respectivas épocas. O cordel, muitas vezes, transpunha esses eventos para folhetos populares, reforçando as narrativas de mulheres como vítimas de homens em relações de poder, controle e ciúme, ressaltando o papel vulnerável da mulher no imaginário social. A literatura de cordel, ao tratar desses crimes, não apenas

explorava os detalhes macabros para captar a atenção do público, mas também contribuía para discutir a condição da mulher em uma sociedade patriarcal. Nas histórias, frequentemente, as vítimas eram mulheres jovens ou em situações de dependência ou vulnerabilidade, enquanto os agressores, em sua maioria homens, usavam da força ou autoridade para exercer controle, refletindo uma estrutura social desigual.

Em muitos folhetos, os crimes contra a mulher são narrados de maneira a reforçar papéis de gênero tradicionais. Por exemplo, em diversos textos, as mulheres são retratadas como figuras passivas, cujos sofrimentos são decorrentes de sua própria "fragilidade" ou "submissão". Em alguns casos, essas narrativas sugerem que as vítimas são, de certa forma, responsáveis por sua própria condição, especialmente quando desafiam normas sociais ou padrões de comportamento esperados. Esse tipo de representação reflete uma visão patriarcal da realidade, onde o papel da mulher é submisso, e os crimes cometidos contra elas são, por vezes, moralizados. Essas representações tendem a reproduzir estereótipos de gênero, o que compromete a veracidade do texto no sentido de que não oferece uma visão justa ou complexa da situação das mulheres. Segundo estudiosas como Heleieth Saffioti, a cultura popular muitas vezes participa da manutenção de estruturas de poder que legitimam a violência contra a mulher<sup>57</sup>, o que pode ser observado em certas representações de crimes no cordel. A abordagem simplista ou moralista de tais crimes, ao invés de denunciar as causas estruturais da violência de gênero, pode contribuir para sua normalização.

As representações de crimes contra a mulher na literatura de cordel, portanto, oferecem um campo rico para a discussão da veracidade. Por um lado, esses textos podem refletir aspectos da realidade social e da violência de gênero de forma direta, registrando episódios que fazem parte do cotidiano de muitas mulheres. Por outro lado, eles também podem distorcer essa realidade, reforçando estereótipos de gênero e normas patriarcais que, em última instância, contribuem para a invisibilidade das verdadeiras causas da violência. Como afirma o teórico Pierre Bourdieu, as produções culturais populares, incluindo o cordel, são tanto um reflexo quanto um reforço das estruturas sociais. Assim, as representações de crimes contra a mulher no cordel refletem uma verdade cultural, ainda que essa verdade possa, muitas vezes, estar comprometida por visões limitadas sobre gênero e poder<sup>58</sup>. Além disso, a maneira como o cordel lidava com esses crimes variava entre a denúncia e a normalização das violências de gênero, ao mesmo tempo que as transformava em narrativas

---

<sup>57</sup> SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, Patriarcado e Violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

<sup>58</sup> BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

de moralidade, questionando ou reafirmando as relações de poder. Esses relatos, portanto, tanto em cordéis quanto na imprensa, contribuía para consolidar uma cultura de percepção da mulher como alvo de violência.

Diversos foram os crimes que serviram de inspiração para os cordelistas e seus versos, mas não somente tragédias reais serviam para entusiasmar os poetas em seus folhetos, é possível encontrar nos folhetos expressões da cultura da cidade de Belém como é o caso do Círio de Nazaré. Em 14 de outubro de 1923, foi lançado um folheto *A Festa de Nossa Senhora de Nazareth no Pará* de Firmino Teixeira do Amaral que descreve a festa de Nazaré, possivelmente o primeiro folheto a destacar o Círio de Nazaré em Belém do Pará. A capa reproduz um clichê da Santa, amplamente divulgado em programas oficiais. O folheto aborda os temas dos romeiros, dos milagres e do próprio Círio.

É a festa mais pomposa  
em todo o Pará inteiro  
retumba um echo festivo  
até pelo estrangeiro  
dos paizes da Europa  
até com frada da opa  
tem vindo como romeiro<sup>59</sup>

Outra festa retratada nos folhetos foi a de São João, por meio do folheto *A Festa de São João no Pará* de autoria de Apollinário de Souza do ano de 1931:

Deixando os outros logares,  
onde adoram São João,  
farei uma descrição  
dos festejos no Pará;  
neste Estado todo o povo  
em junho rejuvenesce  
e faz ardorosa prece,  
pede ao santo que elle dá.

Por intermédio do conteúdo dos cordéis é possível ter acesso a acontecimentos da vida cotidiana e cultural da população belenense. Crimes, festas, acontecimentos políticos. eram retratados pelos folhetos. No presente, o cordel continua com sua característica de se inspirar na realidade, os cordelistas captam fatos reais e expressam através da rima diversos assuntos,

---

<sup>59</sup> AMARAL, Firmino Teixeira do. . *A Festa de Nossa Senhora de Nazareth no Pará*. Belém: Guajarina, s.d. 16p. Cópia da col. Luyten.

no ano de 2019 o mundo vivenciou a pandemia de COVID-19, transmitida pelo coronavírus, o vírus se espalhou pelo mundo. No começo do ano de 2020 a Organização Mundial da Saúde classificou o surto como pandemia, entre quarentenas, vidas perdidas, o cordelista mais uma vez transformou a vida real em versos, no cordel *O Coronavírus* de Cícero Carlos Duarte:

Misturo neste cordel Humor e veracidade  
 Com um dom dado por Deus  
 Me expresso com humildade  
 E falo da pandemia  
 E o vírus que contagia  
 Toda nossa humanidade<sup>60</sup>

Já em outro cordel também sobre a pandemia de autoria de Arnaud Soares Mattoso:

Hoje acordei e era ontem  
 E o ontem era hoje  
 Já nem sei que dia era  
 Nessa tarde de agonia  
 Como cão vigia entrada  
 Eu vigio todo o dia

Tá difícil de viver  
 Dentro de casa sem saber  
 Se amanhã tem outro dia  
 Nessa tal de Pandemia  
 O amanhã pode crer  
 Pode nunca acontecer

O doutor diz uma coisa  
 O presidente fala outra  
 Diz que é uma gripezinha  
 Que só mata mulherzinha  
 Atleta e homem forte  
 Sobrevive sem morrer<sup>61</sup>

Apesar de poder se inspirar na realidade a literatura de folhetos é ficcional, o compromisso com a realidade não é obrigatória, o cordelista pode ser subjetivo, por isso ao analisar os “folhetos de acontecido” a narrativa do cordelista se difere da realidade, pois suas rimas expressam um ponto de vista pessoal do poeta sobre determinado tema, por isso é necessário recorrer a outras fontes e referências bibliográficas para uma reflexão comparada. Seja no passado, seja no presente, os cordelistas, que são os poetas que escrevem esses folhetos, frequentemente abordam eventos históricos, políticos, sociais e culturais, adaptando-os para o contexto da narrativa poética, por isso, os folhetos são uma fonte histórica relevante.

<sup>60</sup> DUARTE, Cícero Carlos. *O Coronavírus I*. In: Projeto Sesc Cordel, nov-20, Juazeiro do Norte – Ce.

<sup>61</sup> MATTOSO, Arnaud Soares. *Cordel da Pandemia*. Cordel submetido ao concurso de poemas “Pandemia” promovido pela Universidade Federal do Pampa (UniPampa), 2020.

E dessa forma, os cordéis não apenas refletem acontecimentos reais, mas também os interpretam e os comunicam de uma maneira que ressoa com o público, mantendo viva uma tradição oral e literária valiosa.

Os cordéis de acontecido ou ficcional podem abordar uma diversidade de temáticas. Por exemplo, um cordel pode tratar de questões como a seca, a vida no sertão, figuras históricas ou contemporâneas, acontecimentos políticos, entre outros temas relevantes para a comunidade em que são produzidos. Eles têm uma capacidade única de transmitir conhecimento e contar histórias de forma descontraída, muitas vezes utilizando rimas e métricas específicas. A diversidade de temáticas na literatura de cordel é verdadeiramente impressionante. Essa forma de expressão poética abrange uma ampla gama de assuntos, podendo refletir as preocupações, as tradições e as experiências sociais e históricas da sociedade.

Ao fim deste primeiro capítulo é possível refletir que a literatura de cordel com sua rica diversidade temática pode oferecer uma abertura valiosa para a compreensão das representações femininas no contexto cultural e social e temporal proposto, de modo que, a literatura de cordel será refletida em seu todo poético, mas nesta pesquisa privilegamos principalmente a sua produção no norte do Brasil, mas especificamente em Belém durante a primeira metade do século XX. E ainda, a análise das representações sociais nos cordéis nesta pesquisa irá privilegiar a situação das mulheres, ou seja, como o feminino é exposto nas linhas dos poetas. O próximo capítulo busca demonstrar como os cordéis pesquisados buscou atrelar as mulheres principalmente em papéis tradicionais e domésticos, inferindo as expectativas culturais sobre o papel da mulher na família e na sociedade, para tal reflexão foram considerados folhetos que narravam histórias de amor, casamento, maternidade, destacando a importância da mulher no ambiente doméstico.

Concomitantemente a proposta é fazer também uma análise sobre a questão de gênero nos cordéis nos próximos dois capítulos, demonstrando como a literatura de folhetos tanto reforça quanto desafia estereótipos de gênero. Os cordéis da Editora Guajarina contribuem para a perpetuação de certos valores sobre o papel das mulheres na sociedade. Mas pretendemos demonstrar também que por meio da inserção de mulheres como escritoras o universo do cordel conheceu um novo olhar que possibilitou uma perspectiva mais emancipadora sobre as representações femininas na referida literatura, a produção feminina de folhetos desafia um gênero literário que historicamente foi dominado por homens, pois, o



feminino não será mais representado somente partindo de uma narrativa masculina, mas de uma autorrepresentação onde as mulheres cordelistas passam a escrever sobre suas próprias vidas, podendo tratar da experiência de outras mulheres, contrastando com representações dos homens sobre o feminino.

## **CAPÍTULO 2**

### **REPRESENTAÇÕES FEMININAS: LITERATURA DE CORDEL E O CASAMENTO**

## 2.1 Casamento ideal: a construção do amor e da felicidade a dois

As relações estabelecidas ao longo da vida por um indivíduo são variadas, pois somos seres sociais inerentemente ligados a interações com outras pessoas e grupos. O casamento pode ser considerado apenas uma das manifestações dentro desse intricado tecido de conexões afetivas da nossa natureza sociável. Entretanto, no período examinado por esta pesquisa, a aspiração de formar uma família demonstrou-se de significativa importância para os membros da sociedade paraense. Ao explorar a vida conjugal durante boa parte da primeira metade do século XX, inevitavelmente nos deparamos com a criação de um ideal que foi disseminado por instituições e estruturas reguladoras e purificadoras, tais quais se destacam: Estado e Igreja. Uma relação amorosa ideal precisava aderir a rituais e estar em conformidade com os valores morais, sociais e econômicos vigentes na sociedade da época.

A concepção de um ideal relacionado às imagens e discursos difundidos sobre o casamento é inextricavelmente ligada ao âmbito da representação social. Isso ocorre porque a representação social atua na organização daquilo que os indivíduos compreendem do mundo social, categorizando-o e subdividindo-o. No entanto, quais são os impactos subjacentes ao ato de representar? O historiador Roger Chartier explora a representação em sua acepção primordial, considerando-a como uma ferramenta que exige um intermediário para visualizar um objeto ausente, mas que é reconstituído na memória como uma imagem<sup>62</sup>. Portanto, representar equivale a formular uma imagem sobre algo ou alguém, representar pode englobar igualmente a criação de discursos a respeito de determinado tema.

Outras particularidades acerca das representações sociais estabelecem que grupos e estratos sociais sejam multifacetados, deste modo, as representações não são universais para todos os grupos de indivíduos. Ou seja, no caso desta pesquisa, a visão de mundo dos cordelistas não é a de toda a sociedade da época em que estavam localizados, mas de um grupo específico. E ainda, apesar de parecer contraditório, as imagens têm aspirações de universalidade, ou seja, cada grupo social deseja que sua representação seja bem vista e aceita pelos outros e talvez incorporada almejando ser universal.

Nesse sentido, atrelar o conceito de representação social também ao que Stuart Hall interpreta é essencial para entender como uma imagem que é socialmente construída aparece na vida dos indivíduos, ou seja, como tais representações nos ajudam a entender o mundo que

---

<sup>62</sup> Ver mais em: CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. 2º ed. Portugal: Difel, 1982, p.17-165.

vivemos, “isto é, quem ganha e quem perde com elas, quem ascende, quem descende, quem é incluído e quem é excluído”. Pois estar no mundo é estar cercado de representações e estas estão carregadas de discursos e interesses. Para Hall, ideias e sentimentos são representados em uma cultura, nos cordéis pelo que podemos perceber, os cordelistas faziam parte de uma sociedade que culturalmente enxergava as mulheres em determinados espaços, o casamento é um deles, a ideia e sentimento comum sobre as mulheres é que estas deveriam formar família para cumprirem sua função social. A representação é uma ideia, é um sentimento, mas também é prática social, pois, o que organiza e regula a maneira de como vemos algo é a representação. Esta pesquisa ao trabalhar com uma fonte literária, não trata de algo abstrato ou subjetivo, mas de práticas sociais que podem ser percebidas através dos cordéis e seus cordelistas<sup>63</sup>.

O historiador Ciro Flamarion Cardoso ao tratar tal conceito o atrela à psicologia, Cardoso elucida que as pessoas são influenciadas em suas atitudes pela sociedade ao qual fazem parte, ou seja, todas as atitudes que tomamos sejam elas livres, casuais, espontâneas, individuais, estão ligadas a códigos sociais que estão presentes na sociedade em qual estamos inseridos. Assim, a documentação pesquisada dos cordéis, traz em seu conteúdo representações sociais de sua época. A intenção não é fazer um julgamento sobre essas imagens que os cordelistas alimentaram, mas pontuar como elas contribuíram para a construção de representações femininas na sociedade durante a primeira metade do século XX.<sup>64</sup>

O casamento, historicamente, foi visto no Brasil como um ideal de felicidade e realização pessoal, especialmente para as mulheres. Esse ideal está profundamente enraizado em questões culturais, religiosas e sociais. A cultura brasileira foi fortemente moldada pelo cristianismo, em especial pelo catolicismo, que valoriza o casamento como um sacramento e um estado de vida desejável. A ideia do casamento como objetivo de vida para as mulheres vem dessa tradição, na qual o papel feminino era muitas vezes limitado à vida doméstica e à criação dos filhos. O matrimônio, sob essa ótica, simbolizava a "completude" da mulher, muitas vezes vinculando sua identidade e sucesso ao relacionamento conjugal. té meados do século XX, o casamento era uma das poucas maneiras de as mulheres terem segurança

<sup>63</sup> STUART, Hall. *Cultura e Representação*. Tradução: William Oliveira e Daniel Miranda. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Apicuri, 2016. 1

<sup>64</sup> Ver mais em: CARDOSO, Ciro Flamarion. *O uso em história da noção de representações sociais desenvolvida na psicologia social: um recurso metodológico possível* *Psicologia e Saber Social*, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 40-52, jun. 2012. ISSN 2238-779X. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/psi-sabersocial/article/view/3244>>. Acesso em: 26 nov. 2020. doi:<https://doi.org/10.12957/psi.saber.soc.2012.3244>.

econômica e reconhecimento social, uma vez que muitas não tinham oportunidades de trabalho e educação equivalentes às dos homens. Ser esposa e mãe era visto como o "destino natural" da mulher, e o sucesso na vida estava atrelado a uma vida familiar bem-sucedida.

Mesmo em tempos contemporâneos, ainda existe uma pressão social significativa para que as mulheres alcancem a felicidade através do casamento. Frases como "ficar para titia" são exemplos de como o estigma em torno das mulheres solteiras ou sem filhos se manifesta na sociedade. A mídia, até recentemente, reforçava esses papéis, promovendo imagens de mulheres felizes e realizadas no contexto da família nuclear. No Brasil, a literatura popular, como os folhetos de cordel, frequentemente refletiu esse ideal de casamento, muitas vezes retratando as mulheres como destinadas ao casamento e à vida familiar. Nos folhetos, o casamento aparece frequentemente como a resolução de conflitos e o "final feliz" para as personagens femininas. No entanto, dependendo da obra, também se pode observar críticas e questionamentos sobre a realidade da vida conjugal, incluindo desafios como o ciúme, a infidelidade e a submissão.

Deste modo, buscaremos demonstrar como tais autores mantiveram um discurso sobre o matrimônio e como estes convergiam entre si para um ideal em comum. Mais adiante serão tratados papéis sociais ditos femininos e masculinos alimentados por meio da referida literatura, adotando uma perspectiva gendrada, ou seja, baseada no gênero, pois homens e mulheres tinham papéis sociais distintos e nas relações afetivas a situação não era diferente, uma vez que existiam padrões de comportamento e representações fundamentadas a partir do que era considerado feminino e masculino. Nessas representações tais indivíduos deveriam atender a certos requisitos, visto que o ser homem ou mulher se configurava como um fator determinante nas atitudes de cada sujeito.

É de nosso interesse a perspectiva de gênero pautada em papéis masculinos e femininos no casamento, mas existem outros marcadores que devem ser considerados quando se trata de trajetórias amorosas e conjugalidade, Cristina Donza Cancela evidencia que o casamento pode ser abordado ao menos a partir de três linhas, sendo elas: em um panorama historiográfico que considera as pesquisas sobre população, assim como, pode ser pensado romanticamente ou principiando os estudos da economia doméstica. E ainda segundo a autora, marcadores como gênero, geração e origem são definidores de vivências<sup>65</sup>. Deste modo, este trabalho busca refletir sobre um ideal de casamento construído por meio dos cordéis o atrelando à realidade cotidiana dos casais em Belém durante a primeira metade do

---

<sup>65</sup> CANCELA, Cristina Donza. *Trajetórias amorosas e conjugalidade: pertencimento e (des)locamento dos marcadores sociais (Belém 1870-1920)*. In: Projeto História, São Paulo, n. 45, pp. 141-168, Dez.2012.

século XX voltada para pensar o romantismo.

A partir deste ponto, pretende-se tratar do ideal de casamento reverberado principalmente por duas instituições: o Estado e a Igreja. Ou seja, como durante as primeiras décadas novecentistas esses dois poderes eram reguladores e legisladores do matrimônio, e, influenciavam a vida cotidiana dos habitantes de Belém que pensavam em casamento. Para o historiador Ipojucam Campos que se debruça sobre tal temática neste período, durante as primeiras décadas do século XX, ocorreram discussões calorosas envolvendo as referidas autoridades<sup>66</sup>. Igreja e Estado estavam de acordo enquanto a indissolubilidade do casamento e do divórcio apenas como separação de corpos e bens, mas existia uma disputa acirrada sobre a jurisdição oficial do consórcio, ou seja, qual instituição iria casar a população belenense.

Um marco temporal importante para esta época foi o ano de 1916, o então Código Civil deste ano afirmou ou reafirmou a laicização do casório e do divórcio que já se dava desde 1890, por meio do Decreto nº 181 de 24 de janeiro de 1890, ou seja, o Estado era o principal responsável legal pelo casamento, se um casal decidisse adquirir as núpcias apenas na igreja, seus direitos civis enquanto casados não seria válido, pois, era obrigatório o casamento civil para que os cônjuges gozassem de seus direitos legalmente. O casamento religioso não deixou de ser requisitado ou valorizado, mas se anteriormente a Igreja possuía domínio quase absoluto em tais assuntos, o Estado a partir de 1890 se integrou nesta dinâmica de maneira definitiva. Este imbróglio (casamento civil x casamento religioso) entre lei eclesiástica e mundana antes de se definir desta maneira foi objeto de discussões acaloradas entre as partes que defendiam seus pontos de vistas de maneira ferrenha.

O ideal propagado pelo Estado e Igreja em relação ao casamento era de que o mesmo deveria ser indissolúvel, ou seja, as premissas religiosas e estatais impunham a necessidade de que a vida a dois tivesse caráter insétil. O Código Civil de 1916, referente ao direito da família<sup>67</sup>, esclarece quais eram os deveres dos homens e das mulheres no matrimônio. Os primeiros deveriam prover a família, se o pai deveria ser uma espécie de administrador familiar, sempre atento para quê às normas sociais vigentes fossem rigorosamente cumpridas pelos membros de sua prole, por outro lado, às mulheres cabia auxiliar o marido no cuidado da casa e dos filhos. A mulher estava tão vinculada ao lar que até mesmo para exercer uma profissão necessitava da autorização do marido, conforme o artigo 233 do mencionado

---

<sup>66</sup> Ver mais em: CAMPOS, Ipojucam Dias. Igreja e Estado, casamento, família e divórcio (Belém-Pará, 1916-1940). *HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, v. 14, n. 43, p. 952-974, 30 set. 2016.

<sup>67</sup> CCB/1916 - Código Civil Brasileiro de 1916 - Lei 3.071/1916

código.

Por família legítima – higienizada desta época tratava-se essencialmente de uma noção mais tradicional e conjugal se comparada aos dias atuais, sendo: pai, mãe e filhos o núcleo principal da instituição. A definição do dicionário sobre o significado de família é a seguinte: “pessoas aparentadas, que vivem, em geral, na mesma casa, particularmente o pai, a mãe e os filhos”, ou também “comunidade constituída por um homem e uma mulher, unidos pelo laço matrimonial e pelos filhos nascidos dessa união”<sup>68</sup>. Apesar da linha temporal deste trabalho ser extensa - parte da primeira metade do século XX, nesse período a família era um vínculo perpétuo como Ipojucan Campos afirma, e ainda, o casamento era tido como contrato e sacramento<sup>69</sup>. Com base nessas premissas, qualquer aspecto que não estivesse alinhado com esse ideal violaria as normas estabelecidas e certificadas pelas estruturas de poder antes citadas.

A noção de família que está sendo tratada aqui é uma construção social, no presente a noção de família é mais ampla e inclusiva, mas na primeira metade do século XX se trata principalmente de uma união monogâmica e heterossexual. Ou seja, o significado de família se alterou com o passar do tempo, mesmo a ideia de família nuclear formada por pai, mãe e filhos que vivem na mesma casa é uma construção social recente, a modernidade é responsável por moldar tal perspectiva, Philippe Àries em seu clássico trabalho *História social da criança e da família*, demonstra que no Ocidente durante a Idade Média era comum que as crianças a partir dos sete anos geralmente fossem viver com outras famílias em um modelo de aprendizagem que fazia sentido à época, é após o século XV que as realidades e os sentimentos relacionados à família se transformam<sup>70</sup>.

Novos comportamentos em relação à criança passam a vigorar com a modernidade, os pais, principalmente as mulheres passam a se responsabilizar mais pela educação de seus filhos pequenos, a família doméstica e nuclear começa a ser construída e naturalizada como universal. Nesse sentido, Joan Scott entende que o processo de naturalização da família implica em papéis sociais de gênero, existindo uma domesticação sobre a vida das mulheres que são empurradas para o espaço da casa e responsabilizadas pela reprodução e cuidado dos

---

<sup>68</sup> BUARQUE DE HOLLANDA, Aurélio. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

<sup>69</sup> CAMPOS, Ipojucan Dias. Para além da tradição: casamentos, famílias e relações conjugais em Belém nas décadas iniciais do século XX (1916/1940). 2009. 344 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

<sup>70</sup> ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. 2a ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

filhos<sup>71</sup>. Percebe-se, então, que família é uma instituição social e econômica e refletir sobre seus significados é de suma importância para sua compreensão.

As narrativas dos cordéis apresentadas nesta seção pretendem demonstrar que ao se relacionar os enamorados estavam envoltos de idealizações sobre amor, relacionamento, casamento. O ideal implica a existência de um contraponto ou contra ideal que com frequência é mal visto e até mesmo alvo de mecanismos de supressão social. Se o casamento indissolúvel é o ideal, o divórcio representa essa perspectiva contrária. Em 1890, ocorre a laicização do casamento e do divórcio como mencionado anteriormente, ou seja, o Estado Republicano passou a estabelecer a obrigatoriedade do contrato civil. O casamento religioso ainda possuía peso social, mas com o contrato civil a igreja deixou de ser soberana em tais assuntos e teve de dividir com o Estado as prerrogativas do enlace, o Código Civil de 1916 reafirmava o papel do Estado em sua função nupcial.

A relação entre Estado e Igreja sobre o respectivo tema fugia do campo harmonioso e passava a vigorar ataques mútuos, a igreja acreditava ser o casamento religioso o mais importante, pois firmava o compromisso divino e o Estado se empenhava em colocar o casamento civil como necessário e obrigatório para que os casados pudessem usufruir dos seus direitos civis enquanto cônjuges. Ipojucan Campos ao discutir sobre casamento, família e divórcio na cidade de Belém, em relação à secularização do casamento afirmou que “O clero[...] não se dava por vencido e atacava de maneira sistemática a secularização da ruptura conjugal bem como o casamento civil.”<sup>72</sup>. A igreja encontrava meios de comunicar seu ponto de vista sobre o matrimônio, buscando deixar evidente que esse deveria ser valorizado e que o Estado com suas discussões laicas poderia corromper a instituição familiar.

A indissolubilidade era um fator importantíssimo quando o assunto era o casamento, pois era ela a garantia de que uma união não seria desfeita. Já o divórcio era seu oposto, jornais e revistas traziam artigos tratando de tal assunto, partindo deles é possível compreender o referido cenário. Em matéria de 3 de novembro de 1922, o jornal Estado do Pará publicou a matéria “O divórcio – suicídio nacional”<sup>73</sup> e destacou que o divórcio era “a peor chaga que pode corroer uma sociedade, é uma verdadeira e terrível calamidade”, aqueles

---

<sup>71</sup> Joan Scott – Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989.

<sup>72</sup> Campos, Ipojucan Dias. Para além da tradição: casamentos, famílias e relações conjugais em Belém nas décadas iniciais do século XX (1916/1940). 2009. 344 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. Op. cit. p. 41.

<sup>73</sup> Estado do Pará. Belém, 3 de novembro de 1922, p. 1



que apoiavam ou concordavam com o divórcio eram chamados de “inimigos da indissolubilidade”. Mas existiam aqueles que acreditavam ser o divórcio uma solução, senão a única, para seus problemas no casamento.

Em sua edição de domingo, 20 de outubro de 1948, mais de 20 anos depois da notícia anterior, o jornal "Folha do Norte", na coluna intitulada "Desabafo Matrimonial", escrita por Coriolano de Cerqueira, expõe que ele está casado há cinco anos e, ao longo do artigo o autor declara sua infelicidade no casamento, expressando o desejo de se divorciar:

Há cinco anos que me arranho com essa curuba diabólica. Propús-lhe, por duas vezes o desquite. Recusou. Diz que pessoas a quem o desquite separa ainda ficam coladas. Não são nem casadas, nem viúvas, nem solteiras.<sup>74</sup>

Desde 1890 com a laicização do casamento, o divórcio demonstrou-se uma pauta social relevante, tanto que os anos passavam e ele continuava sendo uma pauta social amplamente discutida. Para Cerqueira se a nova constituição propusesse o divórcio como separação de corpos (lembrando que isso ocorrerá apenas no ano de 1977) poderia salvá-lo de um casamento infeliz e de uma mulher que o atazanava: “a nova constituição talvez nos trouxesse o lenho salvador. Vivíamos de esperança. Enganamo-nos, porém. Venceu o beatismo intolerante e hipócrita. Eu só queria ver se Deus nosso Senhor não votaria pelo divórcio, se fôsse casado com mulher desta época.”. Finaliza seu desabafo culpando a igreja por sua vida de beberrão, fora de casa e com amantes, fazendo um último pedido direcionado as mulheres: “Cartas para êste pobre Cerqueira, no Correio das Folhas.”.

Cerqueira escreveu o seu desabafo matrimonial em 1948, mas rememora em sua escrita décadas anteriores, lembrando que a discussão sobre divórcio já era antiga e principalmente a Igreja fazia objeções contra tal feito com a justificativa de preservar as famílias. Pelo evidenciado, a família é uma instituição nas primeiras décadas do século XX com ideais construídos principalmente pelo Estado e Igreja, mas além desses ideais existiam sujeitos orgânicos que vivenciavam o casamento, o matrimônio em sua prática conjugal cotidiana e poderiam ter interesses que diferiam do modelo preconizado, como é o caso de Cerqueira que preferia o divórcio ao continuar em uma união infeliz, todavia as amarras que o mantinham na relação, ao menos legalmente, eram mais fortes que suas aspirações individuais.

---

<sup>74</sup> Folha do Norte. Belém, 20 de outubro de 1948, p. 3

Mesmo porque os sujeitos que pensavam em contrariar o matrimônio sabiam que quando contraíam núpcias de suas premissas a serem cumpridas e a indissolubilidade era uma delas. Em artigo de 1944 ‘No Limiar do Casamento - O Sacramento’ publicado pela Revista da Juventude Feminina Católica, de autoria do Padre A. de Almeida Morais Junior, afirmava-se o seguinte sobre tal aspecto do casamento: “Não é uma simples convenção, um contrato rescindível à vontade dos contratantes. O que resulta desse contrato é alguma coisa maior, muito mais alto e que o poder misterioso de Deus torna sagrado.”<sup>75</sup>. Ou seja, para a Igreja o divórcio deveria ser combatido e os seus fiéis deveriam seguir seus preceitos. “No limiar do casamento” era na realidade uma coluna fixa da revista, pois saiu em diversas de suas edições e tinha o objetivo de se direcionar as jovens leitoras da revista, as aconselhando em relação ao casamento e dava conselhos carregados de influência religiosa:

Jovem! toma este livrinho e lê com tôda a lealdade e sinceridade de tua alma ardente. Pensa que muita coisa do teu futuro está vinculada aos ensinamentos destas páginas. Reflete, apagando a nebulosidade, dos sonhos que te impedem ver clara e realmente. O teu futuro é uma construção. Oh! Por Deus! não atires a construção da vida sobre areias movediças ou sobre frageis fundamentos. Olha, examina, estuda, pês todas as razões e depois levanta o edifício do teu futuro. Êste livrinho é uma sugestão ao teu espirito moço. Ouve o que êle te há de dizer<sup>76</sup>

Certamente as mulheres eram encaminhadas para o casamento, mas, além disso, eram encaminhadas desde muito cedo a cumprir seu papel de esposa, mãe e dona de casa. Os jornais, periódicos e revistas da época tratavam de um leque de temáticas e dentre elas estavam o amor, o namoro, a afetividade, o casamento, ou seja, os sujeitos da cidade de Belém durante a primeira metade do século XX estavam envolvidos em representações sobre o que seria ou deveria ser a vida a dois, a vida em família. Em outra matéria da revista ‘Quero’, o Mons. Vicente Martins ao tratar das diretrizes do casamento, pauta a indissolubilidade novamente:

A indissolubilidade, nos momentos crueis, em que as paixões suscitam as revoltas e tempestades do coração, obriga o homem e a mulher à meditação, à reflexão, a saberem se suportar, a saberem sofrer, a saberem perdoar e esquecer, a saberem se corrigir e seguir uma norma de paz inquebrantável que jamais perturbe a felicidade do lar. Somente a indissolubilidade garante esta reflexão, êste acôrdo, esta paz, esta tranquilidade.<sup>77</sup>

---

<sup>75</sup> Quero. Belém, Dezembro e Janeiro de 1944, Anno VI, n°61-62, p.7.

<sup>76</sup> Quero. Belém, Março de 1943, Anno V, n° 52, p. 4.

<sup>77</sup> Quero. Belém, Dezembro e Janeiro de 1944, Anno VI, n°61-62, p.8.

A indissolubilidade do casamento, reforçada pela Igreja Católica, garantia que a mulher permanecesse vinculada ao seu marido para toda a vida, independentemente de desafios conjugais como infidelidade, abusos ou falta de afeto. Isso implicava que, uma vez casada, a mulher não tinha muitas alternativas além de se conformar à vida conjugal e à manutenção do lar. A impossibilidade de dissolver o matrimônio legalmente tornava a vida doméstica o único cenário possível para a realização feminina, afastando-a de outras esferas sociais, como a vida pública ou profissional. A Igreja Católica foi a instituição mais importante na consolidação do princípio da indissolubilidade do casamento. Desde o Concílio de Trento (1545-1563), que reafirmou o casamento como um sacramento indissolúvel, a Igreja se posicionou firmemente contra o divórcio, consolidando a ideia de que o matrimônio era uma união sagrada que não podia ser desfeita por leis civis ou vontades individuais. O casamento, segundo a doutrina católica, era um pacto divino, e a separação dos cônjuges representava uma ruptura contra a ordem de Deus.

No Brasil, onde a Igreja Católica desempenhou um papel central na vida cotidiana, esse ideal de casamento indissolúvel teve grande impacto sobre a vida das mulheres. As igrejas locais atuavam como reguladoras dos comportamentos sociais, pressionando as mulheres a cumprirem seus papéis de esposas e mães sem questionar a estrutura patriarcal do casamento. Mesmo em situações de infidelidade ou abuso, a solução esperada pela sociedade era a reconciliação, nunca a dissolução do casamento. Isso se refletia, por exemplo, nas confissões e aconselhamentos espirituais, onde os padres incentivavam as mulheres a manter a união e cumprir seus deveres conjugais. Mary Del Priore, em *Histórias Íntimas: Sexualidade e Erotismo na História do Brasil* (2011), enfatiza como a Igreja Católica moldou a moralidade sexual no Brasil, pregando a castidade antes do casamento e a fidelidade absoluta dentro dele, especialmente para as mulheres. Isso impunha às esposas o dever de subordinação ao marido, enquanto a infidelidade masculina, embora não encorajada, era mais facilmente tolerada. Para as mulheres, entretanto, o adultério podia levar à desonra e, em alguns casos, à exclusão social, reforçando ainda mais a necessidade de preservar a união conjugal a qualquer custo<sup>78</sup>.

Tais manifestações dos religiosos deixavam claro o posicionamento da Igreja em relação ao divórcio, que este deveria ser mal visto socialmente, sendo representado como um perigo moral e social. Eram comuns mulheres que se divorciavam eram associadas à devassidão, à promiscuidade. O significado de família e casamento ao longo do tempo sofre

---

<sup>78</sup> DEL PRIORE, Mary. *Histórias Íntimas: Sexualidade e Erotismo na História do Brasil*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

mutações, durante a primeira metade do século XX, como anteriormente citado era motivo de discussões acaloradas, mas a sociedade civil, os indivíduos também tinham influência na construção de uma união, pois a vivenciavam em sua prática. Para formar um casal era preciso considerar uma série de requisitos para um par ideal, por exemplo: a idade dos noivos, a classe social, etc. Durante o fim do século XVIII e início do XIX eram comuns os consórcios endogâmicos, ou seja, entre parentes próximos, mas com o decorrer do século XIX e a modernização socioeconômica e a ampliação de redes de poder o casamento passou a ser mais exogâmico, entre pessoas que não pertencem ao mesmo grupo familiar, social, étnico ou religioso.

Em Belém no final do século XIX e início do XX como demonstra Cristina Cancela ao tratar de tais relações a autora reflete a ‘classe’ como um marcador social relevante, pois a elite local – as famílias proprietárias de gado, terra e comerciantes ligados à borracha privilegiavam relacionamentos entre si. Essa era mais uma tentativa de idealizar atitudes “esse domínio passava pelas tentativas de normalização da sociedade e dos indivíduos, onde as instituições atuavam no sentido de criar regras de comportamentos morais e sexuais, disciplinar a família, intensificar e estimular a instituição conjugal”<sup>79</sup>.

Cancela afirma ainda que as camadas populares poderiam ter relações mais fluidas, por conta da ausência de patrimônio, ou seja, poderia existir certa facilidade em romper os laços que uniam dois amantes, os bens materiais não eram a prioridade dessas relações, por isso, talvez fosse mais fácil encerrá-las<sup>80</sup>. No caso do cordel como fonte, o objetivo é tratar de representações dos ideais construídos pelos cordelistas sobre o papel de homens e mulheres no estabelecimento de uma relação a dois, sobre qualidades e deveres e defeitos que poderiam fazer com que uma pessoa fosse considerada para o casamento ou descartada.

Foi mencionada anteriormente a considerável influência nordestina nos folhetos da Amazônia, pois, uma grande parte da literatura de folhetos ambientado na região foi produzida no Nordeste, por isso, deve-se considerar ao tratar de casamento na primeira metade do século XX em Belém, a população nordestina. O número de nordestinos na região Norte é significativo, assim demonstrou Cristina Cancela que o número de casamentos dessa população em Belém é expressivo, ao analisar os registros de casamento ocorridos na Paróquia de Nazaré de 1883-1920 a autora percebe que o número de casamentos entre

---

<sup>79</sup> *Ibidem; idem p.7*

<sup>80</sup> *Ibidem; idem p. 7*

nordestinos é mais elevado do que entre os paraenses<sup>81</sup>. A circulação da literatura anuncia por certo sinais o trânsito de pessoas, a vinda dos nordestinos trouxe o cordel para o Estado e a permanência dessa população pode ter sido um dos fatores para a aceitação e amplo consumo entre os paraenses dos folhetos.

Os caminhos que levam a destacar o casamento e a vida amorosa nos cordéis se deram por conta de sua recorrência na construção das histórias dos folhetos. Inicialmente ao analisar os cordéis utilizados como fontes foi possível notar certa constância de narrativas que já foram levantadas em outros estudos. As representações do casamento analisadas aqui são muitas vezes um mecanismo sexista que alimentam uma engrenagem estrutural onde os homens representam o feminino, os cordéis do acervo pesquisado são majoritariamente escritos por homens e como estes homens criaram retratos sobre mulheres em seus escritos?

Tais imagens afetam diretamente a vida cotidiana das mulheres, muitas vezes as objetificando e condicionando-as ao espaço do lar e da família, criando uma dualidade moral: se a casa e a família era o ambiente natural da mulher, a rua e outros espaços sociais não lhe pertenciam. As representações sociais são agentes poderosos para a manutenção de uma estrutura de poder, através delas são normatizados comportamentos, o cordel inclusive tinha um papel de código de conduta, os autores refletiam padrões sociais considerados morais perante o Estado, a Igreja e a sociedade. A criação de um ideal de casamento estava presente nos folhetos, pois seus cordelistas faziam questão de tratar sobre tais assuntos em suas obras.

Os folhetos construía um ideal de família baseado por influências patriarcais disseminadas por instituições como Estado e Igreja, Clarissa Loureiro Marinho Barbosa<sup>82</sup> analisa como os cordéis por ela estudados apresentam representações femininas onde o olhar patriarcal alimenta estereótipos de Madalenas, de Evas e de Marias, Barbosa considera os folhetos como expressão sócio literária sendo, portanto, o cordel fonte de uma interação entre o contexto histórico em que está inserido e uma expressão que reinterpreta tal contexto. Por mais que os cordéis muitas das vezes tratassem de momentos ficcionais variados, ainda assim, é possível perceber uma trajetória de representações sociais. Para a autora, desde o sistema colonial brasileiro o patriarcalismo oportuniza os homens (principalmente os brancos de uma classe social abastada), como a cabeça da família, ou seja, o patriarcado como sistema de

---

<sup>81</sup> CANCELA, Cristina Donza. *Adoráveis e dissimuladas: as relações amorosas das mulheres das camadas populares na Belém do final do século XIX e início do XX*. 1997. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em História, Campinas, 1997.

<sup>82</sup> BARBOSA, Clarissa Loureiro Marinho. **As representações identitárias femininas no cordel: do século XX ao XXI**. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2010.

poder é uma construção social e histórica que ao longo dos anos foi alimentada por práticas e representações.

Durante o século XX ainda é influente este olhar patriarcal sobre a mulher portanto é o patriarcalismo um dos responsáveis por estabelecer representações sobre o que seria, por exemplo, uma mulher valorizada ou não perante a sociedade, outros responsáveis seriam o cristianismo e o judaísmo. Deste modo, há uma tradição poética representando as mulheres de determinada maneira, tendo em vista a sua recorrência, o que torna reconhecível narrativas falocêntricas. Considerando essas particularidades na reflexão e na análise dos cordéis pesquisados, percebe-se a alimentação da estrutura a qual desenha a mulher sob a ótica do homem e com forte influência religiosa voltada principalmente para a vida a dois. Assim, quando diversos cordéis reiteram uma visão patriarcal das mulheres, essas representações acabam sendo perpetuadas no imaginário coletivo. Essa percepção ocorre tanto em grupos de pessoas quanto em sociedades como um todo. Os cordéis podem carregar representações femininas que se aproximam da realidade, pois existe uma relação entre práticas e representações.

Como mencionado, o olhar religioso foi bastante imponente nessas representações e na construção de um ideal de família. A Igreja, neste cenário, é uma poderosa reguladora do matrimônio, inclusive ditava regras, ideais sobre como as pessoas deveriam encarar a vida conjugal. Antonio Joel de Sousa Marinho referindo-se ao século XIX corrobora como a construção de certas representações sobre a imagem feminina é uma construção social antiga que precede o século XX, o autor expôs o olhar do religioso D. Macedo Costa, no ano de 1875, sobre quais seriam os deveres de uma esposa exemplar, publicados nos jornais da Igreja<sup>83</sup>, consistiam em:

- 1º Amar o Marido
- 2º Respeitá-lo como seu chefe
- 3º Obedecer-lhe com a afetuosa prontidão
- 4º Adverti-lo com descrição e prudência
- 5º Responder-lhe com toda a mansidão
- 6º Servi-lhe com desvelo
- 7º Calar, quando o vir irritado
- 8º Tolerar com paciência os seus defeitos
- 9º Não ter olhos nem coração para outro
- 10º Educar catolicamente os filhos
- 11º Ser muito atenciosa e obediente para com o sogro e sogra
- 12º Benévola com os cunhados

---

<sup>83</sup> SOUSA, Joel Marinho de. **Representações Femininas na Literatura de Cordel (Pará, Década 1940)**. Monografia apresentada à Faculdade de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

13º Prudente e mansa, paciente e carinhosa com toda família

A religião exercia influência significativa sobre a vida social e a construção de um ideal para o casamento. Na sociedade da época, aqueles que seguiam o cristianismo eram valorizados, e essa característica é evidenciada nos cordéis pesquisados. A religião frequentemente é incorporada de alguma forma em suas narrativas. Nos folhetos, é constante a presença do Deus cristão e dos santos católicos. No cordel "Batalha de Oliveiros e Ferrabras", em meio a uma batalha como narrado pelo cordelista, um dos guerreiros mesmo ferido, tenta converter o outro ao cristianismo, buscando que ele possa ser batizado e, assim, merecer o reino dos céus.

“Disse Oliveiros consigo:  
 - Meu Deus, si vós concedesse  
 que esse turco conhecesse  
 que é feliz viver contigo,  
 livraria-o do perigo  
 de sua alma se perder, o céu tinha de colhe  
 uma alma quasi perdida  
 que depois de arrependida  
 podia se converter

[...]

Tocae este coração  
 para tornares fiel,  
 conheça um Deus de Israel  
 como auctor da criação,  
 que não perca a salvação  
 que a vosso filho custou  
 pois seu sangue derramou  
 sobre um madeiro pregado,  
 fazei com que esse desgraçado  
 seja de vós como eu sou.<sup>84</sup>

Os cordelistas com essas narrativas tinham a intenção de mostrar valores sociais cristãos para seus leitores e afirmar suas crenças como verdadeiras, valorosas. Refletindo a constância da temática religiosa nos folhetos Martine kunz define o seguinte:

Dentro da literatura de cordel, a temática religiosa constitui um ciclo importante. De fato poucos folhetos deixam entrever algum sinal de anti-clericalismo. Inúmeros abordam unicamente assuntos religiosos: vida de santos, relatório de milagres. ABC da missa, profecias... Em quase todos há traços evidentes de moral católica, a maior parte contém uma exortação ao bem, revelando quase sempre temor a Deus e respeito à Igreja.<sup>85</sup>

<sup>84</sup> *A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás*. Belém: Guajarina, out. 1936. 44p. 135 décimas (Publicado anônimo).

<sup>85</sup> KUNZ, Martine. *Cordel: A voz do verso*: - Museu do Ceará / Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2001,

Os cordelistas, em sua escrita, consideravam relevante tratar de aspectos do mundo à sua volta para a aceitabilidade de seus textos, para isso os autores faziam uma espécie de leitura do público: quais temáticas as pessoas se identificavam? Isso tinha influência na venda de seu produto. Por isso, era importante inserir em suas publicações conteúdos que a sociedade da época e próprio cordelista admitiam. Com base nas fontes, a religião, principalmente a católica demonstrava ser referência social importante. Desta maneira, os estudos sobre representações sociais nos cordéis que serviram de referência para este trabalho deixam explícito a influência da religião, logo, da Igreja na vida dos indivíduos. O cordel “*Sofrimentos de Helena*” de Firmino Teixeira do Amaral publicado como um suplemento da Editora Guajarina demonstra em suas linhas a ligação da beleza da mulher com uma dada santidade, o poeta descreve a beleza da personagem:

Helena era possuidora  
de uma grande beleza,  
admirava aos que viam  
a sua delicadeza,  
só sendo mesmo uma obra  
da Divina Natureza

Tinha os cabelos louros,  
E tinha a cor do jasmim,  
Os olhos eram uns brilhantes  
Os dentes como marfim,  
Beleza como a de Helena  
Nunca se viu outra assim.

O Padrinho deste anjo  
Chamava-se Vicente Quirino<sup>86</sup>

Atrelar a beleza ou personalidade de uma mulher a princípios religiosos era valorizá-la, atribuir uma dada santidade significava representar algo puro e limpo, diferente do promíscuo. Em outro cordel do mesmo autor é novamente atribuída à mulher qualidades que são comparadas a de uma santa:

A mulher quando é boa  
é uma santa verdadeira,  
faz feliz a qualquer homem,  
é sempre fiel companheira,  
governa bem sua casa

---

p. 13.

<sup>86</sup> AMARAL, Firmino Teixeira do. *Sofrimentos de Helena*. Belém: Guajarina, 1941.



e sabe ser justiceira.<sup>87</sup>

O poeta continua:

Desde pequena se sabe  
O que a mulher vem a ser,  
Pelo modo de brincar  
O que costuma fazer,  
Quem presta bem atenção  
não demora em conhecer

Se em pequena tiver  
o costume de gritar,  
gostar de andar correndo  
e as vezes de brigar,  
quando casar o marido  
tem muito que aguentar

O cordel associa novamente valores sociais cristãos a uma mulher que seria virtuosa. As qualificações de ser uma boa esposa estavam entrelaçadas com ser, também, uma boa cristã. Em Belém no dia 3 de setembro de 1931 teria ocorrido “*A tragédia do bairro de canudos*” o cordel conta a história de um crime que chamou atenção da sociedade à época. Maria Francisca, matou Manoel Faustino, o homem tentou seduzir Maria à força, sendo ela uma mulher casada e dita digna não aceitou as investidas violentas e acabou tirando a vida do homem. Ao ser julgada a autora do crime foi absolvida, pois a justiça e a sociedade entenderam que para defender sua honra e dignidade de mulher casada Maria foi obrigada a matar.

Vencera, afinal, Maria  
Que defendera o seu lar.  
Se matou não foi por gosto,  
mas porque queria honrar,  
seu nome de esposa e mãe  
que deus lhe dá no altar.

Quando a mulher vence a lucta  
E consegue tal vitória,  
serve de exemplo ás demais  
como herínas da história!  
Pois para a mulher que é digna  
Ser esposa e mãe é glória!

---

<sup>87</sup> AMARAL, Firmino Teixeira do. *O Julgamento da Mulher. O valor do Dinheiro*. Belém: Guajarina, s.d. 16p. Cópia da col. Luyten.

Podemos supor, a partir dos folhetos que a religião cristã era importante para o casamento, por meio dela justificou-se um crime, pois uma mulher casada jamais aceitaria ter seu corpo violado. Se Manoel conseguisse como disse o poeta 'seduzir' Maria a honra de sua família estaria comprometida, o corpo da mulher para ser digno foi associado a agentes externos como: sua casa, sua família, sendo que Maria foi exposta a uma violência independente de ser casada ou não.

O cordel retrata Maria como uma heroína que, ao cometer um ato extremo de violência, "vence" ao defender seu lar e sua honra. O sacrifício feminino, incluindo a violência como último recurso, é romantizado e apresentado como necessário para preservar sua dignidade como esposa e mãe. Essa glorificação do sacrifício e da violência pode ser criticada por perpetuar uma visão em que as mulheres precisam suportar ou recorrer a extremos para serem respeitadas ou consideradas dignas. Em vez de questionar a estrutura de poder e violência que leva Maria a esse ponto, o texto reforça a ideia de que essa ação violenta é justificada em nome de um ideal patriarcal de honra e família.

Os cordelistas, ao discorrerem sobre o casamento em seus folhetos, em parte concordavam com as instituições reguladoras. Definiam claramente os papéis sociais atribuídos ao homem e à mulher na união, destacando seu caráter como contrato, sacramento e vínculo perpétuo. No entanto, ao abordarem esse tema, os poetas possivelmente refletiam experiências de vivências próprias ou de outrem ou mesmo situações ficcionais, mas partindo dessa perspectiva ainda sim é possível refletir sobre como o matrimônio era pensado por esses escritores. Autores distintos compartilhava uma visão comum acerca do casamento como um fardo, representando a mulher como tal. Isso pode ser atribuído ao fato de os cordelistas serem predominantemente homens, o que refletia a perspectiva masculina de que sustentar uma família e um casamento era um peso, fosse ele financeiro ou afetivo.

Mais adiante, ficará evidente que os cordelistas chegam a desaconselhar o casamento, o que reflete a complexidade dos eventos envolvidos na união conjugal e na formação de uma família. O indivíduo, em toda a sua complexidade, vivencia experiências diversas ao se comprometer em um matrimônio. A realidade do casamento e a possível constituição de uma família muitas vezes não se encaixam em um ideal pré-concebido. A partir deste trecho, iremos analisar o ponto de vista específico dos cordelistas e como eles interpretavam tanto o casamento quanto o papel das mulheres nas relações conjugais.

## **2.2 Romance no pré-Casamento: flertando com a felicidade duradoura – o flirt**

A fase do pré-casamento, muitas vezes marcada pela conquista e o flirt, é um dos momentos mais românticos de uma relação a dois. Nesse período, tanto homens quanto mulheres experimentam uma combinação de expectativas, emoções intensas e descobertas mútuas, que criam as bases para o que pode se transformar em um relacionamento duradouro. O flirt, ou flerte, representa o jogo inicial da sedução e da atração, em que sinais sutis e comportamentos charmosos despertam o interesse e o desejo entre duas pessoas. Como era namorar em Belém no referido recorte temporal? Essa fase embrionária demanda atenção, pois é a partir dela que uma relação amorosa se desenvolve, os cordelistas deixaram pistas do que seria essa conquista antes de um relacionamento sério. Nas primeiras décadas do século XX, a população belenense estava imersa em uma rede de representações sobre relacionamentos, amor e romantismo.

Essas ideias amorosas eram expressas não apenas nos cordéis ou na literatura, mas também em jornais e periódicos como revistas ilustradas. Um exemplo é a revista "Flirt", publicação mensal dedicada à arte e ao mundanismo. Com redação e administração localizadas na Praça Batista Campos. A revista circulou em Belém durante a década de 1930. Ao analisar o seu conteúdo torna-se evidente o seu envolvimento com a temática de relacionamentos, apresentando uma série de artigos, notícias e contos direcionados ao campo do "flirt".

Se o romance era um objeto constante em diversos meios de comunicação da época, supõe-se que poderia existir uma espécie de clamor do público por tal temática de modo que as publicações circulares traziam em seu conteúdo tais assuntos com frequência, saber da vida amorosa de alguém era de interesse público. Na revista 'Flirt' a coluna "Amores em foco" trazia notícias sobre relacionamentos de alguns moradores da cidade:

Notícia 1: O que sabemos é que nosso amigo Antonio P. acabou o namoro com a sua Olguinha... Não sabemos ao certo, porém, o que nos parece é que a causa foi para... fazer melhoramentos financeiros...

Notícia 2: Temos notado em nossas reuniões que o nosso amigo Cruz de Pin, ao dar o apito das oito horas da noite, elle parte em direcção ignorada, xispando que ninguém o pode alcançar... Pelo que parece, é a hora que ele costuma ir dar os "traços" em alguma garota.

Notícia 3: O joven Luiz P. coitado anda allucinado por causa de sua Orphila, imaginem que quando finda o mez o saldo de seu ordenado está completo... Tudo isso é por causa de sua garota que está em Soure para onde o Luiz se atira todos os sabádos, afim de... matar as saudades...

Notícia 4: O mais distincto de todos os apaixonados que temos visto nestes últimos tempos, é o Luiz A. Gustavo, um "gentlemen" na exceção da palavra. A sua assiduidade muito o recomenda para que sua "pequena" tenha ciúme que elle seja conquistado... Até no hospital elle tem assiduidade... prática... e brevemente será... o

que diremos... um cientista de valor em tratamentos do coração...

Notícia 5: Está sendo focada nesta página a “fita” do D’Alwin”, que já não dorme, não vae ao cinema, não dança, chega às vezes a não comer, só por causa da sua “garota”. Elle há tempos tinha acabado com a “dita cuja”, o seu namoro, porque? Dique só por um adeus que ella fez para um “pequeno” mais bonito do que elle... mas a “pequena” que é crak, deu-lhe os traços que o “feliz mortal” acabou se convencendo que deveria voltar. Dias depois os ciúmes cresceram, o amor aumentou e elle teve que se unir...<sup>88</sup>

Outra revista que expôs a vida amorosa de um dos funcionários da Delegacia de Recenseamento foi a *Guajarina*, uma magazine quinzenal ilustrada que circulava na cidade de Belém. Em uma de suas publicações no ano de 1920 o fato narrado era o seguinte:

Um dos funcionários da Delegacia de Recenseamento foi há poucos dias em visita ao interior do Estado, e durante os dias que la esteve, elegante e insinuante, conseguiu conquistar vários corações femininos.

Cada moça do lugar achava-se com direito á preferência do funcionário.

Um dia, sabedora uma de suas admiradoras, de sua inconstância, perguntou-lhe á queima roupa:

-Ué, dr. Então, quan-tas semos?

- Dolorosa interrogação, replicou o jovem funcionário, e regressou imediatamente a esta capital.<sup>89</sup>

A vida amorosa de alguém poderia ser observada a ponto de virar notícia em uma revista, flertar ao que parece era algo corriqueiro, desde pessoas comuns a figuras ilustres da cidade poderiam ter as suas vidas amorosas expostas. Em 1925, na posse do então novo governador de Belém, Dónisio Bentes, a *Revista Ilustrada A Semana*, publicou a matéria denominada de “garotices”, para além de tratar da posse do governador o autor do texto destacou também o seguinte:

“Elle, o joven governador, como é conhecido nas rodas que começa a aparecer, com a sua figura magra e elegante, é um pirata diplomado. Na festa verde escolheu e flertou toda a noite com a <<disease>> muito interessante e risonha[...] Depois na outra festa elle esqueceu esse flirt e arranjou outro com uma linda garota com quem muito dansou.”<sup>90</sup>

<sup>88</sup> Flirt, Belém, janeiro de 1931, n°11, p. 91.

<sup>89</sup> Guajarina. Belém, 27 de novembro de 1920, ano 11, n°21, p. 7.

<sup>90</sup> A Semana. Belém, 7 de Fevereiro de 1925, n° 355, p.32.

O *'flirt'* destaca-se, pois, a partir dele poderia surgir um namoro, quem sabe um compromisso mais sério. Depois do flirt, a conquista atingiria um novo patamar, a fase da corte. Segundo Cancela esta fase poderia ser prolongada pelas mulheres adiando um possível compromisso mais sério, pois nesta etapa ocorria uma inversão de papéis: os homens demonstravam-se mais dependentes e vulneráveis emocionalmente; já as mulheres, mostravam-se mais seguras de si e independentes. Deste modo, os ideais eram de certa forma rompidos ou momentaneamente ocorriam trocas de papéis, talvez inebriados pelo amor os indivíduos se tornassem menos criteriosos para os hábitos, mas quando uma relação passava a ser construída ambos tinham funções sociais esperadas.

Por tanto para tratar da vida conjugal ou de sua representação por meio dos cordéis,<sup>90</sup> a construção de um relacionamento a dois e, por conseguinte, a possibilidade de formar uma família se passava pela fase inicial da paquera ou flerte. O início de uma relação foi representada no cordel de Manoel Baptista Ribeiro lançado na década de 1930 sob o título de “*A linguagem do leque – A linguagem da Bengala*”, as linhas do folheto demonstram como aconteceria a conquista por meio de dois objetos pessoais: o leque e a bengala; o primeiro representa a mulher; o segundo o homem e por meio de sinais com tais objetos se demonstraria o interesse ou desinteresse por parte dos envolvidos.

(representando as mulheres)  
 A mão direita com o leque  
 apontar com o coração,  
 diz ganhaste o meu amor,  
 só a ti tenho afeição,  
 te peço que seja firme  
 não me faças traição

[...]

(representando os homens)  
 Da Linguagem da Bengala,  
 Quero tratar, afinal,  
 Segurar nas duas pontas  
 É o primeiro sinal  
 Quer dizer: amo-te muito  
 Nosso amor não tem igual.<sup>91</sup>

<sup>91</sup> RIBEIRO, Manoel Baptista. *A linguagem do leque/ A linguagem da bengala/ Acenos por meio de objetos/ Emblema das cores/ Modo de se conhecer os dias por meio das cores*. Belém: Guajarina, 1934, pp. 1-6.



**Figura 8 - Na imagem as moças haviam saído de um cinema em Belém e conversavam com seus leques em mãos. Guajarina. Belém, 27 de novembro de 1920, ano 11, n°21, p. 9.**

Esses trechos sugerem que o flerte no passado envolvia códigos gestuais e simbólicos, em vez de interações verbais diretas. A mulher, com seu leque, demonstrava afeto com sutileza, enquanto o homem, com sua bengala, expressava sentimentos de forma mais explícita, mas ainda dentro de um sistema simbólico. Esses gestos revelam o desejo de manter certa formalidade e discrição nas interações românticas, respeitando as normas sociais da época. O leque e a bengala na atualidade estão em desuso, mas no referido período eram objetos de uso cotidiano comum, ao folhearmos as mídias do período e observarmos imagens encontramos com facilidade o leque e a bengala.



**Figura 9 - Era comum também que alguns homens da época fizessem uso da Bengala. Guajarina, v.1, n. 28, outubro de 1930, p. 6**

O surgimento de um compromisso envolvia ritos e normas que variavam entre homens e mulheres. Dois objetos de uso cotidiano poderiam servir como indicadores para o início da conquista. Esses itens também representavam e diferenciavam as atitudes entre o feminino e o masculino no cordel. Em outras palavras, cada qual tinha um padrão social de comportamento a seguir segundo o cordelista baseado no gênero dos envolvidos. Porém, fora do âmbito literário, na vida real, os diversos estratos da sociedade expressavam seus afetos de várias maneiras. Durante a primeira metade do século XX em Belém, os mais abastados e financeiramente estáveis eram obrigados a seguir formalidades consideradas essenciais para dar início a uma possível relação a dois. Por outro lado, as classes populares podiam ser mais flexíveis quanto a esses protocolos, no entanto, isso não implica que essa coletividade não considerava os ideais higiênicos de relacionamento difundidos pela sociedade da época.

As temáticas da vida conjugal e cotidiana fora, retratadas por meio do folheto “*A festa de São João no Pará*”, autoria de Apollinário de Souza, 1931. O autor se propõe a fazer uma descrição dos festejos de São João no Pará:

Deixando os outros logares,

onde adoram São João,  
farei uma descrição  
dos festejos no Pará;  
neste Estado todo o povo  
em junho rejuvenesce  
e faz ardorosa prece,  
pede ao santo o que elle dá.

Na capital de Belém  
é memorável a Festa  
a que a sociedade empresta,  
um character popular;  
bois-bumbás por toda parte,  
festejos aqui e ali  
mesas com bom assahy  
para o povo petiscar.<sup>92</sup>

Nestes versos, destaca-se novamente o caráter social da literatura de cordel, sua ligação com os costumes e a vida cultural ao seu redor. O autor descreve como a tal festa popular era influente localmente. No decorrer do folheto há mais detalhes sobre a comemoração, segundo Apollinário de Souza não apenas na capital Belém, mas “em diversos arrebaldes, também fazem arraiaes”, o festejo se espalhava demonstrando uma tradição importante pela região “Na Vigia, em Bragança, Salinas e São Caetano o festejo é soberano”. O hábito como o de comer/tomar “assahy” era comum como petisco nos dias de festa. O poeta descreve com detalhes banais, mas relevantes da vida cotidiana local a festa, possibilitando compreender a ligação da literatura com o cotidiano.

Em dado momento no folheto, Apollinário de Souza escreve: “as cantigas populares fazem lembrar os sertões”. Não é novidade que o Pará recebeu considerável contingente populacional advindo da região Nordeste por conta principalmente da economia da borracha no Estado do Pará (1850- 1920)<sup>93</sup>, logo, é de supor a possibilidade de a festa de São João também, popular naquela paragem, fosse um momento de socialização importante para os nordestinos que poderiam de alguma forma se conectar com a sua cultura. Afirma-se, então, a possibilidade de partir da uma literatura como fonte pensar também sobre história, costumes e vida cotidiana. A conexão entre o Norte e o Nordeste demonstrou-se também através da literatura, refletir sobre o cordel na Amazônia significa tratar da experiência de migração da população nordestina e de uma troca cultural por meio dos folhetos.

<sup>92</sup> SOUZA, Apollinário de. *A festa de São João no Pará/Os inimigos do corpo – Carapanã, pulga e sogra*. Belém: Guajarina, junho de 1931. Op. cit p. 2.

<sup>93</sup> Segundo Barbara Weinstein a entrada de nordestinos no Pará se deu principalmente em decorrência das secas de 1889, 1898 e 1900. E havia bairros da cidade que eram habitados majoritariamente por nordestinos. IN: WEINSTEIN, Barbara. *A borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850-1920*. São Paulo: HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo, 1993. Op. cit. p-p 104-105.



O autor Apolinário de Souza não era nordestino, mas paraense de Abaeté (Abaetetuba), ao expor a lembrança do sertão nas linhas de seus cordéis este reafirma a influência do lugar de onde essa literatura veio, o Nordeste estava nas pautas dos cordelistas paraenses e Apolinário de Souza é um exemplo dessa troca regional por meio da literatura, pois, o autor costumeiramente em seus folhetos tratava da temática nordestina. Outro indício importante no cordel citado, pois é partindo dele que voltamos a refletir efetivamente sobre a vida a dois, é quando o cordelista faz referência ao que denomina “*flirt*”:

As pequenas de Belem  
gostam muito de ir à festa,  
porque lá se manifesta  
o bom riso da alegria;  
conversam com seus eleitos  
durante as noites depois  
os rapazes dois a dois,  
no <<flirt>> fazem porfia.<sup>94</sup>

A porfia seria uma discussão acalorada, ou seja, os rapazes disputavam as moças para flertar. As festas como ambiente de “*flirt*” segundo Paula Faustino Sampaio em seu artigo *Festejar, vestir-se e namorar: uma história das mulheres em Cabaceiras nas décadas de 1930 e 1940 a partir dos relatos orais de memória*<sup>95</sup>, demonstra através da oralidade de mulheres como elas consideravam ‘a festa’ um espaço para “namorar”, segundo o relato de algumas delas o “flirt” poderia acontecer por meio de olhares, toques de mão, beijos. Elas informaram que o flertar poderia evoluir para algo mais sério ou não, podendo inclusive o romance durar uma noite, sem compromissos mais prolongados.

As mulheres entrevistadas por Sampaio e que compuseram seu banco de fontes orais admitiram que as figuras do Estado, da Igreja e da família (esta principalmente representada pela figura do pai) faziam com que as mulheres devessem tomar certos cuidados ao flertar, pois, tinham uma imagem de recato a manter socialmente. Cristina Donza Cancelacorrobora com tal argumento afirmando em seu trabalho “Dias de festas... Dias de encontros amorosos” de que muitas meninas começavam relacionamentos nas festas da cidade de Belém como: na Festa de Nazaré, na de São Brás, na de carnaval, Cancela também afirma ser comum que os jovens das camadas mais pobres se relacionassem com uma intimidade maior do que os

<sup>94</sup> SOUZA, Apollinário de. *A festa de São João no Pará/Os inimigos do corpo – Carapanã, pulga e sogra*. Belém: Guajarina, junho de 1931. Op. cit. p. 4.

<sup>95</sup> FAUSTINO SAMPAIO, P. *Festejar, Vestir-se e Namorar: Uma História das Mulheres em Cabaceiras nas Décadas de 1930 e 1940*. PerCursos, Florianópolis, v. 8, n. 1, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1536>. Acesso em: 16 jun. 2023.

jovens da elite paraense que, em tese, tinham uma maior vigilância sobre suas vidas amorosas<sup>96</sup>.

A vigilância dos pais sobre a vida das filhas foi destacada na matéria *Na Assembléia* da Revista Ilustrada A Semana do mês de junho de 1931, o autor descrevia “a noite de São João vivida nos salões da Assembléia” e deixava claro que “Quem partisse para uma pequena tinha logo a marcação dos velhos (pais). Não era assim atôa. Primeiro, um trabalho insano para vencer o ranzinzismo dos que velavam pela doce virtude de uma filha.”<sup>97</sup>. Aparentemente os rapazes tinham mais liberdade para flertar do que as mulheres que deveriam ser mais prudentes, mas o autor continua suas observações sobre as paqueras na festa “os cavalheiros não se furtavam de dizer futilidades aos ouvidos de imprudentes e fascinantes meninas. Alguns de robustez physica, mas de franzina educação.”. Verifica-se que por mais que pudesse existir uma vigilância dos pais sobre a vida amorosa de suas filhas os indivíduos insistiam no “flirt”.

Outro folheto que nos ajuda na reflexão de como a literatura captura a vida cotidiana em suas linhas é o cordel: “A Festa de Nossa Senhora de Nazareth no Pará”<sup>98</sup>

Salve 14 de Outubro  
glória de toda Belém  
data da festa galante  
que em nosso Brasil tem  
é rica formosa e bella  
toda gente que vem nella  
sempre sae falando bem.

Leitores tive lembrança,  
escrevo a primeira vez  
este Cyrio glorioso,  
sahe a 14 do mez  
adimira o mundo inteiro  
no vosso céu brasileiro  
do anno de vinte e três.

Já é muito conhecida  
a festa de Nazareth

---

<sup>96</sup> CANCELA, Cristina Donza. *Adoráveis e dissimuladas: as relações amorosas das mulheres das camadas populares na Belém do final do século XIX e início do XX*. 1997. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em História, Campinas, 1997. Op. cit. p.65.

<sup>97</sup> A Semana. Belém, 27 de Junho de 1931, n° 672, p.12

<sup>98</sup> A Festa de Nossa Senhora de Nazareth no Pará. Belém: Guajarina, s.d. 16p. Cópia da col. Luyten.

pode se julgar feliz  
 todos que nella tem fé,  
 até lá do estrangeiro  
 já tem vindo aqui romeiro  
 trazer promessas a pé.

O autor descreve a romaria e como o festejo era democrático por possuir diversos tipos de frequentadores:

Pega da classe mais tenra  
 a alta aristocracia  
 todos contemplam o vulto  
 da Virgem Santa Maria  
 desde o rico ao plebeu  
 ainda sendo um atheu  
 tem de respeitar o dia.

A virgem de Nazareth  
 quando sae da Cathedral  
 de oito p'ra nove horas  
 vê-se um grande festival  
 com respeitável cortejo  
 houve-se o grande festejo  
 que estremece a capital.

É uma festa galante  
 para rico e proletário  
 acompanha o santo andor  
 um eminente vigário,  
 com o coração genuíno  
 conduz o santo divino  
 o segredo do sacrário.

Por fim, o cordelista ao tratar do lado profano da Festa de Nazaré demonstra que mesmo em um espaço onde a fé, o catolicismo estavam presentes o namoro, o ‘flirt’ também estavam, mas como demonstra Raymundo Herald Maués:

Festas religiosas populares constituem, ademais por sua própria natureza ritualística, momentos extraordinários na vida das populações ou comunidades que as realizam, possuindo aquele caráter de fato social total de que nos fala Marcel Mauss, onde se exprimem, “ao mesmo tempo e de uma só vez”, uma grande quantidade de fenômenos, não só de natureza religiosa, mas também fenômenos jurídicos, morais, políticos, econômico estéticos etc.<sup>99</sup>

O folheto segue:

---

<sup>99</sup> MAUÉS, Raymundo Herald. **Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico: um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia.** [Belém]: Edições CEJUP, [1995]. 417 p.

Padre Nosso, Ave Maria  
 reza quem está na igreja  
 e cá fora nas bancadas  
 outros tomando cerveja  
 as moças apreciando  
 com fino cuidado olhando  
 para ver quem mais deseja.

Vendo alli seu bem amado  
 parece que está no céu  
 com seu olhar prazenteiro  
 faz aceno no chapéu  
 seu amor no peito arde  
 com esperança mais tarde  
 da palma, grinalda e véu.

O cordelista dá a entender que dessas festas poderiam surgir inclusive relacionamentos mais sérios. Como a historiografia sobre casamento demonstra, embora o cotidiano seja diferente para as camadas pobres da população, as idealizações sobre relacionamentos e expectativas de gênero por mais idealizadas que fossem ainda exerciam uma influência significativa sobre suas decisões e desejos. Sendo imperativo acatar normas, leis e regras impostas por estruturas de poder vigentes, como: o Estado, a Igreja e o patriarcado, estas alimentavam a construção de um conceito de casamento higienizado. A literatura de cordel pelo analisado desempenhava o papel de condicionar homens e mulheres a exercer condutas específicas de acordo com seu gênero, refletindo assim a sociedade na qual os cordelistas estavam inseridos.

O começo de uma relação não é apenas um estágio romântico, mas também um espaço onde as normas de gênero são moldadas e perpetuadas, podendo refletir espaços de poder e controle, apesar de anteriormente termos citado que as dinâmicas baseadas em comportamentos de homens e mulheres sejam rompidos no início de uma relação, há uma estrutura de poder que encaminha os sujeitos para cumprir seus papéis sociais determinados. Por meio da literatura de folhetos, onde os escritores em sua grande maioria são homens existe uma dominação masculina sobre a representação do feminino, o ‘flirt’ é a sexualidade sendo expressa desde o início de uma paquera existe uma assimetria entre os sexos, quando por exemplo, o homem tem mais liberdade para flertar que a mulher.

Nos cordéis utilizados como fontes para esta pesquisa a temática do amor e do romance é uma constante, diversos são os folhetos que tratam de alguma forma de tal assunto. O amor romântico nos folhetos poderia ser uma permanência por conta de ser um tema que os leitores demonstravam interesse, os cordelistas se importavam com a vendagem e

se atentavam para quais histórias poderiam vender mais e terem mais aceitação. A recepção de um texto para os autores era algo a se considerar. Se as histórias de romance pareciam estar sempre em alta nos cordéis, supõe-se que os leitores interessavam-se no amor romântico.

O amor romântico enquanto objeto de análise e a sua constância na literatura de cordel pode nos ajudar a entender sobre o início de uma relação e estabelecer conexões que nos ajudam a refletir sobre representações sociais por meio dos folhetos. Historicamente o casamento ligado ao amor é uma novidade, na Europa pré-moderna o matrimônio e a atração sexual não eram prioridades e sim a situação econômica. Ao discutir casamento, sexualidade e amor romântico o antropólogo Anthony Giddens aponta que “era improvável que uma vida caracterizada pelo trabalho árduo e contínuo conduzisse à paixão sexual”, ou seja, o *amor romântico* ou o *amor paixão*, não eram sentimentos necessários para uma união, Giddens continua “entre os camponeses da França e da Alemanha do século XVII, o beijo, a carícia e outras formas de afeição físicas associadas ao sexo eram raros entre os casais casados.”<sup>100</sup>

Ainda segundo o autor, o surgimento do amor romântico como parte significativa da vida das pessoas ocorreu principalmente a partir do século XVIII. Esse tipo de sentimento, diferentemente do amor apaixonado, associava o amor à ideia de liberdade. No entanto, na prática, esse suposto sentimento libertador muitas vezes funcionava como um mecanismo de controle, especialmente sobre as vidas das mulheres. Cita-se, novamente, Giddens: “Alguns têm dito que o amor romântico foi um enredo engendrado pelos homens contra as mulheres, para encher suas cabeças com sonhos fúteis e impossíveis.”, para o autor essa opinião não se explica, pois as mulheres consumiram em massa e ajudaram a difundir o gênero literário do romance. O autor parece negar a autoria masculina de algo, mas ao tratar de gênero e amor Giddens afirma que o romantismo a partir do século XVIII afetou as mulheres de algumas formas.

Como por exemplo: a criação do lar, a modificação nas relações entre pais e filhos que culmina na terceira e última “a invenção da maternidade”. Ou seja, o amor romântico de certa forma contribui com a idealização da mãe na modernidade já que alimentou diretamente a imagem de esposa e mãe. Finalizando, o autor afirma: “A imagem da esposa e mãe reforçou um modelo de “dois sexos” das atividades e dos sentimentos”. Ou seja, a literatura de cordel como uma expressão literária traz em seu conteúdo durante a primeira metade do século XX fortes ideias do amor romântico que direciona as mulheres para determinados espaços, principalmente o doméstico.

---

<sup>100</sup> GIDDENS, Anthony. *A Transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993, p. 49.

O amor enquanto objeto científico tem sido estudado no sentido de entender sua relevância na interação social, mas apenas recentemente as ciências sociais e humanas passaram a desenvolver teorias sobre o amor, por ser uma temática tão presente nos cordéis, ele se demonstra relevante para a compreensão nos processos, de namoro, de casamento e de divórcio. As narrativas genderizadas sobre o amor, demonstram que esse é um sentimento que com constância é caracterizado como feminino. O flirt foi um tópico destacado, pois os papéis de gênero estão presentes em ideias românticos e isso ocorre desde o início de uma relação, como é o caso do flirt. Sobre tal questão em seu artigo “As mulheres e os discursos genderizados sobre amor”, Ana Sofia Antunes das Neves afirma que:

Os papéis de gênero protagonizados em torno desses ideais de romanticismo, assumidos por uns e outros, parecem claramente conduzir a diferentes manifestações de intimidade, e isso parece acontecer (aparentemente) de uma forma mais expressiva nas fases embrionárias das relações. Segundo alguns/as autores/as isso deve-se ao fato de, nessas fases, haver uma maior preocupação por parte dos indivíduos quanto à emissão de comportamentos socialmente definidos como esperados, desejados e adequados para cada um dos sexos. Os estereótipos tradicionais de gênero designam os homens como assumindo um papel pró-ativo na iniciação das relações e as mulheres como assumindo um papel reactivo, aceitando ou recusando as investidas masculinas.<sup>101</sup>

Os folhetos de cordel podem ser compreendidos como representações predominantemente masculinas de diversas temáticas, uma vez que, conforme evidenciado, a maioria dos autores analisados são homens. Ao longo da história, consolidou-se uma estrutura que favoreceu a produção literária masculina, relegando as mulheres a uma posição marginalizada nesse campo. Ao se impedir que as mulheres exercessem a escrita, também se obstaculizou a manifestação de suas experiências e as múltiplas possibilidades narrativas que poderiam ter sido construídas por esses sujeitos. Embora não se possa afirmar que as mulheres não tenham produzido cordéis, é necessário reconhecer que a questão envolve a ocupação de espaços. Os homens, além de controlarem os instrumentos da escrita, dominavam os espaços de difusão e consagração literária. Por sua vez, as mulheres, mesmo que tenham produzido textos, não dispunham das condições necessárias para que suas vozes ressoassem, uma vez que não eram plenamente aceitas nem legitimadas nos círculos cordelistas e na

---

<sup>101</sup> NEVES, Ana Sofia Antunes das. *As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: a caminho do amor “amor confluyente” ou o retorno ao mito do “amor romântico”?*. In: Estudos Feministas, Florianópolis, 15(3): 336, setembro-dezembro/2007.

intelectualidade de sua época.

Ao abordarmos os discursos sobre amor e relacionamentos neste estudo, com base nas fontes representadas pelos cordéis, estamos essencialmente considerando o ponto de vista masculino sobre esses temas. Conceição Evaristo nos apresentou o termo “escrevivências”<sup>102</sup>, o conceito demonstra que por meio da escrita é possível interpretar experiências coletivas dos sujeito e que por meio da escrita o indivíduo expressa vivências de raça, classe e gênero. Deste modo é possível partindo do cordel como literatura e fonte estabelecer as vivências dos seus autores, por meio de suas rimas o cordelista expressavam seu estar no mundo.

Quando se trata de literatura de cordel demonstrou-se que os folhetos podem trazer, em seu conteúdo, uma relação com acontecimentos cotidianos. E em relação ao amor, não foi diferente, no catálogo de folhetos foi encontrado o cordel ‘Viver atormentado’ de Orlando de Almeida Santos, infelizmente o folheto não estava disponível no Museu da Universidade Federal do Pará, mas no catálogo há anotações pessoais de Vicente Salles e sobre este folheto o autor anotou “O próprio autor descreve seu passado de amores com a jovem Otila”, nesse folheto o cordelista segundo Salles escreve sobre sua própria experiência amorosa.

Se desde o início um relacionamento é constituído pela diferença sexual, os papéis sociais de gênero possuem influência considerável na vida a dois. A literatura de cordel com seu conteúdo repassa para pessoas uma espécie de roteiro das atitudes consideradas ideais em uma relação. Entre diversas temáticas que os cordéis apresentam, esta pesquisa busca recortar principalmente a representação feminina nos folhetos inserida no casamento, partindo da análise das fontes notou-se que a mulher é representada principalmente sob a perspectiva de um relacionamento. Desde o passado as mulheres sofrem um apagamento de suas histórias, a mulher não constrói a sua própria representação, quem a faz geralmente são homens que possuem o poder da intelectualidade. Os cordéis utilizados são uma expressão cultural importante do passado, o que os cordelistas escreviam sobre amor, casamento podem ajudar na compreensão de qual noção essa sociedade tinha sobre tais assuntos.

O conceito de “dispositivo amoroso” inclusive nos ajuda na compreensão do nosso recorte temático. Como o amor e o casamento se ligam a representações femininas nesta pesquisa? A psicologia social trata o amor como um dispositivo, e por meio dele as mulheres são desempoderadas, como afirma Valeska Zanello em sua obra denominada *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*: “Dentre os dispositivos das mulheres , o amoroso apresenta-se como central e como o maior fator de desempoderamento

---

<sup>102</sup> Evaristo, Conceição (2017). *Becos da Memória*. 200p. Rio de Janeiro: Pallas.

delas e de empoderamento e proteção psíquica para homens”. Observar as representações femininas que se dão nos cordéis por meio do amor e do casamento possibilitam tratar o gênero como uma categoria de análise histórica.

No cordel as histórias de amor retratam sempre um casal heterossexual, este na maioria das vezes é envolvido em uma espécie de drama onde seu amor pelo outro é impedido, mas de algum modo os dois encontram maneiras de vencer as adversidades e o amor prevalece. A capa dos folhetos de romance geralmente é uma representação desse romance heterossexual, nas capas homens e mulheres parecem estar apaixonados:



**Figura 10 - Capa do folheto: O Amor Nunca Morre, contendo a imagem de um homem e uma mulher abraçados e apaixonados. Guajarina, 1941. Cópia da col. Luyten.**

Nos folhetos onde homens e mulheres se desfazem desse sentimento que é o amor, os mesmos são descritos como pessoas ruins. Por meio do cordel “Amar sem ser amado”<sup>103</sup> de autoria do cantador Antônio Beltrão conclui-se a noção de flirt ou paquera e como esta era uma etapa importante na escolha de um cônjuge. Amédes era um homem bonito e com posses como descreve o cordelista e:

<sup>103</sup> *Amar sem ser amado; história de Amédes e Lucinda.* Cantador Antonio Beltrão. Belém: Suplemento Guajarina. 20 nov. 1938. 16p. Cópia da col. Luyten.



No jardim um belo dia, um belo dia,  
 Encontrou uma donzela.  
 Nunca ele tinha visto  
 Outra moça como aquela.  
 Ofereceu-lhe uma rosa,  
 Teve sorrisos para ela.

Os dois desenvolvem uma conversa e por meio deste único encontro e flirt, Amédes decide pedir a mão de Lucinda em casamento. Mas, antes, a permissão dos pais, principalmente a do pai era uma etapa importante a ser cumprida:

Lucinda fez um discurso  
 Mostrando-lhe o seu talento  
 E dizendo que Amédes  
 A pedisse em casamento,  
 Pois seus paes, ao mesmo instante,  
 Dariam consentimento

E, assim, Amédes fez e foi encontrar o pai de Lucinda:

Amédes disse: Eu não vim  
 Incomodar o tenente ;  
 Venho só pedir a mão  
 de sua filha obediente.  
 Muito prazer eu terei  
 Se me achar suficiente.

O tenente respondeu:  
 A tenho para casar  
 Com qualquer um rapaz bom  
 Que não nos faça penar,  
 Seja filho doutra patria  
 Ou mesmo deste lugar.

O pai chamou logo a filha  
 Perguntou si ela queria  
 Casar se com aquele moço  
 Que a sua mão pretendia...  
 Ela também perguntou  
 Si o pai lhe consentia.

Então o Tenente lhe disse:  
 - Por minha vez eu consinto,  
 Si tu casares com ele  
 Serás feliz, bem presinto,  
 Gosarás a melhor vida  
 Pois ele é muito distinto.

Trataram do casamento  
 Marcaram o mez e a data,  
 Amédes ficou contente,  
 Mal sabia que Lucinda

Era bem falsa e ingrata.

No desfecho do cordel, Lucinda recusa a proposta de casamento de Amédes, mesmo após ele ter gastado todo o seu dinheiro na tentativa de conquistá-la. Ao renegar tanto o amor quanto o matrimônio, Lucinda acaba enfrentando consequências negativas, encontrando no final da história uma situação de pobreza. Por outro lado, Amédes supera as adversidades, recupera sua fortuna e eventualmente se casa com uma mulher que o cordelista define como mais distinta. Ao negar o amor de Amédes, Lucinda também rejeita a ideia de casamento. As relações apresentadas nos cordéis refletem valores considerados importantes em uma união. Embora os relacionamentos na vida “real” sejam mais complexos e orgânicos, os folhetos revelam valores sociais que ecoam entre as linhas, criando uma interação entre o mundo literário e o cotidiano.

Por meio dos cordéis e por outras mídias da época como demonstramos nessa seção, o amor ligado ao romantismo era uma expressão importante na cidade de Belém durante o período pesquisado. Mas será que ao estabelecer uma relação mais séria como um casamento o romantismo continuava a ser relevante para os casais? Em seguida a reflexão feita com base nos cordéis tem o objetivo de refletir mais a fundo sobre as representações no casamento, com isso, será possível perceber se a descrição do matrimônio pelos cordelistas é tão romantizada como as fases iniciais da conquista em suas narrativas.

A imagem da mulher é destacada, pois mesmo que subjetivamente os cordelistas idealizavam como deveriam ser as mulheres no casamento, quais seus papéis, as características de uma companheira ideal. Nos folhetos analisados, a descrição do papel feminino ocorre com mais frequência, os homens partindo desse lugar de escrita criam narrativas sobre a família e o papel feminino nessa instituição. A fase inicial da conquista, o flirt foi destacado, para que possamos perceber como era comum na vida social dos habitantes da cidade de Belém na primeira metade do século XX está envolto em situações provenientes de relações amorosas.

Desde este momento estabelecemos que há uma diferença na representação do amor nos cordéis e do casamento, ou seja, os cordelistas dissociam o casamento de um sentimento amoroso. Na próxima seção se destacará a visão dos homens acerca das mulheres como um "peso" no casamento. Assim como a percepção de que o matrimônio marca o fim da fase romântica de uma relação. Historicamente, o casamento foi amplamente considerado uma instituição funcional e econômica, mais do que uma união romântica. Durante séculos, ele

esteve vinculado à consolidação de alianças familiares, à manutenção de bens e propriedades, e à garantia de estabilidade social. Nesse contexto, os homens muitas vezes viam o matrimônio como uma obrigação social, onde o afeto e a paixão ocupavam um papel secundário. Assim, a expectativa romântica que permeia o período de cortejo era substituída por responsabilidades econômicas e familiares, levando a uma mudança na dinâmica afetiva.

### **2.3 Domesticidade feminina na literatura de cordel**

#### **Mulher moderna**

Como é censurável o procedimento de certas mulheres, que unica e exclusivamente por amor ao mundanismo, entregam a sua casa e seus filhos aos cuidados de mãos mercenárias que não as podem substituir! Dignas de lástimas aquelas que, por necessidade, trocam o lar pela fábrica ou pelo escritório. A todas essas vítimas do malfadado modernismo e das circunstâncias atuais, a nossa melhor compaixão.<sup>104</sup>

O excerto foi extraído da matéria intitulada “A mulher moderna no lar” e publicado pela revista feminina católica “Quero”. O conteúdo em questão revela um tema que pretendemos explorar nas próximas linhas: a mulher moderna, uma figura repudiada por alguns setores da sociedade. Quais eram as características específicas que provocavam aversão? Não apenas as revistas, mas também os cordelistas abordaram essa tal mulher. Ao que parece, certos comportamentos femininos eram influenciados pelo conceito de modernidade e essa perspectiva é evidente nos folhetos, que compartilham o mesmo discurso.

Na seção anterior foi afirmado que a mulher benevolente era equiparada a uma figura santa. Além disso, de acordo com o poeta, era possível discernir desde cedo se uma mulher se tornaria uma boa esposa, pois seu comportamento na infância já revelaria seu destino. Os folhetos retratam as mulheres valorizadas como aquelas que atendiam às expectativas do cordelista, refletindo assim as normas da sociedade na qual esse autor estava imerso. Pois, o cordel espelha em suas linhas o mundo circundante; em outras palavras, o autor de cordel está ecoando aquilo que percebe na sociedade.

Dessa forma, ao ler os folhetos, torna-se evidente que o papel atribuído à mulher é voltado ao lar, como uma esposa exemplar, dona de casa e submissa ao marido. Quando as personagens mulheres tinham atitudes contrárias, eram julgadas pelos poetas. Analisando o folheto a seguir, o próprio título de Firmino Teixeira do Amaral já é bastante sugestivo “*O Julgamento da Mulher*”. Quando uma mulher não se enquadrava nas expectativas pré-

---

<sup>104</sup> Belém, Quero, Ano IX, N.º 73 3 74, Setembro e Outubro, 1946. p 23

estabelecidas, o julgamento ocorria da seguinte forma:

Se acaso for geniosa  
 O negócio é diferente...  
 Faz bulha a todo momento  
 Torna-se até imprudente  
 ...  
 é o diabo não é gente.<sup>105</sup>

Aparentemente, nos cordéis, Firmino Teixeira do Amaral manifestava preocupações que poderiam ser de cunho pessoal em relação às mulheres ou poderiam refletir pensamentos coletivos presentes na sociedade paraense. Por essa razão, o ambiente que cercava o poeta exercia influência sobre ele, da mesma forma que seus cordéis influenciavam a sociedade. Como mencionado anteriormente, foi enfatizado o caráter de guia comportamental que os folhetos poderiam desempenhar para seu público, sugerindo que entre as suas linhas estavam inscritas percepções da sociedade e padrões normativos referentes à conduta feminina.

Outro cordel exemplar de tal questão é ‘O Bataclam Moderno e as Moças Seminuas’, publicado pela Editora Guajarina, sendo de autoria de João Martins de Athayde em 1927. A reflexão pode ser dada novamente logo pelo título, Bataclam se define como um local onde ocorre um espetáculo e nesta época a modernidade era acusada por alguns de trazer novos meios de socialização, incluindo novas maneiras de se vestir e o poeta como sujeito histórico que foi deixa suas impressões sobre o assunto. No folheto é possível identificar como o contexto espacial e temporal em que o autor estava imerso se reflete em sua escrita:

Mundo velho desgraçado!!  
 Teu povo precisa de um freio,  
 Para ver se assim melhora  
 Este costume tão feio  
 De uma moça seminua  
 Andar mostrando na rua  
 O sovaco, a perna, e o seio

De primeiro uma donzella  
 Andava bem prevenida,  
 Se acaso ia a um passeio  
 Se encontrava ella vestida  
 Hoje essa mesma donzella,  
 A moda obrigou a ella  
 Sahir p’ra rua despida.<sup>106</sup>

<sup>105</sup> AMARAL, Firmino Teixeira do. *O Julgamento da Mulher. O valor do Dinheiro*. Belém: Guajarina, s.d. 16p. Cópia da col. Luyten.

<sup>106</sup> ATHAYDE, João Martins de. *O bataclan moderno e as moças semi-nuas*. Belém: Guajarina, 16.

Por intermédio deste cordel é evidente o sentimento de desconcerto expressado pelo poeta em relação ao que ele descreve como um "costume tão feio" – que foi uma transformação na forma como as mulheres começaram a se vestir, impulsionadas pelas tendências da "moda". Ou seja, segundo Athayde, as moças foram influenciadas provavelmente pela modernidade. A afirmação do autor em relação à influência da moda deve levar em consideração a época, talvez essa seja uma influência da modernidade republicana, já que segundo Oliveira: “nas primeiras décadas do século XX os ideais republicanos começam a reverberar pelo País”. Isso significa que o brasileiro conhece novos modelos de sociabilidade vindos da Europa, mais especialmente da França, que influenciaram as mulheres por meio de revistas femininas, almanaques, novas maneiras de se vestir e se apresentar para o público<sup>107</sup>.

O autor continua:

Hoje a civilização  
Em tudo foi transformada,  
Não existe mais pudor,  
A moral não vale nada,  
A vergonha apodreceu,  
A sociedade morreu  
A tempos foi sepultada.

As senhoritas de agora  
É certo o que o povo diz,  
Não há vivente no mundo  
Da sorte tão infeliz,  
Vesse uma mulher raspada  
Não se sabe se é casada,  
Se é donzella ou meretriz.

O poeta ainda faz críticas negativas em relação às mulheres que usam: cabelos curtos, decotes, maquiagens, e tudo isso em tom de indignação. Com a modernidade as mulheres, ao menos algumas delas, passaram como é possível perceber no cordel a se apresentar de maneira diferente, como o próprio poeta coloca, por influência da moda. Essa mudança foi incômoda para o autor dos folhetos, pois estava inserido em uma sociedade patriarcal e com forte influência religiosa, era comum que em seus versos ecoassem normas de um sistema

---

<sup>107</sup> OLIVEIRA, Letícia Fernanda da Silva. **De mártir a meretriz: figurações da mulher na literatura de cordel (1900-1930)**. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista, 2017.

paternalista. Nesses três primeiros cordéis nota-se a dualidade da mulher que ora era donzela, ou ora era meretriz, esse julgamento dependia de como seu comportamento era pautado pelo cordelista e por sua visão de mundo.

Os cordelistas não estavam sozinhos em sua percepção de que os novos costumes decorrentes da modernidade em relação às vestimentas femininas eram peculiares. No jornal "A Tribuna", sediado em Belém, em uma de suas edições de janeiro de 1928, foi publicado um artigo intitulado: '*A Moda, A Hygiene e as Mulheres*' o conteúdo gira em torno das vestimentas da "mulher moderna". A matéria diz:

A joven de collo descoberto, apesar do frio, da chuva ou do sol, com os braços e as pernas quasi nús, conseguiu, insensivelmente, por intermedio da moda, recuperar a protecção natural do organismo contra as intemperies, como os seus longinquos antepassados pre-historicos<sup>108</sup>

O jornal também apresentou as perspectivas de médicos acerca dos benefícios que a exposição direta ao sol poderia trazer para à pele. O autor do artigo parece concordar com a ideia de que as mulheres deveriam adotar roupas que permitissem uma maior exposição do corpo, mas termina escrevendo "evidentemente que todo abuso é prejudicial", ou seja, não era necessário que as mulheres mostrassem demasiadamente o corpo. Pode parecer que o responsável pelo texto tentou apoiar as vestimentas mais leves e curtas das mulheres, mas nas entrelinhas percebe-se que há ponderações demonstrando o contrário, pois é situado que "quem vive completamente nú são as raças inferiores e a moda é uma tirania que impõe seus desmazelos". Isso demonstra que a relação das mulheres com a moda deveria ser ponderada e os homens se sentiam à vontade para opinar em tal questão. Ipojucan Dias Campos em trabalho sobre a moda em Belém entre os anos de 1915 e 1920 demonstrou que a moda e corpo feminino geraram "instabilidades às famílias belenenses no início do século XX", roupas curtas, segundo o autor, poderiam colocar a família e o casamento em xeque<sup>109</sup>.

Uma dada liberdade feminina não foi bem recebida pelos cordelistas, eles demonstram incômodo por meio do cordel, o utilizando para estabelecer parâmetros de comportamento e conduta para as mulheres, muitas vezes em relação à moda, sobre a relação dos cordéis com a moda Martine Kunz afirma:

<sup>108</sup> Belém, A Tribuna, v.3, n.58, janeiro de 1928. 40 p. A referência foi retirada da p.3.

<sup>109</sup> CAMPOS, Ipojucan Dias. In: "*O rebaixamento moral*": moda, corpo e família (Belém-Pa, 1915-1920). História Debates e Tendências, Passo Fundo, v. 19, N. 2, p. 270-287, Mai/Ago 2019.

Moda, então, é definitivamente pecado, e a mulher que, como todo mundo sabe, tem afinidade com o Tinhoso, é a principal responsável por essas iniciativas arriscadas. O poeta linguarudo não vai se privar de lembrá-lo através de seu discurso moralista e retrógrado. Não vai se perder na evocação fútil de inventários de vestuário nem em descrição pormenorizada de peças de roupa, não, o poeta visa o essencial: a moda enquanto transgressão de um interdito social ou como ameaça do código moral em vigor.<sup>110</sup>

Levando em consideração os cordéis pesquisados, ainda é possível destacar algumas outras maneiras em que a figura feminina foi representada nos folhetos, lembrando que são situações ficcionais distintas e autores variados, mas de algum modo essas representações chamam a atenção por se repetirem com dada frequência nos cordéis sendo elas: 1- A mulher mártir: sendo figurada como aquela que sofre geralmente pela fé cristã, ela prefere o sofrimento ao invés de negar seus princípios e crenças; 2 - A mulher transviada: é aquela que deixa de seguir os bons costumes da sociedade patriarcal e cristã e vai à contramão das mesmas; 3- A mulher mãe: geralmente exaltada por ser fértil e gerar a vida, 4 - A mulher dona de casa: é exaltada se tiver qualidades como cozinhar, lavar, passar, cuidar bem do marido, da casa e dos filhos. 5- A mulher da rua, essa não é vista com bons olhos nos cordéis, já que o espaço ao qual pertence segundo os poetas é o privado, a casa<sup>111</sup>.

Deste modo, se tornou aparente nas fontes que as representações femininas frequentemente se inserem em narrativas centradas na vida conjugal e no amor romântico. Isso sugere que na sociedade da época existia certa norma comportamental esperada para as mulheres, e, pelo menos de acordo com as percepções dos cordelistas, elas eram concebidas principalmente no contexto do casamento e das atividades domésticas. É inegável que as mulheres compõem um grupo social diversificado, com suas particularidades associadas à classe social, etnia e outras categorias. Contudo, a partir das representações femininas delineadas nos folhetos, é perceptível que a coletividade tendia a apreciar mais aquelas que adotavam um comportamento recatado e direcionado ao lar. Importante lembrar que o matrimônio tinha um alto valor social e era esperado que todos almejassem a formação de uma família.

Na primeira seção, se discutiu o divórcio como uma antítese ao ideal, porém, não

<sup>110</sup> MARTINE, Kunz. *Cordel: A voz do verso*: - Museu do Ceará / Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2001, p. 53.

<sup>111</sup> Tais categorias encontraram-se em: OLIVEIRA, Letícia Fernanda da Silva. *De mártir a meretriz: figurações da mulher na literatura de cordel (1900-1930)*. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista, 2017.

apenas aqueles que buscavam o divórcio ou o desquite eram alvo de desaprovação pela sociedade. Os solteiros também eram alvo de pressões explícitas por não estabelecerem uma família e não se dedicarem à procriação. Em Belém, no dia 01 de janeiro de 1939 um jornal publica o título “*O imposto sobre solteiros e casais sem filhos*”<sup>112</sup>. Na documentação foi encontrado um cordel com o título *O imposto sobre os solteiros* de Thadeu de Serpa Martins datado de 1933, esta poderia ser uma pressão recorrente sobre os solteiros da época, formar família tinha o caráter de dever social e quem não cumprisse com esse quesito era cobrado perante a sociedade. O cordel a seguir apoia a noção levantada anteriormente da literatura de folhetos está ligada aos acontecimentos da vida cotidiana, neste caso, a pressão para que os solteiros constituíssem família:

Neste século de invenções  
Tudo tem aparecido,  
Coisas do arco da velha  
Que deixam o povo aturdido  
Como essa que vou contar  
D’um caso há pouco surgido.

Os versos que vou fazer  
As linhas que vou rimar,  
Prendem-se ao falado imposto  
Que o governo quer crear,  
Que obriga o rapaz solteiro  
Queira ou não queira casar.<sup>113</sup>

No artigo "Solteirismo e Tempo Matrimonial, Belém (1916-1925)" de Ipojuca Dias Campos, o conceito de solteirismo é analisado em relação às expectativas sociais sobre casamento durante o início do século XX em Belém. Na época, as mulheres enfrentavam uma pressão muito maior para casar-se rapidamente, enquanto os homens gozavam de maior flexibilidade em relação ao tempo para se casarem. O solteirismo masculino não era visto de forma negativa até os 25 ou 30 anos, uma idade em que eles ainda eram considerados jovens e desejáveis no mercado matrimonial. Para as mulheres, no entanto, o tempo era percebido de maneira muito mais restritiva, e um atraso no casamento poderia estigmatizá-las, refletindo a assimetria de expectativas de gênero quanto ao casamento<sup>114</sup>. O cordelista tratou tal assunto

---

<sup>112</sup> O Estado do Pará. Belém, 01 de janeiro de 1939, p. 03.

<sup>113</sup> MARTINS, Thadeu de Serpa. *O imposto sobre os solteiros/ Adeus vida de solteiro (Modinha)*. Belém: Guajarina, 1933.

<sup>114</sup> CAMPOS, Ipojuca Dias. *Cordis*. Mulheres na história, v.2, São Paulo, n. 13, p.33-48, jul./dez. 2014. ISSN 2176-4174.



com indignação e sua intenção é combatê-lo, ao fim da edição o folheto traz ainda a letra do samba “*Adeus Vida de Solteiro*” também datado de 1933, de Mário Travassos, pianista e sambista carioca das décadas de 30 e 40. A letra do samba entoa:

Eu juro que nunca pensei  
Que para ser celibatário  
Tinha que ter numerário  
Para a vida de solteiro bem gozar,  
Muita gente que tem o seu encosto  
Na surdina deve a ella se agarrar  
Si não quiser pagar o imposto  
Ou então fechar os olhos p’ro futuro  
E se casar.

Não formar família poderia ser interpretado de forma desfavorável pela sociedade, um cordelista ter criticado o imposto sobre os solteiros expressa talvez apoio por parte do poeta ao grupo de pessoas que não queriam casar, se o Estado e a Igreja valorizavam o casamento, os cordelistas tomavam a contramão, nos cordéis que serviram como fonte, o casamento era visto como um peso para boa parte dos poetas. O sentimento do amor era valorizado nos folhetos, mas o casamento não, este era visto como algo negativo. O descontentamento dos cordelistas em relação ao casamento estava diretamente ligado ao que eles esperavam de uma mulher ao se relacionarem e as custos de manter família. Dessa forma, se estabelecer uma família era considerado tanto pelo Estado quanto pela Igreja uma responsabilidade social e ambos articulavam para promover o fortalecimento dessa instituição os cordelistas expressavam o contrário.

O casamento e o matrimônio eram vistos e vividos de modos distintos pelas camadas populares e pelas elites locais, todavia isto não significa a ausência de troca ou aproximação desses mundos distintos. Entre várias reflexões possíveis o próximo folheto apresentado nos auxilia a refletir aqui mais profundamente sobre a temática da classe social. Ele nos convida a pensar sobre como, a partir dessa perspectiva, surgiam expectativas comportamentais relacionadas ao casamento e ideais que permeavam as relações. Os menos privilegiados, devido à sua condição material inferior, eram muitas vezes percebidos como transgressores de normas e ideais estabelecidos.

O cordel “*História completa de Severa Romana*”, publicado anonimamente e sem data, conta a história de um crime acontecido no início do século XX. Severa Romana era casada com o cabo militar Pedro d’Oliveira de 22 anos e foi assassinada pelo amigo de Pedro chamado Antonio Ferreira dos Santos de 38 anos, também militar, os dois trabalhavam no

mesmo batalhão e Antonio morava com o casal, provavelmente por motivos financeiros, pois morar com outras pessoas era menos custoso do que sustentar sozinho uma moradia. Severa romana era lavadeira e ajudava no sustento da casa, sendo segundo os vizinhos uma esposa exemplar e de conduta ilibada. Severa Romana foi brutalmente assassinada a navalhadas e o crime comoveu ainda mais a população, pois a vítima também estava grávida. O cordelista introduz Severa da seguinte maneira:

O nome, então, de Severa,  
tornou-se grande, cresceu.  
Ela em defesa da honra  
Sem socorro pereceu,  
mas um exemplo sublime  
de mulher digna deu.

Soube cumprir a promessa  
o juramento sagrado,  
a palavra que afirmou  
no altar imaculado,  
de ser esposa fiel,  
ter o nome sempre honrado.<sup>115</sup>

Outro aspecto que se destacou à época foi à classe social a qual pertencia Severa Romana. Sendo uma mulher de origem humilde que defendeu sua honra até o último suspiro, ela atraiu a atenção da população. Isso se destacou, pois as camadas mais pobres da sociedade, supostamente, não estavam em conformidade com as expectativas e normas higiênicas propostas para o casamento. Severa se tornou um modelo a ser admirado, pois em nome da dignidade de sua família, optou por enfrentar a morte ao invés de desrespeitar o sagrado vínculo do casamento. Os jornais noticiaram extensivamente sobre esse crime e é provável que o cordelista tenha usado essas informações para retratar detalhadamente o ocorrido nos cordéis e exaltar Severa Romana como uma esposa virtuosa e fiel.

Casar em Belém nas primeiras décadas do século XX era caro, a partir da década de 30 os preços para estabelecer uma união matrimonial se tornaram mais acessíveis chegando a ter custo zero para aqueles que comprovassem não ter possibilidades financeiras de arcar com tais custos. Entretanto, eram comuns sujeitos amasiados, ou seja, que não eram casados, mas viviam juntos sob o mesmo teto<sup>116</sup>. Esse cenário evidencia a variedade de dinâmicas possíveis nas relações afetivas, mostrando como, apesar de existir uma estrutura social que busca

<sup>115</sup> ANÔNIMO. *História Completa de Severa Romana*. Op. cit. P. 1.

<sup>116</sup> Baseado em: CAMPOS, Ipojuca Dias. In: *Casamento Custos e religiosidade: Belém, século XX (1916 – 1940)*. Fronteiras, Dourados, MS, v. 12, n. 21, p 179-201, jan/jun. 2010.

normatizar o casamento para que seja considerado legítimo, alguns indivíduos optavam por não seguir os requisitos institucionais impostos. Essas pessoas, em sua organicidade, poderiam escolher viver juntas sem formalizar a união conforme os padrões legais da época, desafiando as convenções estabelecidas.

O casamento neste período demonstrou ser estritamente heterossexual e monogâmico, ou seja, as representações femininas e masculinas voltadas para a família e o espaço da casa descrevia o papel social do homem e da mulher heterossexual. E quais papéis segundo a literatura de corde,l homens e mulheres deveriam desempenhar na vida de casal e no espaço do lar?

Ao examinarmos os cordéis, levando em conta que os autores geralmente são homens, é possível perceber uma representação predominante da mulher como esposa, frequentemente associada às suas habilidades domésticas – características valorizadas pela sociedade daquela época. As tarefas do lar eram amplamente feitas por mulheres. Quando elas não demonstravam tais aptidões, eram sujeitas à julgamento, como evidenciado no cordel intitulado "História do Segredo do Casamento". A edição que consultamos é datada de 1923.

Assim, o poeta descreve um rapaz que tem pressa para se casar e começa a procurar uma “*donzela*” para realizar o matrimônio. O cordelista no desenrolar da história demonstra que o homem paga por ter escolhido uma moça de maneira tão rápida e desleixada já que acaba escolhendo qualquer uma, supondo que era necessário respeitar certas etapas até casar. O poeta também dá sua opinião acerca do casamento e diz que se o rapaz tem pressa é porque não sabe o que vai passar depois de casado, alguns cordéis associam esse peso negativo ao casamento; como se este fosse uma espécie de martírio para o homem. Este cordel nos permite algumas análises, perceba nos versos que seguem:

O rapaz diz muito alegre  
- Agora vou melhorar  
Porque as minhas costuras  
Não é preciso pagar<sup>117</sup>

Segundo o poeta, no casamento a mulher exerceria trabalhos domésticos, como: limpar, cozinhar e costurar, tudo voltado para o marido e à família; normas condizentes com o que era socialmente esperado das mulheres, o gerenciamento da casa e das tarefas domésticas. Assim, segundo o cordelista, para os homens era fundamental que as mulheres

---

<sup>117</sup> ANÔNIMO. *Historia do segredo do casamento*. Belém: Guajarina, s/d.

soubessem e desempenhassem esses trabalhos domésticos. Muitas vezes, esse labor desenvolvido por elas em casa não era nem considerado como trabalho, pois, este está associado geralmente à remuneração no sistema capitalista. Ou seja, as conhecidas donas de casa desempenham um trabalho que economicamente não lhes gerava proventos financeiros.

O uso de gênero como uma categoria de análise possibilita essas percepções em torno da vida das mulheres, a sua condição feminina geralmente as impõe uma série de obrigações construídas no decorrer do tempo por representações e práticas dadas como naturais por conta de seu gênero.

O cordel continua:

Pede a moça em casamento  
Os pais não fazem questão  
Mas ella não é capa  
Nem de pregar um botão  
Porém diz ao namorado  
Eu já tenho costurado  
Até para seu capitão

No decorrer do cordel “a moça que não sabia” costurar é influenciada por outra personagem a mentir para o noivo, a inverdade se desenrola devido à expectativa de que ela soubesse costurar. Entretanto, como não possuía essa habilidade, quando o marido a instrui a costurar um terno, ela opta por levá-lo a uma costureira e é aconselhada a esconder esse fato. “Illudiu bem o rapaz”. No cordel, é perceptível o motivo que levou o jovem a se casar com a moça: suas habilidades de costura. É razoável supor que essa capacidade era apenas uma entre várias de suas qualidades relacionadas às atividades domésticas.

Essa situação revela a pressão social sobre as mulheres para que dominassem as tarefas domésticas como pré-requisito para o casamento, algo valorizado pelos homens e pela sociedade da época. A figura da esposa ideal estava frequentemente associada à sua capacidade de manter a casa e atender às necessidades práticas do marido, muitas vezes sem que sua própria opinião ou personalidade fossem levadas em consideração. Portanto, a jovem, mesmo sem essas habilidades, sente a necessidade de mentir para corresponder ao ideal de esposa competente. Essa dinâmica reflete o papel subordinado atribuído às mulheres, especialmente no que diz respeito à sua utilidade doméstica dentro do casamento, onde as habilidades de costura e cuidado com o lar eram esperadas e exigidas para garantir a aceitação social.

Depois o rapaz casou-se

Levou a sua consorte  
 Julgando que no futuro  
 Melhoraria de Sorte

Portanto, a vida a dois criava expectativas em relação a papéis que deveriam ser cumpridos. A dinâmica do lar e a do casamento para mulheres da primeira metade do século XX, ao menos para aquelas de classe social mais elevada como aponta Mary del Priore<sup>118</sup> eram muitas vezes uma condição, pois as atividades aconteciam em torno desse ambiente “as de classe mais abastada” segundo a autora “não tinham muitas atividades fora do lar”. As mulheres das classes populares estavam mais ligadas à rua, pois eram delas que tiravam algum sustento, seja como lavadeiras, seja como cozinheiras, seja como amassecas, seja como meretrizes.

Mesmo que as mulheres das classes populares fossem para as ruas trabalhar isso não significava a ausência de trabalho em casa, a jornada de trabalho dupla foi e ainda é uma realidade. No cordel pareceu ser punição para o homem casar-se com uma mulher não cumpridora dos requisitos domésticos, por estar sendo “enganado” pela moça o poeta escreve “Não vale a pena dizer / O que elle vae suffer / Antes de uma boa morte”. Segue a reflexão, após o casamento e já em casa, o rapaz espera que sua esposa cozinhe para ele e se frustra mais uma vez, já que quando chega a casa para se alimentar a moça ainda não a fez sua refeição:

O rapaz anda por fora  
 Se gosta de passear  
 Depois volta para casa  
 Na hora de almoçar  
 A moça que não fez nada  
 / Diz logo muita vexada  
 Inda não pude apromptar

Depois disso o rapaz espera o almoço, este é feito, mas a comida preparada pela esposa foi descrita como incomedível. Sendo assim, seus dotes domésticos até então eram um fracasso, o que frustrava o seu marido que já havia dito para todos como tinha uma mulher prendada nas tarefas do lar. De tão envergonhado com a farsa não teve coragem de contar a ninguém como diz o texto, prosseguiu a vida triste e calado “De ver os moveis da casa / Tudo tão mal arrumado”. Por outro lado, a mulher reclamava que o marido não a provia

---

<sup>118</sup> PRIORE, Mary Del; PINSKY, Carla Bassanezi (Org.) **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

financeiramente. Este ponto demonstra como os dois tinham expectativas a suprir, ela deveria possuir prendas domésticas e ele deveria ser um bom provedor da casa e possibilitar inclusive a compra de roupas para sua mulher. Os dois no decorrer da história tem um filho e por conta disso a situação financeira da família com a chegada da criança piora:

Depois lhe chegam os filhos  
Fica o homem aperriado  
Quem não podia com dois  
Os três é muito pesado  
De todo este vae e vem  
O mais maneiro que tem  
É comida, roupa e calçado.

Conforme a trama se desenvolve, o casamento se deteriora para ambos, o que leva o homem a buscar relações com outras mulheres, enquanto sua esposa sofre maus-tratos por parte de um marido cada vez mais agressivo. Ele a mantém aprisionada em casa, negando-lhe alimento e cuidados. Eventualmente a expulsa do lar, fazendo com que retorne à casa dos pais. Esse regresso ao lar dos pais poderia gerar rumores na sociedade da época. Com base em processos de separação, o historiador Ipojucan Campos afirma que ao terminar uma relação e ter de “residir outra vez na casa dos pais sem a presença do marido” poderia ser uma tarefa difícil para as mulheres, pois, “a família abandonada” seria capaz de sofrer “pressões de vizinhos, amigos e conhecidos”<sup>119</sup>.

A partir deste cordel se desvenda algo em comum em outros folhetos, é possível afirmar que a qualidade de esposa exemplar estava diretamente associada à habilidade de realizar tarefas como lavar, passar e cozinhar. Simultaneamente, havia também a expectativa de que os homens desempenhassem o papel de provedores do lar. Em outras palavras, enquanto as mulheres eram as responsáveis pelo cuidado da casa, do marido e dos filhos, aos homens cabia suprir as necessidades materiais da família. O cordel continua:

Disse ella mansamente  
Eu sinto não ter sahido  
Fiquei em tal condições  
Que não possuo um vestido  
O senhor nunca me deu  
E tudo quanto era meu  
Já o senhor tem vendido

Quando o senhor quis vender

---

<sup>119</sup> Campos, Ipojucan Dias. Para além da tradição: casamentos, famílias e relações conjugais em Belém nas décadas iniciais do século XX (1916/1940) p. 269. 2009. 344 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

Meus anéis e meu colar  
 Procurou o melhor meio  
 No modo de me tratar  
 Dizendo não boto fora  
 Se vou vender isto agora  
 Depois eu torno a comprar

Minhas pulseiras de ouro  
 O senhor vendeu também  
 Dizendo o dinheiro é seu  
 Eu não vou dalo a ninguém  
 Na casa do joalheiro  
 Vendeu-as por bom dinheiro  
 A mim não deu um vintém

Já vendeu a minha cama  
 E meu corte de setim  
 A louça, os moveis da casa  
 A muito o senhor deu fim  
 Em troca desta amizade  
 O senhor já tem vontade  
 Até de vender a mim

A partir disso, ficou evidente que a condição financeira desempenhava um papel significativo no contexto matrimonial. Portanto, a união conjugal frequentemente foi retratada de forma desfavorável para ambas às partes. O homem experimentaria dificuldades após o casamento, e como já observado anteriormente, havia também a perspectiva feminina. As mulheres expressavam insatisfação pela falta de apoio adequado. No cordel intitulado "O Peso de uma Mulher", o poeta ilustra o aspecto do casamento como uma prisão e um fardo financeiro para o homem:

Não há fardo mais pesado  
 do que seja uma mulher  
 e nem há homem que tire  
 as manhas que ella tiver.  
 O que pensar ao contrário  
 pode dizer que está vario  
 ou desesperou da fé,  
 caiu na rede enganado  
 um mez depois de casado  
 é que elle sabe o que é.

O rapaz vê uma moça  
 fica por ella encantado,  
 seductora e feiticeira  
 que parece um sonho dourado  
 os lábios parecem mel,  
 mas tem a taça de fel  
 no fundo do coração,  
 o homem passa e não ver  
 depois vem se arrepender  
 porém já está na prisão (casamento)

Pede-a em casamento e caza-se  
 pensa que leva uma joia  
 mas leva é um carcereiro  
 que prende-o e não lhe dá boia,  
 então se a mão dela fôr  
 elle leva um portador  
 da casa de satanás, quando estiver na caldeira  
 exclama: fiz uma asneira  
 que nem quem é doido faz.<sup>120</sup>

No cordel “*As Mocinhas de hoje*”, novamente a mulher e o casamento aparecem como um peso:

O casamento hoje em dia  
 é a pior coisa que há,  
 a mulher tem tanto filho  
 que já não pode contar  
 e a ordenação do homem  
 não dá para sustentar.<sup>121</sup>

No cordel “*A mulher em tempo de crise*” do ano de 1932 segue a mesma narrativa:

Chega no céu [...]  
 São Pedro manda elle entrar  
 nem lhe diz nada, siquer,  
 inda algum santo fazendo-lhe  
 uma pergunta qualquer  
 elle diz: já paguei tudo,  
 pois tive sogra e mulher...<sup>122</sup>

Os versos demonstram que o casamento era uma espécie de prisão para o homem, é interessante lembrar, a seção anterior tratou da fase do flirt, algumas mulheres inclusive gostavam de fazer com que a fase de namoro durasse o máximo possível antes do casamento, pois os homens se demonstravam mais românticos nesta fase, aparentemente segundo a visão dos cordelistas, quando já estavam casados a união passava a ter outro *status*, menos romântica. Existiam dois lados no cordel, o homem provedor e a mulher que podia reclamar de não estar sendo assistida financeiramente. Ainda sobre a vida doméstica das mulheres, o homem aparece representado quase sempre como o mantenedor financeiro. O poeta ainda

<sup>120</sup> BARROS, Leandro Gomes de. *Cura da Quebradeira. O Peso de uma Mulher*. Belém: Guajarina, (A Editora Recife), s.d. 16p. Cópia da col. Luyten.

<sup>121</sup> ALAGOANO, Altino. *Corcunda de Notre Dame – As Mocinhas de Hoje*. Belém: Guajarina, 26 maio 1941 e 2ª 20 jun. 1941. 32p.

<sup>122</sup> BARROS, Leandro Gomes de. *Mulher em Tempo de Crise. Um sonho de 3 horas*. Belém: Guajarina, 20 set. 1932. 16p. Cópia da col. Luyten.



coloca o homem como vítima da esposa, da casa, dos gastos, Veja a seguir um trecho do cordel ‘*A mulher e o imposto*’ do poeta Leandro Gomes de Barros:

Se o homem trabalha longe,  
Sae logo de madrugada,  
ella ainda fica dormindo  
em boa cama deitada,  
se levanta as 8 horas  
e diz que está enfada.<sup>123</sup>

Nos folhetos ocorre a desvalorização dos trabalhos desempenhados em casa pelas mulheres e por mais que essas fossem vistas como boas esposas, que cuidavam da casa, ainda assim, o trabalho do homem era descrito pelo poeta como mais laborioso. Pesquisas feitas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) denotam atividades domésticas sendo uma categoria ampla e diversa e para além das atividades manuais citadas antes, incluem as não-manuais, como a de cuidar dos filhos, a dos idosos, a da administração da casa, a do cotidiano doméstico e familiar<sup>124</sup>.

As mulheres foram no passado e ainda são no presente condicionadas por essas representações que as têm como mantenedoras dessas atividades domésticas. Ainda hoje é comum que meninas desde muito cedo sejam ensinadas a terem uma rotina de cuidado com o lar, são as mulheres quem mais dedicam seu tempo para essas tarefas segundo pesquisa supracitada, mesmo atualmente adentrando ao mercado de trabalho remunerado produtivo (atividade econômica remunerada), mulheres continuam sendo sobrecarregadas por trabalhos domésticos reprodutivos (atividade econômica não-remunerada).

A partir dessa visão, o casamento é frequentemente retratado como uma instituição com regras rígidas e expectativas claras, muitas vezes desfavoráveis às mulheres. Os cordéis podem retratar o casamento como uma obrigação social e religiosa, onde o comportamento feminino é rigorosamente julgado e controlado. As mulheres são frequentemente idealizadas como donzelas puras antes do casamento e como esposas devotas e submissas depois. Além disso, a influência religiosa nos cordéis reforça a ideia de que o casamento é um sacramento sagrado e indissolúvel, o que pode perpetuar a desigualdade de gênero. Os cordelistas, imersos em uma sociedade patriarcal, muitas vezes replicam essas normas em seus versos,

---

<sup>123</sup> BARROS, Leandro Gomes de. *Mulher e o imposto. A verdade nua*. Belém: Guajarina, (A Editora-Recife), s.d. 16p. Cópia da col. Luyten.

<sup>124</sup> BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. *Trabalho e Gênero no Brasil nos últimos 10 anos*. In: *Cadernos de Pesquisa*, v.37, n. 132, set./dez. 2007.

retratando o casamento de maneira que fortalece a ideia de submissão feminina e a primazia masculina. No entanto, mesmo dentro desse quadro tradicional, alguns cordéis podem oferecer críticas sutis ou explícitas ao sistema patriarcal, dando voz às frustrações e insatisfações das mulheres com a falta de apoio e as restrições impostas pelo casamento. Essas representações, embora menos comuns, mostram a complexidade e a diversidade de perspectivas dentro da literatura de cordel.

Os folhetos poderiam apresentar noções da realidade, os comportamentos idealizados eram uma perspectiva que poderia se cumprir na vida das mulheres, mas não era absoluta. Os cordéis apresentam uma noção de como elas eram julgadas socialmente, contudo, a vida cotidiana na primeira metade do século XX em Belém do Pará, nem sempre correspondia a essa idealização construída pelos cordelistas dos folhetos da Guajarina.

Cristina Donza Cancela trabalhando com processos de defloramentos como fonte documental ao estudar as relações amorosas das mulheres das camadas populares na Belém do final do século XIX e início do XX, conferiu a noção de como algumas mulheres viviam o cotidiano e de como ele poderia se afastar de noções de fragilidade e vitimização de como eram representadas é o que a autora descreve no trecho a seguir:

Preferir amasiar(morar junto) a casar; deixar de ser virgem para obrigar os pais a darem permissão para casar com o namorado por elas escolhido; aceitar ser amante; querer viver com duas mulheres abertamente; sair às ruas e beber em uma mesa com homens não muito conhecidos, sem serem e nem se considerarem prostitutas; aceitar a perder a virgindade por dinheiro; mentir para proteger o amante das penas legais; não querer casar com o amante apesar de estar grávida; todas essas questões ligadas às práticas das menores e dos réus, aparecem nos autos e processos de defloramento, nos fazendo perceber a riqueza de percepções e estratégias de vida que vão além do discurso e prática civilizadoras, e da busca de comportamentos higiênicos e disciplinados, levados à efeito pela elite paraense e caricaturizados num dado processo de modernização. E ainda, vão além da estereotipação de imagens femininas associadas à fragilidade e a vitimização, evidenciando a iniciativa de algumas mulheres frente às relações amorosas e a vivência de práticas que se distanciavam das expectativas socialmente valorizada pelos grupos da elite local, particularmente de administradores, redatores de jornais, literatos, médicos e magistrados.<sup>125</sup>

As representações sociais presentes na literatura de cordel podem dialogar com a vida cotidiana, pois, elas tratam de indivíduos ou situações corriqueiras e ao serem analisadas

---

<sup>125</sup> CANCELA, Cristina Donza. *Adoráveis e dissimuladas: as relações amorosas das mulheres das camadas populares na Belém do final do século XIX e início do XX*. 1997. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em História, Campinas, 1997, p.51.

percebem-se as características de uma determinada época. A vida conjugal era constantemente abordada nos cordéis, às expectativas que permeiam a vida a dois deveriam se diferir na ficção e na vida prática, mas devem-se considerar, os cordelistas escreviam sobre o mundo que viviam, por isso, ao salvaguardar a diferença entre literatura e a realidade da vida cotidiana, é possível que a história trabalhe sobre representações e práticas, neste caso com base nos cordéis sobre como o feminino e o masculino eram representados dentro do casamento por meio de tal literatura.

O século XX é marcado pela luta das mulheres, seja por emancipação política, ou por seus corpos, o cordel como uma expressão sócio literária capta, absorve estes momentos históricos e suas linhas passam a refletir sobre tais temáticas. Mas em tal literatura como já apontado anteriormente marcadamente masculina, as mulheres não são representadas sob essa nova perspectiva de donas de seus direitos ou corpos. Os cordelistas representam o feminino com base no mundo social em que vivem, as representações sociais são relevantes em si próprias, pois nem tudo se torna uma representação social, para que uma representação social exista é necessário que ela seja construída historicamente e reflita mesmo que minimamente a estrutura social, ou seja, a imagem do feminino do autor reflete não apenas sua subjetividade, mas o mundo a sua volta.

Deste modo, quando os cordelistas representam o feminino do seu ponto de vista higiênico e disciplinador é um modo de dizer não a esta nova mulher moderna, emancipada, que quer se inserir ao mundo do trabalho. As representações femininas nos cordéis voltadas para a dinâmica do casamento, do lar, de relacionamentos amorosos, durante a primeira metade do século XX são uma recusa à imagem de uma nova mulher que vem ganhando espaço, pensada para além da casa e do casamento. Os cordelistas eram reflexos de uma sociedade que continuava a enxergar as mulheres como seres frágeis e reprodutoras da vida humana e elas não poderiam se igualar aos homens no espaço da rua e do trabalho. Refletir sobre tais representações é pensar como socialmente o feminino, o sujeito histórico que é a mulher vem sendo tratada e como tais representações culminam no que o presente conhece como machismo e sexismo.

**CAPÍTULO 3**  
**OUTRAS FACES DO FEMININO NOS CORDÉIS**

### 3.1 Pai e sogra na vigilância da vida das filhas

Pai e sogra desempenham papéis significativos na estrutura familiar e no contexto do casamento, atuando como autoridades importantes, principalmente na vida de suas filhas. Portanto, é relevante analisar mais detalhadamente essas personagens e como são representadas nos cordéis, bem como em suas relações dentro da família. Como mencionado anteriormente, o pai tradicionalmente exercia o papel de administrador da família e o de seus recursos. Neste momento, vamos aprofundar um pouco mais sua presença nos folhetos estudados e como seu papel influenciava a vida de suas filhas.

Ao longo da história, a família brasileira tem atribuído um papel central ao pai, por exemplo, o ato de pedir para o pai a mão de uma filha em namoro é comum até os dias atuais em algumas famílias. Para compreender a importância dessa figura paterna, remontasse ao período colonial quando a sociedade brasileira foi caracterizada por estudiosos como Gilberto Freire como paternalista. Nesse contexto, a casa-grande simbolizava a expressão máxima desse paradigma, no qual o líder da família tinha como princípio a preservação da linhagem e da honra familiar, exercendo autoridade sobre os seus dependentes, incluindo esposa, filhos e agregados. Durante essa época, a vida econômica, social e política orbitavam em torno da casa grande. Instituições como a Igreja e o Estado eram regionalmente influenciadas pela figura do pai, o patriarca da família.

Posteriormente, houve questionamentos quanto à representatividade da estrutura patriarcal em relação à diversidade das configurações familiares no Brasil. À historiadora Eni de Mesquita Samara, ao investigar as dinâmicas familiares em São Paulo nos séculos XVIII e XIX, concluiu que o termo "paternalista" é genérico e inadequado para abarcar a complexidade da sociedade brasileira como um todo. No entanto, ela ressalta que elementos das relações paternalistas ainda persistem na sociedade atual<sup>126</sup>. Ou seja, as realidades familiares no Brasil são multifacetadas, mas ainda assim, há uma construção em torno da imagem do pai que se construiu ao longo dos anos.

Embora Eni de Mesquita refute a ideia de que a estrutura paternalista represente integralmente a sociedade brasileira, a autora considera sua influência para a construção da sociedade, essa perspectiva aparentemente contraditória encontra justificativa, pois, apesar das notáveis diferenças nos arranjos familiares contemporâneos em relação ao modelo paternalista colonial, a sociedade carrega consigo heranças históricas e práticas sociais que continuam a manter o pai como figura central.

---

<sup>126</sup> SAMARA, Eni de Mesquita. *A família brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983. 89 p. (Tudo é história, 71).

Assim, ao discutir a imagem paterna e sua representação na literatura de cordel, o enfoque não se limita à maneira como as famílias se estruturavam em torno dessa autoridade, o ponto central é a compreensão de como tal figura tem sido historicamente desenhada como um símbolo de significância marcante. Embora o paradigma da família paternalista colonial não se aplique de forma eficaz às famílias contemporâneas, é de extrema importância considerar a trajetória histórica dessa sociedade centrada no papel do homem como ‘cabeça da família’. Isso é crucial, pois tal influência não se restringe ao ambiente familiar e, de fato, repercute em efeitos sociais que persistem até os dias atuais na sociedade brasileira.

Deste modo, resumidamente, o patriarcalismo implica que o pai encarna uma suposta ordem familiar, exercendo autoridade sobre a mulher: esposa e filhas. Os filhos homens se distinguem, pois, são os herdeiros dessa mencionada organização. Às mulheres nesse núcleo foi atribuída a submissão e a responsabilidade pela reprodução originada de uma relação heterossexual e que deve ser sancionada pelo pai. É importante ressaltar que nas camadas sociais mais privilegiadas da sociedade, frequentemente associadas à branquitude e influenciadas por uma forte religiosidade católica, a concepção da família estava imbuída de princípios higiênicos e morais. E esse quadro era igualmente reiterado nos folhetos.

A maneira como a família foi representada nos cordéis foi atrelada à construção de uma imagem que advinha de uma relação heterossexual e monogâmica. Para os homens o relacionamento se iniciava com a escolha de uma boa pretendente, pois, isso refletiria na constituição da ordem familiar, a escolha de uma parceira que cumprisse com as exigências sociais estabelecidas, sendo uma boa dona de casa, mãe, e zeladora dos bons costumes familiares era um passo importante na formação da imagem familiar. Já as mulheres deveriam optar por homens provedores que garantissem o sustento da família. O sucesso familiar implicava em passar boas imagens e um dos principais gerenciadores desse quadro era o pai, se a ordem da família viesse a se deformar a sua imagem estaria em risco, pois este é quem deveria manter a administração de sua casa.

No cordel “*As proezas de um namorado mufino*” de Sebastião Nunes Batista do ano de 1938 publicação anônima, é possível perceber a dinâmica patriarcal do pai como ordem, gerenciador da família e de seus integrantes: na história Zé Pitada é o personagem apaixonado por Marocas, mas ela tinha a vida regida pelo pai, o namorado planejava raptar sua amada para continuar o romance dos dois. Raptos aparecem com constância nos folhetos como uma alternativa para a continuidade de relacionamentos amorosos principalmente frente à autoridade do pai quando este era visto como um empecilho; Rosemere Santana ao tratar de raptos na literatura de cordel demonstrou que estes eram consentidos pelas mulheres quando

representados no âmbito do amor<sup>127</sup>.

Voltando ao cordel, antes da fuga em um encontro na casa de Marocas às escondidas os dois amantes conversavam sobre o plano do rapto, Marocas diz para seu admirador que o pai ouviu a conversa dos dois sobre fugir, o namorado fala para a amada não ter o menor problema, pois iria enfrentar o pai de Marocas, todavia o cordelista reafirma no folheto a figura do pai como autoridade masculina imponente, como se demonstra a seguir:

Zé Pitada era um rapaz  
 que em tempos idos havia,  
 amava muito uma moça  
 e o pae d'ella não sabia,  
 o desastre é um diabo  
 que persegue a sympathya.  
 [...]  
 A moça era como uma passaro  
 privado de liberdade.  
 [...]  
 Porque João Môle, o pae d'ella  
 era um velho perigoso,  
 embora que Zé Pitada  
 dissesse ser revoltoso,  
 adeante o leitor verá  
 qual era o mais valoroso<sup>128</sup>

No desfecho da narrativa o namorado morre de apreensão diante do possível encontro com o pai de Marocas, chegando a ficar tomado pelo medo ao ponto de "encher a calça". Isso evidencia que para o cordelista o envolvimento amoroso da filha estava obrigatoriamente sujeito à aprovação dessa figura de autoridade familiar. Nas camadas populares de Belém na primeira metade do século XX, os padrões de relacionamento poderiam ser mais flexíveis, permitindo convivência antes do casamento e relacionamentos informais. Entretanto, presume-se que mesmo nessas circunstâncias, a autoridade paterna poderia exercer influência direta no curso do relacionamento. Já nas classes sociais mais privilegiadas, essa aprovação era imperativa.

Os relacionamentos que se afastavam das normas higienistas concebidas para o matrimônio e que se desenvolviam de formas diferentes do casamento civil ou religioso, não indicam que os casais amancebados não ambicionassem o matrimônio legal ou discordassem

<sup>127</sup> SANTANA, Rosemere O. de. *O amor no cordéis sobre raptos consentidos*. In: e-ISSN: 2359-2796, v. 17, n. 1, 2016. XVII Encontro Estadual de História – ANPUH-PB, pp. 729-239.

<sup>128</sup> BARROS, Leandro Gomes de. *A alma de uma sogra (História Completa). As proezas de um namorado mofino*. Belém: Guajarina, 28 abr. 1938. 16p. Cópia da col. Luyten.

dos princípios da Igreja e das leis que regiam a vida conjugal. Conviviam, portanto, duas perspectivas: uma idealizada e outra realista do casamento. É notável que frequentemente os cordéis perpetuavam a narrativa de normalização e higiene, alinhando-se ao que era socialmente ou moralmente mais aceitável, ou seja, o cordel geralmente representava uma união que seria formalizada.

Concepções de mundo que preconizavam uma estrutura matrimonial com regras rígidas, onde as mulheres eram designadas para serem cuidadoras do lar e os maridos provedores, a representação do pai como uma figura determinante no momento do casamento da filha é uma constante nos cordéis que exploram temas como amor, namoro e relacionamento. No cordel intitulado "A Força do Amor", outra característica comum nas relações amorosas é destacada: a disparidade de classe social. Quando os envolvidos pertenciam a estratos sociais distintos, surgiam obstáculos para a consolidação do relacionamento, e mais uma vez, a figura paterna emergia como um obstáculo e detentor de autoridade sobre a vida dos filhos:

Marina era uma moça  
muito rica e educada,  
o pae d'ella era um barão  
de uma família illustrada;  
mas ella amou a Alonso  
que não possuia nada.

Ambos nasceram num sitio  
no dia e na mesma tarde,  
pegaram logo a se amar  
com nove annos de idade;  
si todos dois fossem ricos  
era um casal de igualdade.<sup>129</sup>

Foi mencionado previamente que a classe social dos potenciais cônjuges tinha importância na escolha de um parceiro. No cordel em questão seria plausível se o pai aceitasse que sua filha fosse cortejada por um namorado da mesma classe social, as relações poderiam fugir desse padrão, mas era comum que as camadas sociais se relacionassem entre si. As palavras do cordelista ilustram que se ambos fossem abastados o casal seria equiparado, indicando que uma relação poderia ser estabelecida de modo natural e sem obstáculos se os enamorados fizessem parte do mesmo estrato social.

Mulheres e homens ao serem representados pelos autores tinham papéis sociais a

---

<sup>129</sup> BARROS, Leandro Gomes de. *Força do Amor. História de Alonso e Marina*. Belém: Guajarina, abr. 1937. 41p. Termina com acróstico LEANDRO. Cópia da col. Luyten.



cumprir, desde as fases iniciais de um romance os prelúdios importavam na formação de uma futura família, as mulheres deveriam preservar sua reputação antes mesmo do casamento, uma maneira de fazer isso era ser ‘virgem’, no cordel “Amar sem ser amado” o cordelista demonstra que a mulher deveria ter poucos companheiros para ser considerada boa pretendente:

As jovens volúveis vejam  
neste caso um grande exemplo  
Da moça firme, constante,  
o coração é um tempo  
que nós todos veneramos,  
e eu de joelhos contemplo.

Mas da moça desleal  
que a ninguém tem firmeza,  
e namora dois e três,  
inda que seja princeza,  
seu coração não é templo<sup>130</sup>

Possivelmente devido à significativa importância social atribuída à reputação das filhas, os pais de meninas procuravam exercer um controle abrangente sobre suas vidas, tanto em seus âmbitos domésticos quanto públicos. Isso ocorria porque um comportamento considerado impróprio, como ser excessivamente envolvida em relacionamentos era visto de maneira desfavorável pela sociedade. Nos contextos narrados nos cordéis, frequentemente se retrata a intervenção paterna na vida amorosa das filhas e na seleção de seus parceiros. Se o pai não cumprisse seu papel de bom zelador da vida das filhas, também era julgado, assim demonstra o folheto “*As mocinhas de hoje – As meninas na praia de banho*”:

Se o pai da moça passa  
Faz que não a conheceu  
Mas ela grita: Papai  
Esse é um colega meu,  
Quero agora apresentar-lhe  
O futuro genro seu

Se o rapaz for ativo  
E um pouco viajad  
Aperta a mão do velho  
E diz desembaraçado:  
- sua filha, meu amigo.  
É um verdadeiro achado.

[...]  
E o velho vae andando,

<sup>130</sup> BLETRÃO, Antonio. *Amar sem ser amado; história de Amédes e Lucinda*. Cantador Antonio Beltrão. Belém: Suplemento Guajarina. 20 nov. 1938. 16p. Cópia da col. Luyten.

Fazendo que nada vê,  
Reoarando as moças alheias  
Sem ao menos perceber  
Que muito breve estará  
Suas barbas a arder.<sup>131</sup>

O folheto se refere a uma situação onde a filha estava de paquera na praia e seu pai ao passar por ela e ver o ocorrido deveria tomar alguma atitude, mas o cordelista demonstra certa indignação com a atitude do pai de ignorar o *flirt* da filha, o autor do folheto dá a entender que é a função de um pai é a de estar atento à vida amorosa de sua filha. Ao menos nos folhetos analisados essa situação não se observa de maneira inversa, o pai se preocupando com a vida amorosa do filho de forma vigilante.

Se nos cordéis pesquisados o pai era uma imagem relacionada à ordem familiar e à vida das filhas, outra representação frequentemente encontrada nos folhetos que tratam de casamento e vida conjugal é a figura da sogra. Anedotas envolvendo tal personagem são possivelmente familiares aos leitores. A representação da sogra dentro da estrutura familiar é intrigante, visto que, se o pai é percebido socialmente como o administrador da família, a sogra também desempenha algum papel na formação de um relacionamento a dois. Os cordelistas frequentemente enfatizam essa personagem no contexto das relações conjugais. Para iniciar essa reflexão, considere a imagem da capa do cordel *Os Inimigos do Corpo – Carapanã, Pulga e Sogra*:



Figura 11 - Capa do folheto *Os inimigos do Corpo*, contendo a imagem de uma sogra com aparência grotesca. SOUZA, Apollinário. *A Festa de São João no Pará. Os inimigos do corpo: Carapanã, Pulga e Sogra*. Belém: Guajarina, jun. 1931. Cópia da col. Luyten.

No Cordel “*Os inimigos do Corpo – Carapanã, Pulga e Sogra*” um dos personagens afirma “aprendi foi na vida / lidando com onça e cobra / três inimigos do corpo: / - carapanã, pulga e sogra”. No decorrer do cordel o genro ao apresentar as sogras que já teve na vida fez

<sup>131</sup> ALAGOANO, Altino. *Corcunda de Notre Dame – As Mocinhas de Hoje*. Belém: Guajarina, 26 maio 1941 e 2ª 20 jun. 1941. 32p.

uma constatação: “a terceira... ella é a peor das três / e mais feroz do que cobra / e nunca encontrei um genro / que louvasse sua obra”. Neste trecho, a sogra é apresentada e relacionada a um animal peçonhento, sua categoria está abaixo de tal animal, pois a mesma é pior. No desenvolver da história é possível ter uma percepção de como a vida de casados se dá ao morar com a sogra, diversas poderiam ser as justificativas para um casal morar na casa da sogra, mas uma delas é a financeira, o autor segue:

Quando o sujeito se casa  
Faz projectos de harmonia,  
Sonha ver a sua esposa  
Sorridente todo dia  
E viver na sua casa  
Sem a menor arrelia

Mas se vai morar com a Sogra  
Essa illusão logo passa,  
Porque a velha transforma  
A vida dele em desgraça  
E, depois, até a mulher  
Começa a dizer chalaça.<sup>132</sup>

Essa narrativa oferece a visão de que ao se casarem, os recém-casados nem sempre dispunham de um patrimônio próprio, como uma casa, e muitas vezes precisavam residir na casa da sogra, ao refletir sobre moradia durante a primeira metade do século XX em Belém, Ipojuca Campos nos traz dados relevantes de que “67% dos casais amásios e 70% dos legalmente casados iniciavam suas vidas ou em algum momento da convivência a dois se encontraram sob o teto de algum parente”<sup>133</sup>. A situação financeira continua a ser citada no cordel:

Tu sendo joven ainda  
Podia ser mais feliz,  
Mas por caipora casaste  
Com este cão infeliz,  
Agora não tens vestidos  
Dos modelos de Pariz

Por acaso, se precisa  
Do pobre se retirar  
Em procura de melhoras  
Em outro qualquer logar,

<sup>132</sup> SOUZA, Apollinário. *A Festa de São João no Pará. Os inimigos do corpo: Carapanã, Pulga e Sogra*. Belém: Guajarina, jun. 1931. Cópia da col. Luyten.

<sup>133</sup> Campos, Ipojuca Dias. Para além da tradição: casamentos, famílias e relações conjugais em Belém nas décadas iniciais do século XX (1916/1940). 2009. 344 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009, p. 264.

A velha proíbe a filha  
De ao marido acompanhar

No último parágrafo do cordel acima, se atente não apenas para as questões financeiras, mas também para uma dada autoridade da sogra, muitas vezes até mais forte do que a do próprio marido. Isso é evidenciado pela proibição que a personagem fez da filha viajar com o cônjuge. Em outras palavras, a dinâmica do lar poderia se afastar das idealizações tradicionais; se o marido não conseguisse sustentar a esposa, sua autoridade podia ser enfraquecida. Ou seja, o respeito à imagem do homem estava intrinsecamente ligado a sua imagem de provedor, como o historiador Ipojucan Campos destaca nesse sentido “o homem habituado ao labor era à base da civilização, a dos bons costumes e a do progresso. Por assim dizer, ocupar-se com alguma profissão tornava-se fundamental”, o autor destaca ainda o caráter de lei dessa afirmação por meio do artigo de “24 de janeiro de 1890, artigo 56, inciso 5º, estabelecia como efeitos do himeneu: Obriga o marido a sustentar e defender a mulher e os filhos.”. O homem ser trabalhador era essencial para sua boa imagem de pai, zelador da família.<sup>134</sup>

A seguir destaca-se trechos de outros cordéis que trazem à tona a figura da sogra:

Mulher é um objecto  
Que nasce por excellencia,  
é o coração do homem,  
e a flor da existência,  
também quem a possuir  
tenha santa paciência.

Ella nascida é um anjo  
como moça um sol nascente,  
como noiva uma esperança,  
como esposa uma semente,  
como mãe uma fruceteira,  
como sogra uma serpente.<sup>135</sup>

Novamente, a sogra é comparada a uma serpente, a sogra é uma personagem quase nunca representada positivamente pelos autores, é como se houvesse uma espécie de consenso

<sup>134</sup> As citações estão em: Campos, Ipojucan Dias. Diante do Extremo: casamento, família e divórcio (Belém-Pará, 1890-1900) Belém: EDUEPA, 2023, p. 88.

<sup>135</sup> BARROS, Leandro Gomes de. *Mulher em Tempo de Crise. Um sonho de 3 horas*. Belém: Guajarina, 20 set. 1932. 16p. Cópia da col. Luyten.

entre os cordelistas que a imagem dela fosse sempre negativada e satirizada nos folhetos. Nos exemplos subsequentes essa conotação negativa persistirá, sugerindo que essa personagem se tornava um obstáculo na vida conjugal, e, ao menos aos olhos dos cordelistas seu papel era frequentemente o de causar problemas. Em outro cordel a descrição é a seguinte:

Porque o casal com a sogra  
nunca pode viver bem,  
a sogra põe-se a catar  
as faltas que o gênro tem,  
planta ciúme na filha,  
d'ahi a desgraça vem.<sup>136</sup>

Mais uma vez a personagem se insere na trama exercendo influência sobre o casal e reafirmando seu papel de obstáculo à harmonia conjugal conforme retratado pelo cordelista. Essa figura denominada "a sogra", ilustra como a literatura tem a capacidade de capturar algumas representações e disseminá-las. Os cordelistas frequentemente caracterizavam a sogra com adjetivos negativos, e explorar essa personagem é intrigante, especialmente porque ela surge no contexto matrimonial, buscando frequentemente desempenhar um papel na vida do casal, seja do filho ou da filha, mas supõe-se neste caso mais especificamente da filha, pois é como se os cordelistas incorporassem o papel de genros e estivessem falando de suas sogras e da sogra dos homens no geral. No levantamento de obras pesquisadas destaca-se o cordel intitulado 'A Alma de uma Sogra' que se dedica inteiramente a essa figura e oferece reflexões cruciais para compreender sua representação nos folhetos. Esse cordel não apenas insinua a presença da sogra nas entrelinhas das narrativas, mas a aborda como personagem principal, como a protagonista do folheto, proporcionando ao autor, quem sabe, a oportunidade de descrever suas próprias experiências com sogras ao longo de sua vida:

Disse que a primeira sogra  
foi uma tal Marianna,  
tinha os dentes arqueados  
como a cobra Caninana,  
elle cazou-se na quarta  
brigou no fim de semana.

A segunda era uma typa  
alta, magra e escovada  
damnada para passeios  
enredeira exaltada,

<sup>136</sup> BARROS, Leandro Gomes de. *Mulher e o Imposto. A verdade nua*. Belém: Guajarina, (A Editora-Recife), s.d. 16p. Cópia da col. Luyten.

cavilosa e feiticeira,  
intrigante e depravada.

[...]

A terceira se chamava  
Genoveva Bota abaixo,  
espumava pela bocca  
que a baba cahia em cacho  
[...]

A quarta era fogo vivo  
chamava-se Anna Martello,  
filha de uma tal medonha,  
Bala de Bronze Cutello,  
parecia um jacaré  
d'esses de papo amarello.<sup>137</sup>

O cordel prossegue narrando a imagem desfavorável da sogra até o desfecho da história. Posteriormente, em outro folheto intitulado "Como se Amança uma Sogra" de João Martins de Athayde, encontrado no acervo de cordel da Fundação Casa de Rui Barbosa, datado da década de 70, evidencia-se que o tema "sogra" continua a figurar na literatura de cordel como um elemento negativo que de alguma forma perturbava a vida do casal, especialmente a vida do genro. Com o passar das décadas, o assunto da 'sogra' continua a interessar os cordelistas, isso demonstra como as representações sociais são agentes poderosos, pois a permanência de uma imagem pode proporcionar análises de como sujeitos ou grupos são desenhados.

Não é apenas a literatura de cordel que é atraída pela representação da sogra, Aluísio Azevedo em 1895 escreveu o "*Livro de uma sogra*", a obra retrata o seguinte, na procura de um marido ideal para sua filha única. Olímpia faz de tudo para que ela tenha um casamento feliz, inclusive muitas exigências para seu futuro genro, Olímpia justificava suas atitudes, pois teve um matrimônio que terminou em divórcio e viuvez. O interessante é verificar a construção de uma representação ao longo do tempo e sua permanência no presente e como a sociedade incorpora tais discursos e os prolifera.

Segundo Eni de Mesquita Samara "a própria natureza do sistema patriarcal e a divisão de incumbências, no casamento, criaram condições para a afirmação da personalidade feminina"<sup>138</sup>, podemos refletir sobre a imagem da sogra partindo dessa perspectiva, a casa era o ambiente das mulheres e por mais que os homens fossem vistos socialmente como seus

<sup>137</sup> BARROS, Leandro Gomes de. A alma de uma sogra (*História Completa*). As proezas de um namorado mofino. Belém: Guajarina, 28 abr. 1938. 16p. Cópia da col. Luyten.

<sup>138</sup> SAMARA, Eni de Mesquita. *A família brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p.57. 89 p. (Tudo é história, 71).

provedores e administradores, as mulheres participavam ativamente da dinâmica do lar ao lado do marido, a sogra se demonstrou uma autoridade perante a vida dos filhos e das filhas e a ordem da casa, os cordelistas provavelmente tinham suas próprias impressões sobre essas personagens e a partir de diversas representações que convergem para uma imagem negativa, por meio dos folhetos é possível concluir que a sogra não agradava a maioria dos autores, pois, não foi encontrada significativa representação positiva da sogra nos cordéis pesquisados.

Há uma dualidade na representação do pai e da sogra na literatura de folhetos, enquanto o pai era uma autoridade na vida dos filhos muitas vezes respeitada e temida; a sogra era uma autoridade que até poderia ser temida, mas era sempre ridicularizada pelos cordelistas. A sogra como má não é uma novidade, Terêncio é um autor de comédia do século II a. C, em uma de suas peças intitulada ‘Hecyra’ a sogra é uma das personagens principais do enredo e é associada a malvadez, em dado momento da peça afirma-se sobre as sogras “todas se doutrinaram para a malvadez”<sup>139</sup>. Destarte, é possível refletir que desde muito tempo se constrói uma representação negativa sobre a sogra.

As capas dos cordéis servem para embasar ainda mais essa noção, através delas temos uma visualização em forma de imagem da sogra, uma espécie de caricatura daquilo que descrevem os folhetos, a intenção parece ser provocar riso ou zombaria, nas próximas linhas expõe-se como os estudos sobre representações apresentadas até o momento por meio dos folhetos é relevante.

---

<sup>139</sup> Ver mais em: BARROS, M. A. A. . A Sogra: Comédia dos Erros de Terêncio. Principia (Rio de Janeiro) , v. XXII, p. 81-88, 2011.



**Figura 12 - Capa do folheto Como se amança uma sogra, demonstrando a relação nada amistosa entre um genro e uma sogra. ATHAYDE, João Martins de. Como se amança uma sogra. Zé do Brejo e Chico da rua – 1978. Acervo Literatura de Cordel Casa de Rui Barbosa**

Para encerrar tal discussão a respeito da sogra é imprescindível perguntar: sobre quais sogras essas representações tratam? Neste estudo, sobretudo da sogra dos homens ou ao menos da sogra idealizada por eles. Afinal, estes são os autores majoritários dos folhetos, eles criam a imagem de uma mulher ridícula que na maioria das vezes é associada a uma cobra, uma serpente, talvez as sogras, mais que os pais se envolvessem na vida dos filhos, principalmente das filhas, poderiam fazer isso como uma forma de tentar proteger suas filhas no casamento. Fica muito claro o embate existente entre sogra x genro mais do que nora x sogra. Mas, o embate genro x sogro por mais que exista nos cordéis não ridiculariza a imagem do pai.

Uma personagem da vida cotidiana comum ganhou nos cordéis uma imagem de destaque, mas o folheto é essa literatura que incorpora a vida cotidiana e nos proporciona um olhar para o passado a partir das rimas dos poetas. Talvez nenhuma outra literatura tenha uma relação com o mundo social e o cotidiano como o cordel nos apresenta, não é apenas ficção, os cordelistas liam o mundo a sua volta e dentro das folhas do livrinho há impressões sobre a vida comum, sobre assuntos gerais, sobre fatos históricos, crimes e ma série de outros temas. Mas, é imprescindível lembrar que essas representações foram baseadas a partir dos cordéis e seus poetas a partir de um quantitativo documental específico e não tem o objetivo de generalizar tais imagens.



Sendo assim, a representação da sogra na literatura é uma faceta intrigante e multifacetada, refletindo as complexidades das relações familiares e sociais ao longo do tempo. Desde o passado até as narrativas contemporâneas, a figura da sogra tem sido explorada de várias maneiras, assumindo diferentes papéis e significados nas obras literárias. Nos cordéis encontramos majoritariamente uma representação negativa sobre tal personagem. Mas, como já colocado anteriormente não é apenas nos folhetos que encontramos tais imagens.<sup>140</sup>

Uma das representações mais comuns da sogra na literatura é a da figura autoritária e controladora. Nesses casos, a sogra é frequentemente retratada como uma interferência na vida do casal, impondo suas próprias vontades e expectativas sobre a nora ou o genro. Essa representação pode ser encontrada em obras clássicas como "Romeu e Julieta", de William Shakespeare, onde a personagem Lady Capuleto desempenha o papel de uma sogra dominadora, contribuindo para o conflito entre as famílias Montecchio e Capuleto. Outra obra clássica e contemporânea, onde a sogra desempenha o papel de antagonista, criando conflitos e tensões nas relações familiares é "Madame Bovary" de Gustave Flaubert, a sogra de Emma Bovary é retratada como uma figura crítica e repressiva, que desaprova constantemente as ações de sua nora, contribuindo para o sentimento de insatisfação e desespero da protagonista<sup>141</sup>.

No entanto, é importante ressaltar que nem todas as representações da sogra na literatura são negativas. Em algumas obras, a sogra é retratada de forma mais positiva, como uma figura de apoio e orientação para a nora ou o genro. Por exemplo, na novela "Orgulho e Preconceito" de Jane Austen, a personagem Lady Catherine de Bourgh pode ser vista como uma sogra autoritária, mas também como uma figura que se preocupa com o bem-estar de sua família e que oferece conselhos valiosos para sua nora, Elizabeth Bennet.<sup>142</sup>

Em resumo, seja como uma figura autoritária, uma fonte de apoio ou uma fonte de humor, a sogra continua a desempenhar um papel importante nas narrativas literárias, oferecendo reflexões sobre questões universais como amor, família e identidade. Nos cordéis em particular, a sogra é retratada com humor e ironia, como uma fonte de situações cômicas e absurdas.

---

<sup>140</sup> Para uma leitura mais aprofundada: SHAKESPEARE, William. Romeu e Julieta. Tradução de Barbara Heliodora. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011

<sup>141</sup> FLAUBERT, Gustave. Madame Bovary. Martin Claret, 2015.

<sup>142</sup> AUSTEN, Jane. Orgulho e preconceito. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martin Claret, 2015.

### 3.2 Trajetória poética: pioneirismo de Maria Pimentel na literatura de cordel e o sujeito da história

Todos os folhetos que foram vendidos na Livraria de meu pai ou que foram impressos, tinham nome de homem, eram homens que faziam, não existia naquele tempo, folheto feito por mulher, e eu, para que não fosse a única, né?, meu nome aparecesse no folheto, não fosse eu a única, então eu disse: – Eu não vou botar meu nome. Aí meu marido disse: – Coloque Altino Alagoano.<sup>143</sup>

Em entrevista concedida à pesquisadora Maristela Barbosa, a cordelista Maria das Neves Pimentel, a primeira mulher autora de folhetos explica como foi que passou a fazer uso do pseudônimo Altino Alagoano em suas publicações. Ou seja, a primeira mulher conhecida como escritora da referida literatura não utilizou seu próprio nome, as histórias versadas por Maria foram assinadas como Altino Alagoano. Ainda na entrevista a cordelistas trata de como adentrou no mundo dos folhetos por sugestão de seu marido que se chamava Altino Alagoano e como este não apenas sugeriu que a esposa passasse a escrever, mas deu a ideia e autorização do seu próprio nome ser o usado como pseudônimo. Outro aspecto importante é que Altino sugere a Maria a publicitação dos seus cordéis, pois a venda dos mesmos poderia ajudar no sustendo da família, pois o casal passava por um momento financeiro delicado.

Partindo disso supõe-se que os cordelistas conseguiram a partir da venda de seus folhetos uma renda extra, tendo em vista que poderiam ajudar no sustento da casa como no caso de Maria Pimentel, mas era raro que um cordelista vivesse apenas do lucro que tirava dos “livrinhos” e a maioria deles tinha outra profissão que de fato os sustentava. Porém, é interessante pensar que o marido de Maria a encorajou a publicar os folhetos e que ela poderia com isso ajudar nas contas do casal, demonstrando que apesar do ato de prover a família ser marcadamente pela sociedade da época uma tarefa do homem, os sujeitos em suas vidas cotidianas poderiam encontrar caminhos alternativos.

Nesta seção a reflexão acontece em torno de Maria das Neves Pimentel enquanto sujeito histórico, ou seja: como o conteúdo dos folhetos publicados por Maria Pimentel ajudam na compreensão do mundo em sua volta? Como os textos da autora se relacionam com os textos escritos pelos cordelistas homens? O quê os distancia ou os aproxima? Mas, antes de refletir sobre tais questionamentos, para conhecer Maria Pimentel é necessário que tratemos um pouco a respeito de sua família, ainda na entrevista supracitada no primeiro parágrafo Maria versa o seguinte:

---

<sup>143</sup> PIMENTEL apud MENDONÇA, 1993, p. 70

Eu sou filha de poeta  
 e neta de repentista  
 meu avô era Ugolino  
 e meu pai Chagas Batista  
 também faço poesia  
 o poeta é um artista!<sup>144</sup>

Maria das Neves Pimentel faz parte de uma família cuja qual o repente e a poesia são repassados de geração para geração. Seu avô era um grande repentista e seu pai era um poeta conhecido no mundo dos folhetos e por ele Maria nutria grande admiração, nordestina nascida na Paraíba, seus cordéis tiveram repercussão no meio cordelista e foram publicados pela Editora Guajarina, onde as duas publicações datam de 1941, mas as originais são da década de 1930, os folhetos tinham problemas em relação a autoria e plágio da obra, algumas editoras, como é o caso da Guajarina replicavam folhetos sem autorização e até mesmo mudavam a autoria para driblar o possível pagamento de direitos autorais. Na entrevista a cordelista deixou claro que era uma leitora ávida de literatura estrangeira, principalmente de romances. Ao ingressar no universo dos folhetos essa vai ser uma influência latente nos seus textos, por meio deles Maria Pimentel fez adaptações de obras clássicas.

Foi assim que ganhou vida seu cordel intitulado “*O corcunda de notre dame*” inspirado no romance de mesmo título do autor Victor Hugo, Maria fez outros dois romances inspirados em obras clássicas, sendo eles: *O amor nunca morre* e, *o Violino do Diabo ou o valor da honestidade*, o primeiro faz referência ao romance de *Manon Lescaut*, de Abade Prévost e o segundo a obra *O violino do Diabo* de Victor Pérez Escrich. Todos foram publicados pela Editora Guajarina, totalizando quatro folhetos difundidos, sendo o último intitulado *As mocinhas de hoje*. Sobre suas adaptações Maria Pimentel afirma que:

Você sabe que o romance é feito numa literatura alta. O povo não entende, mesmo lendo não entende, não compreende e nem vai perder tempo para ler o romance. Então eu transformei aquela literatura no linguajar do povo, no modo que o povo fala, que o povo entende. (...) *eu peguei o miolo*. A coisa mais, que me interessa. (...) O romance é o roteiro, agora aqui eu vou transferir toda essa história para o linguajar do povo e versar. (...) Eu não posso me afastar da linha do romance, não! Eu posso criar, ajudar no mesmo sentido. (...) Então aqui neste romance *O Violino do Diabo ou o Valor da Honestidade*, então, a lição que eu salientei neste romance, foi a honestidade da moça e do velho, entendeu? Que aquele homem fez toda a trapalhada, toda a trapaça para iludir esta moça.<sup>145</sup>

<sup>144</sup> Apud MENDONÇA, 1993, p. 86

<sup>145</sup> Apud MENDONÇA, 1993, p. 71.

Foi mencionado anteriormente o quão o universo cordelista era masculino, habitado por homens e dominado por eles, Maria Pimentel era uma mulher que se propôs sob o ponto de vista do presente romper essa barreira, mas talvez a sua intenção fosse apenas continuar uma tradição familiar, estava no sangue para a cordelista ser poeta popular, pois seu avô e seu pai estavam inseridos nessa cultura. Neste momento se inicia a reflexão sobre os folhetos de Pimentel publicados pela Editora Guajarina.

### 3.2.1 As mocinhas de hoje – as meninas nas praias de banho<sup>146</sup>

O seguinte cordel é publicado pela Editora Guajarina no ano de 1941, o folheto faz uma crítica ao denominado *flirt* ou paquera que ocorre nas praias de banho e principalmente ao comportamento das mulheres. Os versos iniciam da seguinte maneira:

Leitor o século é de luz  
tudo hoje é natural,  
quem vive com santidade  
termina acabando mal,  
é preciso que sigamos  
da vida a rota fatal.

Nesse tempo de loucuras  
de safadagem e indecência  
não ha moça que hoje tenha  
(elas me perdoem a ausência  
e desculpem a franqueza)  
limpa e pura a consciência!...

A moça p'ra ser da elite  
e achar um casamento  
tem que andar bem pintada  
e não ter acanhamento:  
dansar, nadar, jogar bola  
com bem desenvolvimento!.

Maria das Neves Pimentel já nos primeiros parágrafos demonstra que a fé cristã está sendo desvalorizada, as moças segundo a cordelista não possuem mais “limpa e pura consciência”, como refletido anteriormente parecia ser visto como comum que os homens paquerassem e flertassem publicamente, mas para as moças o peso de demonstrar sua afetividade em público parecia ser visto com maus olhos. Para Maria Pimentel, o tempo era de loucuras, safadagem e indecências. A liberdade sexual dos sujeitos foi atrelada à libertinagem, à falta de pudor por parte dos envolvidos. As linhas continuam:

<sup>146</sup> *As Mocinhas de Hoje*. Belém: Guajarina, 26 de maio, 1941 e 2ª 20 jun. 1941. 32p.

Agora eu vou mostrar  
nas praias de misendó  
como vive a humanidade  
me causa nojo e dó  
as moças e os rapazes  
cada moça com um coió

Os homens só de calção  
com as moças passeando,  
eles na areia se senta,  
e assim ficam conversando,  
falam num encontro á noite  
se estão se namorando.  
[...]

P'ra mim um banho de mar  
com toda essa liberdade  
é a maior corrupção  
que há na humanidade  
logo ahi a moça perde  
toda sua ingenuidade.<sup>147</sup>

Durante todo cordel, a poeta segue versejando contra a paquera e até mesmo como o casamento anda sendo desvalorizado. Se compararmos esse folheto com qualquer outro do capítulo anterior que trata das representações femininas nos cordéis e que foram escritos por autores homens se observa que ele não difere muito dos assuntos tratados, ou seja, o fato de Maria ser uma mulher escrevendo não muda a perspectiva das representações femininas da época, sendo a mesma em relação aos poetas homens. A visão de Maria em relação à mulher permanece impregnada de perspectivas patriarcais, refletindo valores semelhantes aos ideais que os autores masculinos defendiam. Segundo Maria Pimentel, espera-se que uma mulher mantenha um comportamento recatado, a autora associa que o uso de roupas curtas está intrinsecamente ligado ao caráter e à honra feminina.

Nos próximos três cordéis publicados por Maria Pimentel, analisaremos como a autora atrelou a vida das mulheres a um final feliz ligado ao casamento e à vida a dois. A cordelista em seus folhetos continua assim como seus pares homens a difundir ideais da época que valorizavam a fé cristã, a mulher pura como sendo aquela que for casta, e se, uma mulher ir contra os valores da instituição familiar é julgada como promiscua. Não há um meio termo, ou as mulheres formavam família e viviam suas vidas voltadas para o matrimônio ou eram desvalorizadas pelos cordelistas. Supor que por Maria ser uma mulher que escreve ela defenderia valores diferentes daqueles de sua época é não localizar o sujeito histórico em um tempo e espaço ao qual ele pertence. No capítulo inaugural de sua obra *“Introdução à*

<sup>147</sup> *As Mocinhas de Hoje*. Belém: Guajarina, 26 maio 1941 e 2ª 20 jun. 1941. 32p.

*História*” o historiador Marc Bloch reflete o seguinte: “Em suma: nunca um momento histórico se explica plenamente fora do estudo do seu momento. (...) Já um provérbio árabe dissera: “Os homens parecem-se mais com o seu tempo que com os seus pais”.<sup>148</sup> .

Maria Pimentel fazia parte de uma cultura literária que enxergava as mulheres em determinado espaço, seus corpos e vidas eram direcionados conforme os ideais pensados para suas vidas e corpos, se vivessem para a igreja, o lar e a família eram valorizadas, já se decidissem ter uma vida que fugia de tais regras ou padrões comportamentais pagariam um preço: o julgamento. Os comportamentos das mulheres, como demonstrado foi uma pauta constante dos cordelistas. Ou seja, suas atitudes diante da sociedade eram vistas e analisadas. Havia um interesse coletivo dos cordelistas em representar o feminino.

O sujeito histórico é influenciado pelo tempo e o espaço no qual está inserido, seus ideais de vida, ideologias. perpassam quase invariavelmente por estruturas que se sobrepõem à sua existência individual no mundo. Parece limitador, é como se o sujeito não pensasse ou agisse por si mesmo, mas como refletiu Bloch, o sujeito histórico está para suas ações assim como está para sua época. Continuando com a análise dos outros três folhetos de Maria Pimentel publicado pela editora Guajarina.

### 3.2.2 O romance e o final feliz das mulheres

Os três folhetos analisados a seguir são romances. O primeiro a ser apresentado é *O Corcunda de Notre Dame*, como anteriormente mencionado o folheto faz uma releitura de seu homônimo clássico e conhecido mundialmente. Como leitora, Pimentel se interessava pelos grandes clássicos da literatura, diferente de boa parte das mulheres de sua época a cordelista sabia ler e teve uma boa educação, por isso em suas linhas juntou duas paixões: a literatura clássica e a rima, criando assim uma espécie que a própria escritora considerava mais didática da obra clássica, pois o povo segundo a autora não tinha facilidade com a leitura de uma obra completa como o *Corcunda de Notre Dame* de Victor Hugo.

A história do folheto tem como personagens principais: a cigana Esmeralda, o padre Claudio, o capitão Phebo e o corcunda Quasimodo. Os versos se iniciam assim:

A historia que vou narrar  
leitores, prestem atenção,  
é de uma linda cigana  
que prendeu o coração  
de Claudio, o padre mártir,

<sup>148</sup> Bloch, M., Bloch, É., Le Goff, J. (1997). A História, os Homens e o Tempo. In M. Castro (Ed.), *Introdução à História* (pp.85-102). Mem Martins: Publicações Europa-América, Lda, p. 94.

e de Phebo um capitão.<sup>149</sup>

O padre Claudio é descrito como um personagem bom e inteligente, ele recolheu da praça pública o corcunda Quasimodo quando este ainda era uma criança que pedia esmola para comer, sensibilizado com a situação do pequeno o padre decide levá-lo para morar na igreja:

O nome de Quasimodo  
 Claudio deu ao menino  
 levou-o para uma igreja  
 lhe ensinou a tocar sino,  
 para o aleijado este padre  
 era um ente divino.

Em um dia de festa na praça da cidade todos os habitante lá se reuniram, dentre os presente estava à cigana Esmeralda: “era uma linda cigana, que em meio à plebe dançava”. Na frente da praça em um palácio morava uma jovem, bonita e dona de muita riqueza chamada Flor de Lyz, essa era noiva do capitão Phebo, juntos na varanda do palácio de onde dava para visualizar toda a praça o Capitão avistou a cigana dançante e se encantou, rapidamente disfarçou para que Flor de Lyz não notasse, se despediu da noiva e foi rumo à praça para ver mais de perto aquela que encheu seus olhos. Outro que da igreja viu a cigana foi o padre Claudio, este nunca tendo se apaixonado ao ver a cigana dançar também se apaixonou instantaneamente e partiu para praça também com o objetivo de encontrar a cigana.

Já na praça Quasimodo tenta se aproximar da cigana, mas ela se assusta com a sua feiura e para de dançar e some no meio da multidão com sua cabra de estimação, o padre Claudio ainda assim pede para que Quasimodo a siga, pois precisa chegar até ela. O corcunda em dado momento consegue agarrar a cigana, mas é preso por conta disso e passa a ser torturado, em determinado momento ao ver a cena a Cigana Esmeralda se compadece do corcunda e o ajuda com comida e água. Quasimodo agradece, pois mesmo tendo a agarrado e a assustado ela o ajudou. No desenvolver da história o padre se apaixona ainda mais por Esmeralda e o capitão Phebo também, o padre chega inclusive a acusar a amada de uma facada que ele desferiu contra Phebo por ciúme de Esmeralda, ela acabou presa.

Esmeralda amava Phebo, a história termina com um embate final entre os personagens principais, Quasimodo acaba morrendo por defender a cigana do padre que a todo custo tentava a possuir, apesar do padre ter o criado, Quasimodo era grato por Esmeralda ter o

---

<sup>149</sup> *O Corcunda de Notre Dame – As Mocinhas de Hoje*. Belém: Guajarina, 26 maio 1941 e 2ª 20 jun. 1941. 32p.

alimentado quando foi torturado, o padre tenta novamente matar Phebo, mas não consegue e este finalmente inocenta Esmeralda de tentar matá-lo e os dois finalmente ficam juntos e se casam:

Agora Phebo consigo  
levou ela pela mão,  
tendo como essencial  
ir fazer nula a prisão,  
na primeira oportunidade  
com ela casou-se o capitão

A noiva de Phebo, Flor de Lys desaparece da narrativa, mas a autora deixa claro desde a introdução do cordel que ela não era o amor da vida de Phebo. Tanto o final feliz de Flor de Lys tanto da cigana Esmeralda estavam ligados ao casamento, Flor de Lys apesar de ser descrita como bonita e rica, não tinha o amor de Phebo, a personagem é descrita para que o leitor sinta pena, pois, apesar de possuir atributos que pareciam interessantes, ainda assim, não se casou com o homem que queria e por isso foi infeliz. Já Esmeralda consegue possuir esse amor e com ela o capitão se casa, é quase uma recompensa para as personagens femininas o amor de Phebo. Nos próximos folhetos de Maria das Neves Pimentel, o casamento e o amor são temas centrais e o final feliz de suas personagens femininas estavam ligados ao casamento.

No folheto *O Amor nunca Morre*<sup>150</sup>, a cordelista apresenta novamente para o público mais um romance, Luzimar era filho de um pai abastado, por isso, foi estudar em um colégio renomado em Lião:

Muito perto de Pariz  
numa cidade morava  
um velho capitalista  
que do nome se orgulhava,  
só um filho possuía  
e a ele idilatrava.

O nome de Luzimar  
Ele no filho botou,  
Num colégio em Lião  
Seu filhinho educou  
Tinha dezessete anos  
Quando o curso terminou.

---

<sup>150</sup> *O Amor nunca morre*. Belém: Guajarina, 26-v-41, 40p. Termina com o acróstico ALTINO. Cópia da col. Luyten.



Luzimar estava pronto para voltar para casa depois de terminar os estudos. Se despedindo de seu amigo Tiberge em um hotel acontece uma situação inusitada, uma moça se aproxima dos dois desesperada pedindo por ajuda:

-Senhor pelo amor de Deus  
Peço para me salvar  
Das mãos desse horrível servo  
Que vai mesacificar!...

Meus pais estão memandando  
Internar em um convento  
Porém só estaideia  
Traz-me acabrunhamento  
Não nasci para serfreira  
Adoro o deslumbramento!..

A moça que era Manon Lescou estava insatisfeita com o futuro escolhido para ela pelos pais e se desespera e pede por ajuda. O romance inicia logo no primeiro encontro (amor à primeira vista) é comum nas narrativas dos cordelistas, com Luzimar e Manon não foi diferente. Luzimar se admira da beleza de Manon:

Tinha só quatorze anos  
essa rosa em botaão,  
pele alva e macia  
nos lábios um coração,  
olhos e cabelos pretos  
era uma sedução.

Refletindo novamente uma vez que já foi destacado anteriormente, a raça era um marcador social nos cordéis, observamos que ao descrever a beleza de uma personagem, a cor da pele é descrita como "alva", indicando uma pele clara. Esta representação da beleza nas narrativas dos cordelistas pode estar associada à idealização da beleza da mulher branca, visto que as pessoas de cor preta eram frequentemente subalternizadas nas histórias. Voltando ao romance de Luzimar e Manon, os dois decidem que iriam fugir para Paris, mas teriam que viver escondidos dos pais de Manon, pois, o destino que eles queriam para filha era o convento, vinda de uma família de posses e com condições a personagem é descrita da seguinte maneira:

Manon era acostumada

a passar bem e luxar  
e o pouco que levaram  
breve ia se acabar

Antes da fuga ambos dependiam do suporte financeiro de seus pais. Ao cortarem relações com eles perderam tal auxílio, o que os deixou em uma situação precária. E ao optarem por uma vida discreta, evitando exposição para não serem descobertos pelos pais, sem poder sair, não conseguiam emprego e ficava cada vez mais difícil para os dois se sustentarem. Por isso, a falta de dinheiro dos dois começou a ser um problema. Mas onde moravam, tinham um vizinho rico que se apaixonou por Manon e daria tudo o que ela quisesse em troca de seu amor.

O homem rico visinho,  
chamava-se Abraão,  
pode falar com Manon  
em uma ocasião  
e notas novas do Banco  
depositou-lhe na mão.

Manon era muito criança  
para o mal compreender,  
e como estavam pobres,  
pouco tinham que comer,  
resolveu tudo aceitar  
sem a Luzimar dizer.

Mas Luzimar começou a desconfiar das atitudes de Manon, pois tinham comida farta, por isso logo imaginou que ela estivesse o enganando, mas logo desse pensamento se arrependeu, não acreditava que ela poderia cometer essa falsidade contra ele, pensou então que Manon poderia estar recebendo ajuda de parentes. Mas, o vizinho rico pressionou-a para com ele se casar, e avisou o pai de Luzimar sua localização para que ele pudesse mandar buscá-lo. Manon então pensou em um plano, Luzimar indo embora ela ficaria com o vizinho e tomaria todo seu dinheiro e depois iria procurar novamente por Luzimar. A cordelista Maria Pimentel procura deixar claro o quão Manon idolatrava o dinheiro, por mais que amasse Luzimar, Manon não poderia viver sem bens materiais, por isso, quando chegaram para buscar Luzimar de volta para seu pai ela não impede e apenas se tranca no seu quarto.

Caro leitor esta jovem  
ao luxo muito adorava,  
pobres não podiam ser  
felizes como pensava,

tinha amor a Luzimar,  
mas o dinheiro a fascinava.

Luzimar percebeu que foi Manon que informou seu pai onde ele estava e ficou amargurado e procurou esquecê-la vivendo sua vida longe dela, mas ficou tão triste que seu pai não sabia mais o que fazer para seu filho seguir em frente, Luzimar tenta até mesmo se tornar padre para esquecer de Manon, mas não consegue. Ela por sua vez ficou com o seu vizinho Abraão, mas não por muito tempo, roubou seu dinheiro, joias e fugiu, mas não esqueceu Luzimar. Ao ir a uma missa Manon reconhece Luzimar como padre e vai até ele, que diz:

Perfida, Manon pérfida,  
fostes de meus olhos a luz,  
zombastes do meu amor,  
me puzestes numa cruz,  
me traíste como Judas,  
beijando enganou Jesus.

Luzimar então recusa o amor de Manon, mas não consegue resistir por muito tempo e acaba a perdoando, mas antes de ficarem juntos definitivamente os dois ainda passam por mais alguns obstáculos até que finalmente se casam e vivem seu final feliz. O folheto deixa claro que Manon paga por suas atitudes, por sua ganância e luxúria, é como se fosse um alerta direcionado para as mulheres, dizendo que não vale a pena trair o amor e os sentimentos bons. Manon nunca deixou de amar Luzimar, sua conduta se dá de acordo com a necessidade do casal, mas a cordelista julga suas tomadas de decisões, pois, as mulheres deveriam ser o oposto de Manon, sempre fiéis e leais.

O último cordel se chama *O violino do Diabo ou o valor da honestidade*<sup>151</sup>, neste cordel o romance novamente é o foco, mas ocorre que a personagem principal desse folheto se destaca, pois, sua vida pode ser comparada até certo ponto e, guardadas as proporções entre ficção e realidade com a de Maria Pimentel, pois a personagem principal do folheto tem que se travestir para seguir a profissão do pai, é isso que a musicista Maria precisa fazer para se inserir no meio profissional desejado, assim como Pimentel a Maria da ficção precisa esconder sua verdadeira identidade para conseguir exercer seu dom para a música, pois, não seria aceita em um ambiente dominado por homens:

---

<sup>151</sup> *O Violino do Diabo, ou o valor da honestidade, Belém: Guajarina.*

“Izidoro era viúvo  
 Só uma filha possuía  
 Era uma donzela formosa  
 De concreta primazia  
 Uma artista sem igual  
 Meiga, sincera e leal  
 Tinham um nobre coração.

Izidoro com Maria  
 Na arte se sustentavam  
 Eram os músicos preferidos  
 Em toda parte tocavam  
 Qualquer festa que havia  
 Era Izidoro e Maria  
 Dois músicos que não faltavam”

Izidoro era um músico influente da região em que residia, ao perceber que estava envelhecendo e sua filha não era casada, preocupou-se e, por isso, a Maria fez a seguinte sugestão:

Como já estou muito velho,  
 O que é que devo fazer?  
 Esta menina no mundo  
 Amanhã se eu morrer!  
 Concentrou seu pensamento  
 Naquele mesmo momento soube melhor resolver.

Chamou Maria e lhe disse:  
 Conforme meu pensamento  
 Minha filha eu resolvi  
 Para o teu próprio sustento  
 Vestirás roupa de homem  
 Para não passares fome  
 Um dia po alimento.

Assim como a Maria da vida real, a Maria da ficção começou a exercer a profissão do pai por razões financeiras. O folheto pode ser um cruzamento da realidade e da ficção, Maria das Neves Pimentel foi à primeira mulher cordelista, para publicar seus cordéis fazia uso do nome do seu marido Altino Alagoano, mas seu pai também era uma grande influência, Pimentel se orgulhava da sua linhagem familiar de poetas, mas por ser mulher talvez não enxergasse a possibilidade de se lançar como tal, ainda durante a entrevista que inicia esta seção a cordelista deixa claro em dado momento que não se vê como cordelistas. No presente diversos estudos tratam da síndrome da impostora nas mulheres, uma espécie de autosabotagem, onde se enxergam como incompetentes ou insuficientes. Talvez Maria não se veja

tão poeta como seu pai, afinal ela estava fazendo algo que homens faziam, era natural não se entrever como uma escritora, pois os homens dominavam o meio. Continuando o cordel:

“Bem sabes que já estou velho...  
 Hoje eu posso trabalhar  
 E amanhã minha filha?  
 Queres me auxiliar?  
 Pois não papai disse a filha  
 Muito obrigado maria  
 Agora vou te explicar.

Teu nome d’agora em diante  
 Escute o que eu vou dizer  
 É Mariano Requena  
 E assim vamos viver  
 Se eu morrer primeiramente  
 Poderás ficar ciente  
 Que tudo hás de vencer.

Maria muito nervosa  
 Seu terno logo vestiu  
 Parecia mesmo homem  
 Olhou ao espelho e sorriu  
 Izidoro de contente  
 Beijou-a fraternalmente  
 Muita alegria sentiu.

Como pai e filha tinham talento para cantar, a banda a qual faziam parte era um sucesso. Todos dias eram chamados para tocar nas festas da aldeia. Na mesma casa de Izidoro morava um rapaz chamado Batista que era seu discípulo, após a morte de seu pai que também era ‘festeiro’, Batista um rapaz conceituado passa a morar com Izidoro.

Em uma das toçadas da banda, lá estava um Marquês que era cobiçado pelas donzelas, tinha posses e também gostava de tocar instrumentos como o violino e o piano. Entretanto, não tinha caráter e era desacreditado que a virtude existia, mas se apaixonou de Maria. Durante a história, o Marquês faz várias coisas para corromper, Izidoro, Batista e Maria, mas os três se demonstram leais, por isso o Marquês decidiu se casar com Maria. Novamente o casamento aparece como final feliz para a personagem, é importante destacar também que a classe social do casal nos folhetos tem um lugar de destaque, neste caso, o homem tinha posses e se tornou uma espécie de benfeitor para Maria.

O segredo de Maria com o decorrer da história não tem muita importância e até desaparece, todavia com a história fica claro que Pimentel sabia que talvez não tivesse tanta aceitabilidade em uma profissão que até então era majoritariamente masculina.

Os folhetos escritos por Maria Pimentel evidenciam que a poeta não produziu uma

narrativa diferente dos homens cordelistas de sua época, reverberando em seus cordéis ideais que alimentavam a estrutura social de seu tempo. Ao tratar da construção das personagens femininas nos cordéis de Pimentel a pesquisadora Letícia Oliverira afirma o seguinte:

“Por meio da construção de suas personagens Maria das Neves reafirma os valores vigentes na sociedade em que vivia. Naquele momento e naquele contexto, não havia como seus versos se contrapusessem aos dogmas instituídos, por duas razões: suas rimas não agradariam ao público, e, portanto, não seriam vendáveis, e também porque, tendo sido a cordelista criada no âmbito de uma sociedade tão restritiva como a nordestina do começo do século XX, era natural que reproduzisse os mesmos valores consagrados pela maioria. O fato de ter escolhido um pseudônimo masculino representa que Maria neves Batista tinha a noção de que uma mulher não poderia e não deveria ser poeta, pelo menos aos olhos do público frequentador de feiras e praças.”<sup>152</sup>

Foi mencionado anteriormente que não há como desvincular o sujeito histórico de sua época, assim ocorre com Maria Pimentel, o conteúdo de seus folhetos, sua produção, é coerente se localizado no seu tempo e espaço. A relevância de Maria enquanto Altino Alagoano se demonstra por meio dos seus folhetos que foram reproduzidos não apenas na região Nordeste, mas chegam à Editora Guajarina no Norte do País. Maria Pimentel viu na produção de folhetos uma oportunidade de ajudar financeiramente o marido, mas as mulheres quando trabalhavam, deveriam exercer sua função profissional concomitantemente a sua função de esposa e mãe, com a poetisa não deve ter sido diferente. O dever principal das mulheres da época era o da assistência ao marido e ao lar. A sociedade belenense, ou ao menos uma parte dela, corroboravam tal opinião é o que se expressa em matéria publicada no mesmo ano que os cordéis de Maria Pimentel circularam no Pará a “Revista Quero” reflete o seguinte:

Como deve a esposa harmonizar o seu principal dever de assistência do lar, com a necessidade de trabalhar?

É sem dúvida, uma das maiores responsabilidades – responsabilidade diante de si própria, diante de seu marido, da sociedade e perante Deus – a de uma mulher casada.

Com o casamento ela recebe um pesado fardo de obrigações que não pode repartir com ninguém e cujo cumprimento é tão sagrado, que o próprio Deus não exige, para Si, sacrifícios que possam impedi-lo. Si ela é mãe, essas obrigações e responsabilidades aumentam e a tornam mais apreciável e mais digna aos olhos de Deus, quando sabe cumpri-las, com dedicação e amor, e com sacrifício que, para isso, quasi sempre, é necessário.

---

<sup>152</sup> OLIVEIRA, Letícia. *A construção das personagens femininas nos cordéis de Maria das Neves Pimentel*. In: Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL – ISSN 1980-4504.

Dêsse modo, nenhum trabalho, nenhum interesse poderiam perturbar as actividades próprias de uma dona de casa, de uma mãe de família.

Atingindo o fim supremo ao qual Deus a destinou, a boa espôsa e mãe dedicada está cumprindo o seu principal dever.

Mas, são tantas e tão diferentes as condições das pessoas e dos casais, que não é possível em tudo estabelecer regra geral. Há sempre um grande numero de excepções.

Condições de classe, de meios de saúde, confôrto moral e material impelem, certas vezes, as esposas a fugirem um pouco de suas obrigações no lar, para suprirem certas dificuldades que nele existiriam, sem o seu trabalho. Neste caso, só temos a louvar seu procedimento, chamando-lhe baixinho a atenção se se descuidou demais de certas coisas que lhe dizem respeito, em casa, nunca, porém abdicar dêste seu principal dever em favor de quem quer que seja, por mais confiança que lhe inspire.

A mulher casada, tendo de trabalhar fora de casa, por necessidade, ou porque seu trabalho lhe reserve um futuro promissor ou a seus filhos, ou ainda, porque tenha grande dedicação a um trabalho que vinha exercendo solteira, deverá procurar que êsse trabalho seja nas horas em que sua presença em casa fôr mais dispensavel, coincidindo com o horário do colégio dos filhos e do serviço do marido. No caso dos filhos serem ainda pequeninos, creio que o melhor regimen para êles não supriria a ausência da mamã.

A mulher que antes do casamento não trabalhava e que, casando-se, não tem a necessidade disso, deve consagrar suas actividades ao seu lar, à educação de seus filhos, a seu marido. Dêsse modo, ela está também servindo a Deus, encaminhando para Êle aqueles cuja vida lhe está confiada.<sup>153</sup>

A matéria acima deixa claro que mesmo que a mulher trabalhe fora de casa, é seu dever principal cumprir com tarefas do lar. O texto da historiadora Margareth Rago intitulado “*Epistemologia Feminista, gênero e história*”, discute inicialmente a condição da mulher em relação ao trabalho. Já em seu índice escrito por Martín Paradelo Núñez o autor faz uma constatação que parece óbvia, mas necessária de que a mulher trabalha, sempre trabalhou. No entanto, historicamente seria difícil sustentar essa afirmação. E a mulher além de ser dotada de capacidade para o trabalho, ela necessita dele, negar essa afirmação seria quase impossível. Porém, a população no geral e mesmo a historiografia segundo Núñez, é negada essa capacidade ou necessidade da mulher para o trabalho e fazem isso pela via do desaparecimento<sup>154</sup>.

Ou seja, a relação das mulheres com o trabalho envolve uma série de fatores que muitas vezes as invisibiliza, as mulheres como Maria Pimentel são de certa maneira excluídas da História, em sua época poucas pessoas sabiam de seus folhetos, e se soubessem talvez não a olhassem com bons olhos, os próprios cordelistas talvez não a aceitassem em seu meio, por isso, “desaparecer”, ao menos de sua época, talvez tenha sido crucial para a produção literária

<sup>153</sup> Quero. Junho, 1941. Ano III, n. 32, p. 15.

<sup>154</sup> Rago, Margareth. “Epistemologia Feminista, Gênero e História”. In: Masculino, feminino, plural. Pedro, J.M. e Grossi, M. (orgs.). Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.

de Maria Pimentel.

O conceito de trabalho é importante para Nuñez, pois ele é um dos fatores para a expansão e consolidação do patriarcado como sistema de dominação da mulher pelo homem, não importando a classe na qual se produza. Uma série de trabalhos que as mulheres desempenhavam eram considerados inferiores por não serem produtores de mais-valia, não sendo pagos, portanto eram ignorados, isso representava uma lógica de dominação que deveria ser estudada e superada. No documento sobre as mulheres conciliarem a vida de dona de casa com um trabalho remunerado o autor do texto deixou exposto que as mulheres deveriam priorizar o lar, o marido e os filhos. Ser uma profissional e priorizar a carreira poderia ser visto socialmente como algo negativo, desempenhar tarefas que até então apenas homens desenvolviam era um tabu para as mulheres.

*Como a escrita de Maria Pimentel se conecta com a escrita de uma historiadora?*

Mulheres como Maria Pimentel são importantes não apenas por inaugurar um movimento, mas por romper barreiras que ultrapassam a literatura de cordel, ela demonstra que as mulheres são capazes de escrever e de produzir conhecimento e sempre produziram. Assim como no mundo do cordel, na História como disciplina durante muito tempo foi relegada as mulheres a subalternização, tanto como sujeitos históricos ou enquanto historiadoras. Margareth Rago, ao introduzir seu texto supracitado - cita dois historiadores que fazem uma reflexão sobre o gênero e a história, sendo eles: Michelle Perrot e Roger Chartier, para nos apresentar logo de início quanto à visão a respeito de gênero enquanto categoria analítica foi interpretado de modo diferente pela Mulher Historiadora e pelo Homem Historiador, Perrot é mais assertiva enquanto a necessidade de uma historiografia que tenha o gênero enquanto categoria, já Chartier demonstra “constrangimento” em relação a inclusão dessa categoria.

A pergunta do tópico se faz importante já que partindo dela podemos refletir que enquanto historiadoras e sabendo que na escrita da história não nos cabe o juízo de valor, mas historiadores, no geral, escrevem de um determinado lugar. Uma historiadora é atravessada pelo seu gênero, nossa perspectiva enquanto mulheres historiadoras diferem-se da do homem historiador, pois o que nos toca não é apenas a perspectiva histórica, mas um *lugar de fala-escrita* que durante tanto tempo foi tão marginal e que vem lentamente sendo reparado, e isso não se dá de maneira orgânica porque historiadores no geral reconheceram a importância do gênero como categoria de análise, isso ocorreu porque mulheres, muitas delas feministas se propuseram a teorizar o conhecimento feminista e a partir dele refletir como em diversas áreas do saber as mulheres eram negligenciadas, apagadas, submetidas, excluídas, em detrimento de



um conhecimento que era feito muitas vezes por homens, brancos, heterossexuais, cis, ocidentais que obviamente em sua maioria não se interessaram ou interessam em refletir seus privilégios por motivos de comodidade e condescendência.

Maria Pimentel como uma mulher deve ter tido que lidar com diversos questionamentos enquanto escritora. O Estado, a sociedade, a Igreja e suas premissas direcionavam a mulher para o cuidado do lar, marido e filhos. Por isso, conciliar suas atividades de cordelista, esposa e mãe, deveriam a fazer pensar como seria vista socialmente como cumpridora de tais papéis, esconder que possuía outra atividade além das que cabiam a uma mulher da época pode ter sido um mecanismo de defesa para não ser julgada. Dentro das diversas possibilidades de interpretar Maria Pimentel uma delas se estabelece como fundamental, a primeira mulher cordelista brasileira, inaugura um movimento de mulheres no cordel, ou seja, depois de Maria outras cordelistas se inserem na literatura de folheto, o próximo tema deste capítulo, portanto, visa refletir sobre a inserção de outras mulheres na literatura de cordel. Maria Pimentel é essencial para a discussão que irá se estabelecer a seguir.

Se Maria Pimentel enquanto uma cordelista expressou em suas linhas sentimentos e costumes da sociedade de sua época, suas sucessoras trazem novas temáticas e discussões para a literatura no tempo presente. Tratar dessa inserção das mulheres com seus próprios nomes e sem pseudônimos em uma literatura dominada por homens sugere reflexões interessantes, como: a recepção dos autores em relação às autoras, como os novos temas repercutem no meio dos cordelistas. Essa é a discussão que faremos a partir deste ponto.

### **3.2.3 “Para que não fosse à única.” – a literatura e as mulheres cordelistas do tempo presente**

Todos os folhetos que foram vendidos na Livraria de meu pai ou que foram impressos, tinham nome de homem, eram homens que faziam, não existia naquele tempo, folheto feito por mulher, e eu, para que não fosse a única, né?, meu nome aparecesse no folheto, não fosse eu a única, então eu disse: – Eu não vou botar meu nome. Aí meu marido disse: – Coloque Altino Alagoano.<sup>155</sup>

A seção se inicia novamente com o depoimento de Maria Pimentel onde a escritora cita o seguinte, “Para que eu não fosse à única”, a cordelista faz referência a ser a única mulher de sua época com o nome em um folheto de cordel, então para que não fosse exclusiva

---

<sup>155</sup> PIMENTEL apud MENDONÇA, 1993, p. 70

em um universo literário masculino, Pimentel fez uso do pseudônimo Altino Alagoano. Mas, a cordelista “realmente” não foi à única, sendo a precursora de outras mulheres cordelistas que vieram depois dela. Ao se inserirem na literatura de folhetos como poetisas, as mulheres deixam de ser apenas representadas por meio das personagens e passam a produzir folhetos com uma diversidade de temáticas que abrange tanto suas trajetórias pessoais como a de outras mulheres.

Maria Pimentel produziu e publicou durante a década de 30 do século XX, e somente mais tarde, nos anos de 1972 que há indícios de autoria feminina nos folhetos, é neste ano que Vicência Macedo Maia publica *A B C da Umbanda*. As produções de mulheres cordelistas infelizmente depois de Maria Pimentel são pontuais e espaçadas até os anos 2000, mas isso não significa que as mulheres estavam ausentes nesse universo literário, entretanto existe uma dificuldade de rastreá-las. O universo do cordel foi construído por homens, romper com essa barreira do masculino na literatura foi e é ainda para as mulheres uma tarefa árdua. Na atualidade os desafios de ser uma mulher cordelista continuam se impondo, mas é cada vez mais latente a presença de mulheres que versejam e rimam nos folhetos. A literatura de cordel no tempo presente continua sendo uma importante expressão literária como perceberemos a seguir.

O cordelista José Medeiros de Lacerda possui uma vasta coleção de cordéis e neles trata de uma diversidade de assuntos, Medeiros é um dos poetas que contribuiu para a produção e divulgação da literatura de cordel na atualidade, sua realização pessoal é divulgar e vender seus cordéis em diversas regiões do País, como no Norte, Nordeste, Sudeste Centro-Oeste, uma das cidades onde é possível adquirir os folhetos do cordelista é em Belém do Pará. Os pontos de venda são espalhados pela cidade, no total são 36, todos situados na Região Metropolitana de Belém, a maioria dos pontos de venda são bancas de revistas<sup>156</sup>.

Em uma conversa informal com o proprietário de uma das bancas de revista localizada na Av. Presidente Vargas em Belém do Pará, onde os folhetos de Zé Lacerda são vendidos junto com outros, a informação adquirida é que os cordéis do poeta comercializados à banca eram uma consignação feita com um revendedor vindo do Nordeste, ao retornar banca o revendedor pega os lucros da venda que são 80% para ele e 20% para o dono da banca e faz a reposição de folhetos. A seguir, algumas imagens das bancas e da exposição dos cordéis:

---

<sup>156</sup>



**Figura 13 - Banca localizada na Avenida Magalhães Barata – Esquina com Generalíssimo Deodoro – Bairro Nazaré – Belém - Pa**



**Figura 14 - Os folhetos são exibidos em uma espécie de expositor de material plástico resistente, com divisórias para cada título e fica pendurado no local, aparentemente é um padrão de exibição em todas as bancas. Bairro Nazaré, em Belém, 2023.**

A partir do exposto são possíveis algumas reflexões, como o fato do cordelista por conta própria divulgar os seus cordéis por diversas regiões do Brasil, inclusive em Belém. A negociação de conseguir que seus folhetos fossem divulgados em diversos pontos da cidade demonstra o entusiasmo e mesmo o amor pela literatura de folhetos por parte de José Medeiros de Lacerda, expondo também que assim como no passado a divulgação da literatura

de cordel ainda depende consideravelmente dos seus poetas que buscam reconhecimento e alcance. Dos folhetos de José Medeiros de Lacerda expostos na última imagem, dois deles chamaram mais atenção que os outros por conta do recorte desta pesquisa, sendo os seguintes:



**Figura 15 - Folhetos de autoria de José Medeiros de Lacerda vendidos em pontos de distribuição pela cidade de Belém. 2023.**

Partindo dos folhetos na imagem acima pretendemos fazer uma reflexão sobre a importância da inserção das mulheres na literatura de cordel como cordelistas, os dois títulos são: *Os costumes do passado e os usos de hoje em dia* e *A mulher que tinha sobrenome de Pau*, são de autoria de José Medeiros de Lacerda ou Zé Lacerda, o primeiro se inicia da seguinte maneira:

Chamo a atenção dos Leitores  
Pra esta apreciação  
Sobre usos e costumes  
Que faço com precisão  
E depois digam comigo  
Se os costumes antigos  
Eram melhores ou não.

Desde a primeira estrofe fica evidente que o cordelista fará uma comparação entre costumes do passado e do presente. Zé Lacerda conclui questionando: "e depois digam comigo/ se os costumes antigos/ eram melhores ou não". Logo de início é perceptível que Lacerda romantiza ou enaltece o passado. Ao longo do folheto ele realiza diversas comparações relacionadas à educação, à família, ao casamento, afirmando como as coisas eram melhores antigamente. Em certo momento, o foco da discussão recai sobre as mulheres:

Mulher fazia um vestido

Com nove metros de chita  
 Enfeitava com bordado  
 E grandes laços de fita  
 Ficava muito contente  
 Pois além de estar decente  
 A roupa estava bonita.

Zé Lacerda demonstra com tais versos que as roupas femininas no passado pareciam mais decentes, por provavelmente cobrir mais o corpo feminino, por alguma razão há um incômodo para o autor em relação ao que as mulheres vestem na atualidade, o cordel continua:

Hoje, com roupa esquisita,  
 De tecido um metro e meio  
 Vestido, só na barriga,  
 Descobre a bunda e o seio  
 Sai com as amigas feliz  
 Até quando alguém diz:  
 “Meu Deus, que vestido feio!”

O restante do folheto se dedica a tratar da mulher, além das roupas, Zé Lacerda demonstra incomodo com o comportamento feminino no casamento, mesmo o cabelo das mulheres não escapa das rimas do cordelista:

Moças de cabelo pleno  
 Eu hoje vejo enfim  
 Encrespá-lo com papel  
 Para ficar pixaim  
 E negras fazendo apelo  
 Qualquer coisa no cabelo  
 Pra deixar de seu vruim.

O autor remete a textura do cabelo “crespo” como “pixaim”, as moças de cabelo “pleno”, provavelmente são as moças de cabelo liso, que tentam deixar os cabelos com cachos, o autor vê tal atitude como negativa e finaliza novamente adjetivando o cabelo de pessoas negras como ruim. Anteriormente apontamos que pessoas negras eram representadas geralmente de maneira negativa nos cordéis, um cordelista atual continua a dispensar o mesmo tratamento a mulheres negras. Tal atitude demonstra que alguns dos cordelistas atuais e seus escritos ainda reverberam em seus versos uma representação semelhante daquelas dos cordelistas do passado.

Já em seu cordel *A mulher que tinha o sobrenome de Pau*, Zé Lacerda apresenta para o público a personagem Maria José Pau, o sobrenome da mulher é a trama central do folheto,

partindo dele o autor inicia a história:

Esse fato aconteceu  
 No Distrito Federal  
 Começando com uma carta  
 Chegada no tribunal  
 Escrita e endereçada  
 Por uma mulher chamada  
 De MARIA JOSÉ PAU

Seria bem natural  
 A mulher ter Pau no nome  
 Se não fosse o falatório  
 E críticas que a consome  
 Por esse incômodo infeliz  
 Foi que apelou ao juiz  
 Pra abolir seu sobrenome.

A personagem Maria José demonstra constrangimento em relação ao seu sobrenome: Pau, esse constrangimento a leva a pedir para um juiz a remoção do cognome oficialmente, no que este a responde:

Ilustre Senhora Pau,  
 Quanto a solicitação  
 Da remoção desse nome  
 A nova legislação  
 Lhe permite a retirada  
 Mas é muito complicada  
 E complexa a solução

Se o sobrenome em questão  
 Tiver sido adquirido  
 Após o seu casamento  
 É mais fácil e decidido  
 Pois com a nova lei usada  
 Você não é obrigada  
 Usar o Pau do Marido.

Mas fica comprometido  
 E com mais complicações  
 Se o Pau for de seu pai  
 Não permite remoções  
 Nome do pai é sagrado  
 E o Pau vem sendo usado  
 Há diversas gerações.

Por inúmeras razões  
 Você deverá usá-lo  
 Pois no seio da família  
 Causará um grande abalo  
 Assim a tradição cai:  
 Tirar o Pau do seu pai  
 Poderá contrariá-lo.

É possível notar que o autor a todo instante faz uso de um duplo sentido sobre a palavra “pau”. Além do sobrenome de Maria ele ganha o significado do falo masculino, chegando a ganhar durante a narrativa uma conotação que remete ao sexo:

Tudo fica resolvido  
E sem muita estripulia  
Se alteramos a ordem  
Aí se abreviaria:  
Escreve P. Se quiser.  
Pau na frente de José  
Porém atrás de Maria.

O juiz para qual Maria faz o pedido de remoção cita o seguinte:

Nome nunca foi defeito  
Escute o que eu digo agora  
Eu tenho pinto no nome  
Uso o pinto toda hora  
Se a senhora achar normal  
Eu posso tirar o Pau  
Boto o Pinto na senhora

O desfecho da história termina com o indeferimento do pedido de Maria:

Portanto senhora Pau,  
O inquérito concluído  
Lhe aconselha, como esposa,  
Use o Pau do seu marido.  
A história aqui termina  
Pinto Soares assina  
O caso tá indeferido.

Os dois cordéis de Zé Lacerda datam de 2010, a intenção de analisar o conteúdo dos folhetos tanto do autor da atualidade como dos cordelistas do passado não é delegar aos folhetos ou seus autores um lugar de desprestígio, a literatura de cordel é uma importante expressão cultural da população nordestina que se disseminou por outras regiões do Brasil. Autores como Zé Lacerda contribuem para que essa cultura literária continue se propagando. Mas também é necessário que sejam direcionadas críticas aos cordelistas homens e suas obras, a fim de promover mudanças, pois se antes a literatura de cordel era majoritariamente masculina, ela continua fortemente influenciada por representações de homens do passado, dificultando a presença das mulheres na literatura.

Ao revisitar as representações femininas nos cordéis da primeira metade do século XX, observa-se que elas eram frequentemente direcionadas aos papéis domésticos, ao casamento e muitas vezes eram vinculadas a um final feliz associado a um relacionamento amoroso. As mulheres tinham seus corpos e vidas submetidos a julgamentos dentro dessas narrativas. Ainda hoje, é comum encontrar cordéis contemporâneos que reforçam essas imagens femininas. O machismo e o sexismo presentes na sociedade atual são construções sociais e históricas. A literatura de cordel serve como um microcosmo onde tais opressões podem ser observadas, refletindo a estrutura macro da sociedade que ainda busca condicionar as mulheres a determinados papéis e espaços.

A entrada das mulheres na literatura de cordel revelou como, por muito tempo, elas foram retratadas apenas como personagens criadas sob a perspectiva masculina. Ao começarem a escrever seus próprios folhetos e a usarem essa forma de expressão como ferramenta de protesto em espaços anteriormente dominados por homens, as mulheres cordelistas passaram a enfrentar situações de machismo e sexismo dentro desse meio literário.

No cenário nacional Izabel Nascimento é uma cordelista sergipana, pedagoga, radialista e Presidente Fundadora da Academia Sergipana de Cordel, para ela a literatura de folhetos é uma herança de família, com mais de 100 títulos publicados a cordelista é um nome atual importante no meio literário. Em 2020 na matéria<sup>157</sup> intitulada de *Mulheres se mobilizam contra o machismo na literatura de cordel* publicada no Diário do Nordeste e escrita por Diego Barbosa, Izabel Nascimento apresenta um panorama do que as mulheres têm de enfrentar enquanto cordelistas. No dia 27 de junho de 2020, Nascimento ministrava a palestra de abertura do evento *III Encontro de Cordelistas da Paraíba* que ocorreu virtualmente, o tema apresentado era “O cordel como ferramenta de transformação social” a cordelista tinha o intuito de refletir o machismo na referida literatura e propor diálogos para com os cordelistas homens.

Porém, o que ocorreu na foi um desconforto por parte dos cordelistas presentes que discordaram do ponto apresentado por Izabel Nascimento e chegaram a questionar a necessidade da temática. Mas, foi após o evento que Nascimento sofreu um ataque virtual por meio dos cordelistas que chegaram a deslegitimar a sua trajetória como escritora. Esse fato demonstrou o quão às mulheres precisam forjar espaços que deveriam ser ocupados de maneira natural, entretanto os cordelistas homens demonstram resistência à mulher que versa e expõe novas temáticas na literatura. A cordelista afirmou na entrevista que as mulheres não

---

<sup>157</sup> GUILHERME, Ceiça. *Mulheres se mobilizam contra o machismo na literatura de cordel*. Matracas, Outubro, 2021.



precisam de voz, pois elas já a possuem, todavia de escuta por parte dos cordelistas homens. Depois de tantos anos escutando a sua própria voz, não coube uma autocrítica dos cordelistas ao exposto por Izabel Nascimento, mas no presente as mulheres possuem sua própria iniciativa para se apoiar e legitimar uma literatura de cordel de mulheres.

Nesse sentido, depois do ocorrido com Izabel Nascimento as mulheres iniciaram o *Movimento das Mulheres Cordelistas Contra o Machismo*, as redes sociais foram essenciais na reunião de mais de 1500 mulheres e mais de 70 coletivos que se aliaram a causa e que pretendia culminar com *I Festival Brasileiro de Mulheres Cordelistas*. As mulheres cordelistas demonstram que o machismo ainda se faz presente na literatura, o caminho na busca de reconhecimento e protagonismo é construído a passos lentos. O passado influenciou nessa condição já que por muitos anos a sociedade não enxergava as mulheres como capazes de produzir conhecimento ou poesia, versos, cordéis. Maria Pimentel a primeira mulher cordelista demonstrou que mulheres versejam, escrevem e produzem literatura de cordel, a produção feminina de literatura de folhetos apresenta novas temáticas e a mulher é representada sob uma nova perspectiva.

Outro acontecimento importante que ocorre no ano de 2021 é a primeira ocupação por uma mulher no posto de Presidente da Academia Brasileira de Cordel (ABC) que até aquele ano possuía 32 anos de existência, Paôla Torres inaugura após três décadas a cadeira da qual o patrono era o poeta Manoel Monteiro. Em entrevista<sup>158</sup> a poetisa informou que a sua atuação como Presidente se demonstrou uma tarefa árdua, pois, muitos cordelistas se impunham a uma mulher na presidência, das 40 cadeiras existentes na ACB apenas 6 são ocupadas por mulheres. Torres além de cordelista é médica e professora, por isso, utiliza o cordel como ferramenta didática com seus alunos e pacientes, suas obras possuem temáticas diversas e tratam sobre: medicina, espiritualidade e também protagonismo feminino, esse é o caso do seu cordel *Maria Firmina dos Reis* que foi a primeira mulher a escrever romances no Brasil.

As mulheres como escritoras além de trazer para a literatura novas temáticas, passam a representar personagens femininas protagonistas de suas próprias histórias, citamos apenas dois nomes de um leque de possibilidades, pois, hoje as escritoras do cordel são várias, suas obras tratam de temáticas importantes na atualidade como: racismo, machismo, gordofobia, mas também tratam da beleza de seus corpos, de suas trajetórias de vida. Neste ponto, o

---

<sup>158</sup> BARBOSA, Diego. Médica e cordelista Paola Tôres assume presidência da Academia Brasileira de Literatura de Cordel. Diário do Nordeste, 2021.

trabalho se direciona ao cenário paraense atual da literatura de cordel com enfoque nas cordelistas mulheres e sua produção, utilizando como fonte o repositório digital *Poronga*, uma iniciativa do bibliotecário Fabrício Alves da Silva que objetiva a visibilidade dos cordelistas do Estado do Pará, sendo fruto de sua pesquisa realizada no mestrado profissional do Programa de Pós-Graduação em Memória e Acervos da Fundação Casa de Rui Barbosa.

O acervo apresenta o cenário da literatura de cordel paraense reafirmando a importância de Vicente Salles para a literatura de cordel no Pará, o historiador, antropólogo e folclorista paraense é quem faz um movimento importante para a geração de cordelistas do presente no Pará, em 15 de agosto de 2011, Salles enviava uma carta que culminou na criação do Encontro de Cordelistas da Amazônia:

“Em 15 de agosto de 2011, o mestre **Vicente Salles** enviava de Brasília uma carta ao poeta **Antonio Juraci Siqueira**, por meio da qual sugeria que o amigo procurasse **Paulo Chaves Fernandes**, o então Secretário de Cultura do Pará, a fim de conseguir um espaço onde os cordelistas atuantes na região pudessem se reunir durante a **Feira Pan-Amazônica do Livro** em Belém. A correspondência entre essas duas figuras-chave possibilitou a criação do que se conhece hoje como **Encontro de Cordelistas da Amazônia**, evento anual que reúne poetas, estudiosos, leitores e ouvintes ligados à cultura do cordel. A partir desses encontros que causaram grande impacto na cena literária do Pará, o poeta **Cláudio Cardoso**, que já havia explorado feiras literárias no estado, decidiu que era a hora de criar uma academia que pudesse reunir os poetas em atividade no estado. Desde 2012, Cláudio Cardoso foi o responsável pelo Estande dos Escritores Paraenses na Feira Pan-Amazônica do Livro. Foi nesse cenário que surgiu o projeto da APLC, que no início enfrentou resistências da parte de alguns poetas. Antonio Juraci Siqueira sempre se opôs à ideia de academias, por acreditar que a obra de um autor é o que o imortaliza, e não a insígnia de uma instituição.”<sup>159</sup>

Vicente Salles faz um movimento importante que resultou na criação do Encontro de Cordelistas da Amazônia, juntamente a articulação de Cláudio Cardoso que idealiza a criação da Academia Paraense de Literatura de Cordel (APLC), Cardoso é outro nome importante para o cordel paraense atual, cordelista e articulador era ativo na causa de “fazer cordel” e buscar reconhecimento para a literatura local, infelizmente perdeu a vida durante a pandemia do coronavírus vítima de complicações da Covid-19, mas seu legado ficou para os cordelistas que deram continuidade na sua tão sonhada APLC, fundada em 09 de janeiro de 2018.

A APLC possui poetas de renome que contribuem para a cultura cordelista do Estado do Pará, como: Antônio Juraci Siqueira (Marajó), Erodinei (Cametá), Jetro Fagundes (Marajó), dentre outros poetas importantes que compõe a Academia, porém neste ponto

<sup>159</sup> SILVA, Fabrício Alves da. Academia Paraense de Literatura de Cordel. Disponível em: <https://porongacordel.omeka.net/historicoaplc>. Acessado em: 09/2024.

destacaremos as mulheres que produzem literatura de cordel na Amazônia. Demonstrando que o Pará continua sendo uma das regiões que alimenta o cenário nacional de cordel, se na primeira década do século XX o Pará teve umas das maiores editoras de cordel do Brasil, na atualidade, continua sendo uma expressiva força para a continuidade na produção de folhetos do País.

Por isso, as mulheres e poetas ganham destaque nesse cenário, começando por Socorro Rebouças, pedagoga, de Capanema no Pará e ocupa a quinta cadeira da APLC, seu pai tinha o costume de ler cordéis para ela e seus irmãos na infância antes de dormirem, se reuniam para ouvir as histórias dos folhetos, a cordelista novamente em seu relato dá pistas de como a literatura de cordel era consumida a partir da escuta, reafirmando que a oralidade era uma importante aliada na leitura dos folhetos, seu pai a ensinou como rimar e versar, sua produção começa a partir de 2010, em suas aulas utilizava o cordel como ferramenta didática.

Seus folhetos possuem como tema principalmente biografias de pessoas comuns, todavia também trabalha assuntos como família, regionalidade, entre outros. Socorro Rebouças além de publicar seus folhetos, faz uso das redes sociais para divulgação e recitação de seus versos, em uma dessas redes seu perfil é intitulado de *Cordel com Açaí*, os valores regionais estão presentes nos versos da cordelista, a seguir algumas de suas rimas sobre o açaí, fruta consumida de maneira expressiva pela população paraense:

O arroz não me faz falta  
Sem ele eu tô muito bem  
E não falo com desdém  
Supermercado me assalta  
Com uma quantia tão alta  
Mas a gente não esquentá  
Se arroz é 20 ou 40

Só preciso de jabá  
Pois, aqui no meu Pará  
Meu açaí me sustenta.

Em outro verso, a cordelista novamente trata do fruto:

Não maltrate o açaí  
Eu te peço, por favor  
Não lhe tire a farinha  
Não destrua o sabor  
Quem mistura com granola  
Deve está ruim da caixola

O cordel é uma literatura marcadamente nordestina, mas sua expansão para outros Estados como o Pará, tanto no passado como no presente demonstra uma troca cultural rica resultando em produtos literários que valorizam a produção de folhetos. Outra ocupante de uma das cadeiras da APLC é Lusinete “Lusa” Bezerra da Silva, nascida em Cacimba de Areia, Pará, professora de Letras, que também utiliza a literatura de cordel como ferramenta didática em suas aulas, seu pai também foi o responsável por despertar seu amor para a literatura de cordel, a APLC possui diversos cordelistas do interior do Estado do Pará e muitos deles destacam o cordel como uma herança de família, isso demonstra que desde o passado o cordel se espalhava pelos interiores do Pará.

“Lusa” é atuante, no cenário de cordel de Marabá, interior do Pará, possui 4 livros publicados, sua produção literária se iniciou na sala de aula em um projeto com alunos, a cordelista também faz uso das redes sociais para divulgar seus versos, suas temáticas se ligam principalmente ao campo da educação, seu cordel *Paulo Freire* do ano de 2010 homenageia o conhecido patrono da educação brasileira:

Paulo Freire nosso Patrono  
Merece nossa consideração.  
Por ter revolucionado,  
O método da Educação.  
Hoje pra todo professor  
Ele serve de inspiração.

Era formado em Direito  
E também em Filosofia.  
Sua maior contribuição,  
Foi na área de Pedagogia  
O mundo todo admira.  
A tua singela sabedoria.

O cordel para “Lusa” está muito ligado à educação, a cordelista informa que foi por conta deles que teve vontade de aprender a ler, e usá-los como ferramenta didática em sala de aula reflete novamente sua conexão com o ensino. A última cordelista apresentada nesta seção é Heliana Barriga, agrônoma, natural de Castanhal produz cordel há mais de três décadas, a poetisa produz principalmente para o público infantil, para a autora a poesia a conecta com seu lado lúdico e à sua criança interior, em seu cordel *Infâncias cabanas* busca demonstrar um pouco das brincadeiras que as crianças cabanas costumavam fazer para se entreter, a autora também utiliza o folheto como ferramenta educativa,

O uso educacional que as cordelistas paraenses deram aos folhetos demonstra que a

referida literatura pode ser utilizada em sala de aula por professores como ferramenta didática, seu uso no cotidiano escolar valoriza a referida literatura, os folhetos são uma expressão literária brasileira importante e devem ser valorizados no meio da comunidade escolar, o uso que Heliana Barriga dá aos cordéis expressa como estes possuem diversos usos no presente e como as mulheres articulam essa literatura a seu modo.

Veja:

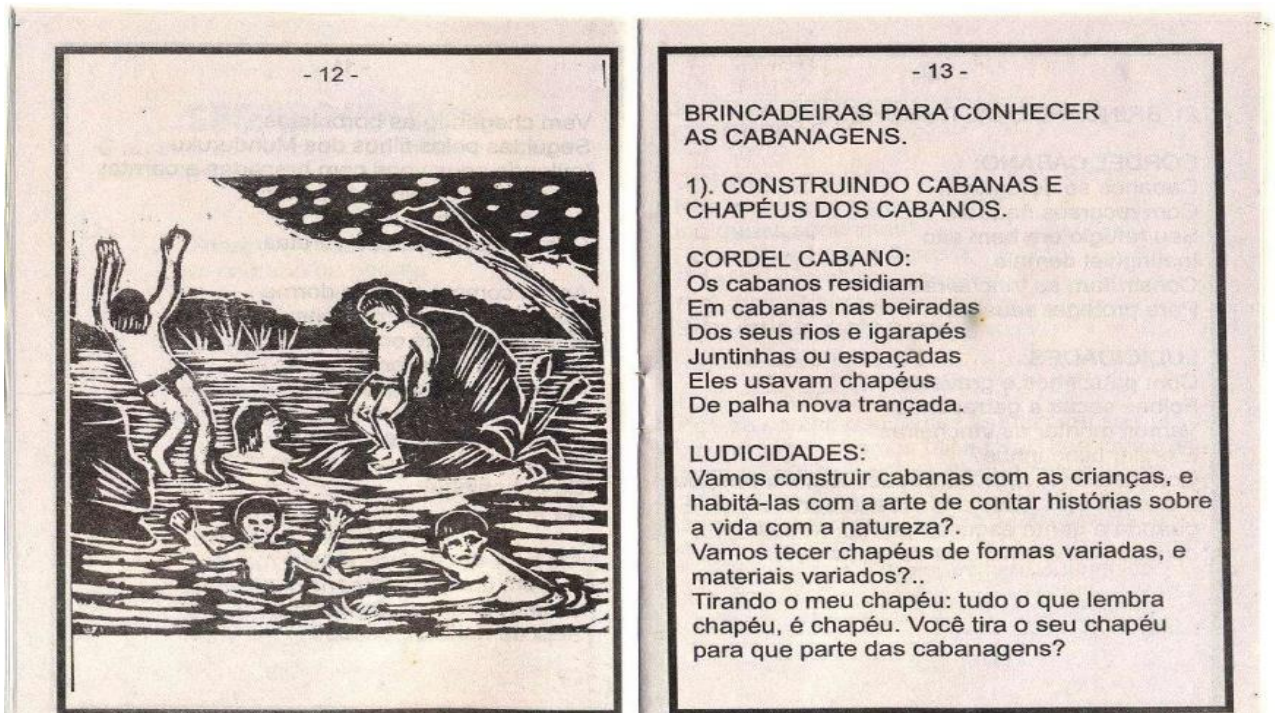


Figura 16 - Cordel sobre a Cabanagem de Heliana Barriga

Por meio do cordel, a autora ensina a história da Cabanagem no Pará e sugere, ao fim do cordel ela indica 17 brincadeiras e ludicidades, sempre as iniciando com versos e rimas. As três autoras de cordel do Estado do Pará apresentadas conectam o folheto com a educação, demonstrando que tal literatura pode servir como ferramenta educativa no cotidiano escolar para professores em sala de aula. Mas, filiar os folhetos a um papel educativo não é um acontecimento recente, a historiadora Ana Maria de Oliverira Galvão destaca que “muitos estudos realizados sobre literatura de cordel no Brasil apontam o papel dos folhetos na alfabetização de um número significativo de pessoas, principalmente na época de seu apogeu”.<sup>160</sup>

As mulheres inseridas no mundo da literatura de cordel tratam de uma diversidade de temáticas e no presente demonstram que são muitas e que Maria Pimentel quando desejou não

<sup>160</sup> Galvão, Ana Maria de Oliveira. Cordel: leitores e ouvintes. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 186.

ser a única a assinar um cordel com seu nome, pois, este era um meio majoritariamente masculino, teve sua vontade realizada, as mulheres cordelistas do presente cumpriram com sua vontade e hoje fazem companhia a primeira cordelista mulher brasileira, aquela que inaugurou e demonstrou que as mulheres são capazes de fazer rimas e versos, metrificar suas estrofes com exatidão para expressar aquilo que sentem, para representarem mulheres independentes, que saem de casa e dominam o mundo, a literatura e são donas de suas próprias imagens.

Atualmente, as mulheres cordelistas não enfrentam mais o isolamento vivenciado por figuras pioneiras como Maria das Neves Pimentel. No entanto, elas ainda atuam em um campo predominantemente masculino e precisam confrontar o machismo que permeia tanto a sociedade quanto a própria literatura de cordel. Durante séculos, a representação das mulheres nesse gênero foi moldada por uma perspectiva masculina que cristalizou imagens estereotipadas. A reconfiguração dessa visão é justamente o que muitas cordelistas contemporâneas buscam realizar por meio de suas produções no cordel. No início desta seção tratamos de um episódio de machismo ocorrido com a cordelista Izabel Nascimento, a poetisa em uma de suas obras, reflete o machismo na sociedade. Em seu cordel *Receita da boa mulher* é possível pensar sobre o papel da mulher.

Peço a quem for solteiro  
 Leia meu poema inteiro  
 Depois case se quiser  
 Ele relata a verdade  
 Sobre toda a qualidade  
 Que deve ter a mulher

Tudo que o homem quiser  
 Até mesmo o que disser  
 Nunca deve estar errado  
 Chamá-lo de meu querido  
 Obedecer ao marido  
 Ser fiel ao namorado.

Não deixá-lo chateado  
 Ou esperando sentado  
 Vendo você se arrumar  
 Agradá-lo o tempo inteiro  
 Até emprestar dinheiro  
 Quando ele precisar.

Nunca deve reclamar  
 Se ele não a agradar  
 Só comente em seu diário  
 Goste dos amigos dele  
 Só saia se for com ele  
 E só fale o necessário.

Neste cordel Izabel nascimento cita diversos comportamentos que as mulheres deveriam ter para agradar os homens, os versos demonstram que muitas vezes para agradar as mulheres deveriam se anular e focar apenas nos gostos e desejos masculinos, expressar por meio dos folhetos que as mulheres também podem representar o masculino, demonstra que elas estão atentas para atitudes que a sujeitam e tentam diminuir sua existência, o protagonismo de mulheres se faz importante para que elas possam se ver representadas de outras formas para além do lar e do casamento, o passado da literatura de cordel tem muito a ensinar para o presente, principalmente sobre as mulheres, esta pesquisa teve o intuito de demonstrar como as mulheres no passado foram negligenciadas e apagadas.

Outro protagonismo importante na literatura de cordel é o das mulheres negras cordelistas, como demonstrado anteriormente, muitas vezes o cordel relegou a pessoas negras um lugar subalterno, até mesmo as desumanizando. As mulheres negras foram muitas vezes ridicularizadas nos cordéis, sexualizadas e tratadas como objetos sexuais. Buscando representar a importância da população negra, principalmente de mulheres negras para a história a cordelista Jarid Arraes escreveu a coleção *Heroínas Negras* que destaca o nome de 15 mulheres negras que fizeram história, sendo elas: Antonieta de Barros, Aqualtune, Carolina Maria de Jesus, Dandara, Esperança Garcia, Eva Maria do Bonsucesso, Laudelina de Campos, Luisa Mahin, Maria Felipa, Maria Firmina, Mariana Crioula, Na Agontimé, Tereza de Benguela, Tia Ciata e Zacimba Gaba.

Jarid Arraes no seu cordel sobre Dandara exalta seu protagonismo feminino:

Se você já ouviu falar da história de Zumbi  
 Peço então sua atenção pro que vou contar aqui  
 Talvez você não conheça por incrível que pareça  
 Por isso vou insistir  
 O Quilombo dos Palmares por Zumbi foi liderado  
 Nesse mesmo período dizem que ele foi casado  
 Com uma forte guerreira que tomou a dianteira  
 Pelo povo escravizado  
 Foi Dandara o seu nome, que é quase como lenda<sup>161</sup>.

Pelas reflexões feita, a inserção das mulheres na literatura de cordel é um marco importante, além disso, as temáticas trazidas por mulheres se fazem ainda mais relevante no cenário da literatura de cordel, pois, demonstram que elas estão conectadas com o mundo

<sup>161</sup> ARRAES, Jarid. *Heroínas negras em 15 cordéis*. São Paulo: Pólen, 2017, 176p.

social que as cercam e utilizam o cordel como um manifesto para ecoar suas vozes. O processo de luta das mulheres por espaço literário se expressa também nas suas rimas como demonstram Izabel Nascimento e Jarid Arraes. A inserção das mulheres em um meio tão masculino causou nos homens desconforto, e até mesmo não aceitação, mas as cordelistas demonstram que vieram para ficar, utilizando os cordéis a seu favor.

Por isso, o protagonismo feminino na literatura de cordel é uma faceta cada vez mais reconhecida e celebrada dentro desse universo literário tradicionalmente dominado por homens. Ao longo da história, as mulheres têm desafiado as normas e estereótipos de gênero ao se envolverem ativamente na produção e na disseminação de cordéis. Uma das formas mais significativas em que as mulheres têm exercido protagonismo na literatura de folhetos é através da criação de suas próprias obras. Anteriormente, as representações femininas nos cordéis eram frequentemente limitadas e moldadas pela perspectiva masculina, retratando mulheres de forma estereotipada e muitas vezes submissa. No entanto, à medida em que mais mulheres começaram a escrever e a publicar seus próprios folhetos, elas trouxeram novas vozes, experiências e perspectivas para esse meio literário.

Além disso, as mulheres cordelistas têm utilizado suas obras como uma forma de expressão e protesto contra as injustiças sociais, as desigualdades de gênero e outros temas relevantes para suas comunidades. Elas abordam questões como violência doméstica, discriminação, direitos das mulheres e empoderamento feminino, desafiando as normas estabelecidas e promovendo a conscientização e a mudança social. O protagonismo feminino na literatura de cordel não se limita apenas à produção de obras, mas também inclui a atuação em eventos literários, festivais e outras iniciativas culturais. As mulheres cordelistas estão cada vez mais ocupando espaços de destaque e influência dentro da comunidade cordelista, contribuindo para a preservação e renovação dessa rica tradição literária.

Em resumo, o protagonismo feminino na literatura de cordel é uma manifestação poderosa da capacidade das mulheres de reivindicar sua voz, sua identidade e seu lugar na sociedade, desafiando as expectativas de gênero e ampliando os horizontes das expressões artística e cultural.

### **Considerações Finais**

Durante a qualificação desta pesquisa a professora Ana Naur<sup>162</sup> que fazia parte da mesa avaliadora, no momento de suas considerações sobre a pesquisa fez uma observação

---

<sup>162</sup> Doutora em Antropologia Social, possui Graduação em História (Bacharelado e Licenciatura Plena) pela UFPA; Mestre em Planejamento e Desenvolvimento da Amazônia NAEA-UFPA); Doutora em Antropologia Social (PPGCS-UFPA); Professora Adjunta de Antropologia Social (UEPA).



interessante, ela indagou: Qual a sua relação com pesquisa e como ela surge? Neste momento respondo brevemente a pergunta: tenho interesse por literatura clássica, na minha adolescência queria ler Shakespeare, Machado de Assis, Gustave Flaubert, entre outros nomes da literatura clássica brasileira e mundial. Depois de um tempo, já entrando na vida adulta comecei a ter contato com leituras feministas e comecei a me fazer algumas indagações, como por exemplo: qual a razão dos clássicos que lia possuírem majoritariamente autores homens? Por que as mulheres na literatura clássica possuem representações femininas que as enclausuram no espaço da casa ou em um relacionamento amoroso? É como se na referida literatura as mulheres tivessem um destino, seu final feliz era muitas vezes amarrado a vida a dois, ao casamento, à família.

Por tal razão da representação feminina na literatura, as fontes literárias passaram a ser um interesse pessoal. Historicamente as mulheres foram relegadas como inferiores se comparadas aos indivíduos do sexo masculino, isso consiste em afirmar que cultural, social e politicamente as mulheres eram subalternizadas. Na literatura não foi diferente, por muito tempo quem representava o feminino no universo literário eram os homens que detinham o poder da escrita e da intelectualidade. É necessário pontuar que as representações das mulheres na literatura clássica mundial e brasileira variam amplamente de acordo com o contexto histórico, cultural e social de cada obra e de cada autor. No entanto, algumas tendências e estereótipos podem ser observados.

Em muitas obras clássicas, as mulheres são retratadas como figuras ideais, puras e submissas, frequentemente servindo como musas ou fontes de inspiração para os protagonistas masculinos. Elas são muitas vezes relegadas a papéis de esposa, mãe ou amante, e suas características são frequentemente idealizadas e estereotipadas por sujeitos masculinos. A clássica obra da literatura mundial *Romeu e Julieta* pode ser um exemplo nesse sentido, a personagem feminina Julieta é retratada como uma figura idealizada de pureza e amor romântico, submissa aos desejos de Romeu e às expectativas da sociedade. Por isso brevemente pensemos algumas obras literárias e algumas de suas personagens.

Mesmo em algumas obras onde a mulher é apresentada como uma personagem forte e determinada, ela pode terminar por se submeter aos jogos de poder e às convenções sociais de sua época. Dentre os diversos exemplos da literatura brasileira de personagens femininas com tal abordagem, exemplo é a personagem Aurélia da obra *Senhora* de José de Alencar, desde o início da narrativa, Aurélia demonstra uma forte determinação em alcançar seus objetivos. Após ser rejeitada por Fernando Seixas ela decide enriquecer e, eventualmente, se casar com ele para provar sua independência e superioridade. Logo, é possível perceber que as vidas de

personagens femininas podem orbitar em torno de uma figura masculina. No caso de Julieta o que fazia seu mundo girar era Romeu e para Aurélia quem cumpria esse papel era Fernando Seixas.

E mesmo Aurélia sendo dotada de inteligência aguçada e habilidades estratégicas planejando meticulosamente seu enriquecimento e usando sua astúcia para alcançar seus objetivos, manipulando situações a seu favor quando necessário. Ainda assim, é preciso na construção de uma personagem feminina atribuir características de amabilidade e docilidade para sua aceitação, afinal, uma mulher adorável deve saber perdoar e ser compassiva, assim é Aurélia. Por trás de sua fachada de determinação e pragmatismo, Aurélia se demonstrou uma mulher sensível e romântica, que apenas almejava o amor e o casamento com Fernando Seixas. A personagem guardou um profundo amor por Fernando desde sua juventude e é capaz de perdô-lo quando percebe seu verdadeiro arrependimento pela primeira rejeição.

Há diversas representações femininas na literatura clássica, em contraste com a figura da mulher idealizada, algumas obras retratam mulheres como sedutoras ou fatais, capazes de exercer poder sobre os homens através de sua beleza e sexualidade. Essas personagens são muitas vezes vistas como perigosas e ameaçadoras para os protagonistas masculinos, em "Madame Bovary", de Gustave Flaubert, Emma Bovary é retratada como uma mulher sedutora e apaixonada, cujas ambições e desejos a levam à ruína. Já em um exemplo nacional, em "Gabriela, Cravo e Canela", de Jorge Amado, Gabriela é uma figura sedutora e cativante, que exerce um poder de fascínio sobre os homens da cidade de Ilhéus.

E ainda na literatura clássica, as mulheres muitas vezes são associadas a conceitos de virtude ou pecado. Algumas são retratadas como modelos de pureza e virtude, enquanto outras são representadas como figuras pecaminosas ou corruptas, frequentemente associadas à tentação e ao mal. Em algumas obras, as mulheres são retratadas como figuras trágicas ou vítimas de circunstâncias injustas. Elas podem enfrentar dificuldades e adversidades devido a sua condição de gênero, sendo frequentemente exploradas ou oprimidas pelos personagens masculinos. Mas apesar das representações estereotipadas, também existem obras clássicas que apresentam mulheres como protagonistas fortes, independentes e complexas, capazes de desafiar as expectativas sociais e de assumir papéis de destaque na trama.

Em suma, a representação das mulheres na literatura é diversa e multifacetada, refletindo as diferentes visões e percepções sobre o papel das mulheres na sociedade ao longo do tempo. Esta pesquisa trabalhou com um corpo documental específico, os cordéis, partindo deles como fonte literária pretendeu-se refletir principalmente sobre representações femininas. Os folhetos, no contexto desta pesquisa, foram fontes que possuíram um recorte temático

específico, a partir dessa literatura foram feitas análises sobre representações sociais de gênero, pois fontes literárias podem expressar através de seus personagens indícios de papéis sociais que devem ser exercidos por sujeitos em seu cotidiano. As noções de mundo representadas e idealizadas pelos cordelistas exprimiam valores e sentimentos presentes na sociedade da época em questão, de certo os cordelistas não eram os únicos a exprimir opinião sobre a vida das mulheres, ao ler jornais e revistas do período em questão é possível capturar imagens de como elas eram vistas socialmente por algumas pessoas ou determinados grupos.

A primeira metade do século XX foi um período de mudanças significativas para as mulheres em todo o mundo. Algumas transformações sociais entraram para a história e influem diretamente o caminho do movimento feminista moderno e contribuíram em direção à igualdade de gênero, lutas que continuam sendo pertinentes até o presente. Como exemplo podemos citar o Movimento Sufragista onde no início do século XX, as mulheres começaram a lutar por seus direitos políticos, buscando principalmente o direito ao voto. O movimento foi especialmente forte no Reino Unido, Estados Unidos e em outros países europeus, e culminou em várias vitórias importantes, como o direito ao voto para as mulheres em vários países. No Brasil, o voto como direito das mulheres é também uma conquista da primeira metade do século XX, concretizado pelo Código Eleitoral de 1932, em seu artigo 2º “É eleitor o cidadão maior de 21 anos, sem distinção de sexo, alistado na forma deste Código”.

Nesse sentido, as normas de gênero começaram a mudar à medida em que as mulheres buscavam mais autonomia e igualdade. Isso incluiu desafiar papéis tradicionais e buscar oportunidades educacionais e profissionais anteriormente reservadas aos homens. Durante as duas Guerras Mundiais, muitas mulheres entraram na força de trabalho para substituir os homens que estavam no serviço militar. Isso levou a uma mudança significativa na percepção das mulheres como trabalhadoras e contribuintes econômicos. Ao longo do século, houve um aumento na conscientização e no reconhecimento dos direitos das mulheres, incluindo direitos civis, direitos reprodutivos e direitos iguais no local de trabalho. Mas, a mudança nem sempre é vista com bons olhos.

Como se demonstra a seguir; em relação às aspirações ditas feministas das mulheres, em artigo<sup>163</sup> de um Jornal de Belém do ano de 1928 de Theodor Brazão da Silva denominado “Feminismo” o autor corrobora essa noção e a ideia que também foi explorada pelos poetas da Guajarina sobre o espaço da casa pertencer à mulher, ele introduz: “a mulher, mordida pela tarântula da ambição do inédito, agita-se, movimentada-se, age para a conquista do que ella

---

<sup>163</sup> A Tribuna, Belém, v.3, n.58, janeiro de 1928. 40 p. A referência foi retirada da p.3.

chama de seus sagrados direitos.”, o direito referido era o voto. As feministas como é citado, com seus anseios fazem com que o homem perca o interesse “despojando aos poucos da adoração que o homem lhe devota” ao esquecer “o lar pela praça pública”. A matéria se encerra no seguinte: “E é por isso que me mantenho na velha opinião de que o feminismo, para a mulher, é casar e educar a prole, continuar no sacrosanto mister a que foi devotada pelas próprias características do seu sexo.”.

O cordel com sua característica de ser ligado ao cotidiano, onde a construção do seu conteúdo se espelha consideravelmente no mundo social ao seu redor, capta assuntos de interesse e os insere em suas narrativas. Em 1947 a emancipação da mulher continua a gerar desconforto e dá título ao cordel de Mota Junior, assim como Theodor Brazão o cordelista expressa estar incomodado com um movimento que segundo ele levantou-se em Nova York:

Na cidade Nova York  
levantou-se um movimento,  
vai correndo pelo mundo  
a forma daquele evento  
pernicioso e hostil,

que venha para o Brasil  
eu tenho pressentimento.

Ao povo brasileiro  
grande voto manifesto,  
com a minha pensa inculta  
no meu sistema modesto  
escrevendo esta embaixada  
à mulher emancipada  
venho lançar um protesto.

As mulheres virtuosas  
que quiserem me ouvir,  
hão de achar na consciência  
o bom caminho a seguir,  
consoante a expressão,  
com a chave da razão  
o problema a definir.

Com a emancipação,  
os direitos são iguais.  
Homem, mulher, velho e moço  
já não se conhecem mais,  
não há lei de confiança  
nem direito de herança  
entre os filhos e os pais.

[...]  
Ela sendo igual ao homem  
não ficará satisfeita,  
quererá passar adiante  
não mais vivendo sujeita

[...]  
 Ela saindo de casa  
 sem dizer pra onde vai,  
 se o marido falar  
 dum empurrão ele cai,  
 [...]  
 Diz a sagrada escritura  
 a bem da religião:  
 Assim que deus formou Eva  
 duma costela de Adão,  
 ordenou-lhe que vivessem,  
 multiplicassem crescessem,  
 a mulher em sujeição.  
 [...]  
 O homem seja quem quer  
 é cabeça da mulher  
 como cristo é da igreja.

O cordelista cita a cidade de Nova York como berço de um movimento pernicioso e hostil, isso pode indicar que em seus versos o autor refletiu a considerável influência da cidade no movimento feminista, pois Nova York foi o lar de muitos dos principais eventos e organizações do movimento feminista moderno nos Estados Unidos. A cidade foi palco de inúmeras manifestações, protestos e encontros de grupos feministas. Embora não esteja em Nova York, a Convenção de Seneca Falls, em 1848, considerada um marco no movimento pelos direitos das mulheres, aconteceu relativamente perto da cidade. Esta convenção foi onde Elizabeth Cady Stanton e Lucretia Mott apresentaram a "Declaração de Sentimentos", exigindo direitos iguais para as mulheres nos Estados Unidos.

A análise das representações femininas nos cordéis produzidos em Belém do Pará durante a primeira metade do século XX revela um panorama complexo da construção social do gênero na literatura popular. Ao longo dos folhetos estudados, a figura feminina é predominantemente retratada de acordo com estereótipos que reforçam o papel da mulher como dona de casa, cuidadora e esposa submissa, características que refletem as normas sociais vigentes da época. Essa imagem da mulher enquanto responsável exclusiva pelo lar, obediente às ordens masculinas e limitada ao espaço privado, revela-se uma construção patriarcal que busca controlar e restringir a participação feminina em outras esferas da vida social.

No entanto, ao mesmo tempo em que esses cordéis perpetuam tais estereótipos, é possível identificar neles as tensões e contradições de uma sociedade em transformação, na

qual algumas mulheres já começavam a questionar e subverter essas imposições. Embora predominem figuras femininas passivas, há também exemplos de resistência, mulheres que demonstram engenhosidade, autonomia e um certo grau de agência, ainda que circunscritos ao âmbito doméstico. A partir da abordagem de gênero, foi possível compreender como a literatura de cordel não apenas reflete os valores culturais de sua época, mas também atua como um instrumento de disseminação e reforço de ideologias. A análise crítica desses textos permite uma reflexão mais profunda sobre as dinâmicas de poder de gênero que moldaram as representações femininas e sua relação com os papéis sociais prescritos para as mulheres.

Outra questão que se buscou elucidar no decorrer da pesquisa foi identificar mulheres que não aparecem explicitamente nos cordéis, mas que podem ser inferidas pelas entrelinhas. Isso requer uma análise crítica das narrativas e dos valores que sustentam as representações femininas idealizadas. Quando os cordéis promovem a imagem de uma "mulher ideal", geralmente submissa, virtuosa, ligada ao lar e ao casamento, eles automaticamente sugerem a exclusão ou desvalorização de mulheres que não se encaixam nesse padrão. Isso implica que, ao se descrever o que é "ideal", delinea-se, por oposição, o que seria "não ideal". Esse processo de exclusão simbólica pode ser entendido à luz de Gayatri Spivak em *Pode o subalterno falar?*. A ausência de protagonismo ou as representações negativas das mulheres que rejeitam o casamento, desafiam autoridades ou exercem sexualidade livre evidenciam um silenciamento, em que essas vozes não são apenas marginalizadas, mas ativamente apagadas das narrativas dominantes. Spivak argumenta que o subalterno, aqui representado por essas mulheres "não ideais", é colocado em uma posição de não-agência, onde suas histórias só existem na ausência ou na deformação de sua voz<sup>164</sup>.

Nos cordéis, raramente são retratadas mulheres como protagonistas fora do ambiente doméstico. A ausência de narrativas sobre mulheres que trabalham, lideram ou vivem de forma independente aponta para essa exclusão simbólica dessas figuras, que, em alguns casos, são descritas de forma pejorativa como "desviantes" ou "ameaçadoras" à ordem social. A idealização da "esposa perfeita" implica a invisibilização de outras experiências femininas, como a vida de mulheres solteiras, viúvas ou que ocupam posições sociais marginalizadas. Essa hierarquia reflete, conforme Frantz Fanon em *Pele negra, máscaras brancas*, o modo como a opressão é construída por meio da idealização e da normalização de um padrão ligado à branquitude e à submissão. A ausência de mulheres negras nos cordéis ilustra como esses

---

<sup>164</sup> SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?*; tradução de Sandra Regina G. Almeida, Marcos P. Feitosa, André P. Feitosa – Belo Horizonte: Editora UFMG 2010, 153 p. (Babel).

textos reforçam uma dinâmica onde a mulher ideal é construída em oposição ao "outro", aqui simbolizado pelas mulheres negras, frequentemente desumanizadas ou caricaturadas<sup>165</sup>.

Para além do silenciamento, a exclusão das mulheres negras dos cordéis também exige uma análise sob a perspectiva do feminismo decolonial, como discutido em *Por um feminismo afro-latino-americano*. Essa abordagem propõe romper com as narrativas eurocêntricas e patriarcais que moldam os padrões de gênero e raça, evidenciando como essas representações refletem uma colonialidade do poder. Os cordéis, ao privilegiarem a mulher branca como padrão de virtude e moralidade, perpetuam uma lógica colonial que invisibiliza as experiências das mulheres negras e indígenas, associando-as a papéis subalternos ou inexistentes. O feminismo decolonial busca desestabilizar essas hierarquias, reconhecendo a pluralidade das experiências femininas e a importância de incluir vozes marginalizadas<sup>166</sup>.

A pesquisa aborda de forma tangencial a questão racial, mas há espaço para aprofundar a discussão, especialmente no que diz respeito às mulheres negras nos cordéis. As representações femininas tendem a privilegiar a figura da mulher branca como o padrão de beleza e virtude, enquanto as mulheres negras são invisibilizadas ou representadas de forma estereotipada, frequentemente limitadas a papéis subalternos ou objetos de desejo no imaginário masculino. Fanon aponta que essa exclusão sistemática não é apenas um reflexo de uma hierarquia racial, mas uma ferramenta ativa na construção de uma sociedade onde o "outro" é desprovido de humanidade e agenciamento, mantendo intactos os privilégios do grupo dominante. Portanto, a ausência de mulheres negras nos cordéis estudados não apenas reflete as hierarquias raciais da sociedade amazônica, mas reforça ativamente uma estrutura que perpetua desigualdades raciais e de gênero. Essas narrativas populares participavam da construção de um imaginário social no qual a branquitude era associada à moralidade, beleza e status, enquanto a negritude era relegada à marginalidade. Sob a ótica do feminismo decolonial, é fundamental desconstruir essas narrativas e reposicionar as mulheres negras como agentes de suas próprias histórias, destacando como suas experiências e lutas são centrais para entender e desestabilizar os sistemas coloniais que ainda moldam as desigualdades sociais e de gênero.

Conclui-se que, embora os cordéis da primeira metade do século XX em Belém tenham desempenhado um papel na reafirmação dos estereótipos da mulher como dona de

---

<sup>165</sup> FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008, p.194.

<sup>166</sup> GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Organização de Flávia Rios e Márcia Lima. São Paulo: Zahar, 2020.

casa, eles também oferecem um campo fértil para a análise das resistências sutis presentes no discurso popular. Ao estudar essas representações, abre-se espaço para discutir as continuidades e rupturas no imaginário coletivo sobre o papel da mulher na sociedade brasileira, e para refletir sobre como essas narrativas ainda influenciam as construções de gênero contemporâneas.



## FONTES CITADAS

- A Batalha de Oliveiros com Ferrabrás. Belém: Guajarina, out. 1936. 44p. 135 décimas (Publicado anônimo).
- A Festa de Nossa Senhora de Nazareth no Pará. Belém: Guajarina, s.d. 16p. Cópia da col. Luyten.
- A Semana. Belém, 27 de Junho de 1931, n° 672, p.12
- A Semana. Belém, 7 de Fevereiro de 1925, n° 355, p.32.
- ALAGOANO, Altino. *Corcunda de Notre Dame – As Mocinhas de Hoje*. Belém: Guajarina, 26 maio 1941 e 2ª 20 jun. 1941. 32p.
- ALAGOANO, Altino. *Corcunda de Notre Dame – As Mocinhas de Hoje*. Belém: Guajarina, 26 maio 1941 e 2ª 20 jun. 1941. 32p.
- AMARAL, Firmino Teixeira do. . *A Festa de Nossa Senhora de Nazareth no Pará*. Belém: Guajarina, s.d. 16p. Cópia da col. Luyten.
- AMARAL, Firmino Teixeira do. . *Debate do Cego Aderaldo com Jaca Mole primo do Zé Pretinho*. Belém: Guajarina, 1937.
- AMARAL, Firmino Teixeira do. *O Julgamento da Mulher. O valor do Dinheiro*. Belém: Guajarina, s.d. 16p. Cópia da col. Luyten.
- AMARAL, Firmino Teixeira do. *Sofrimentos de Helena*. Belém: Guajarina, 1941.
- AMARAL, Firmino Teixeira do. *Sofrimentos de Helena*. Belém: Guajarina, 1941.
- ANÔNIMO. *História Completa de Severa Romana*. Op. cit. P. 1
- ANÔNIMO. *Historia do segredo do casamento*. Belém: Guajarina, s/d.
- ARRAES, Jarid. *Heroínas negras em 15 cordéis*. São Paulo: Pólen, 2017, 176p.
- As Mocinhas de Hoje. Belém: Guajarina, 26 de maio, 1941 e 2ª 20 jun. 1941. 32p.
- ATHAYDE, João Martins de. *O bataclan moderno e as moças semi-nuas*. Belém: Guajarina, 16.
- BARROS, Leandro Gomes de. *A alma de uma sogra (História Completa). As proezas de um namorado mofino*. Belém: Guajarina, 28 abr. 1938. 16p. Cópia da col. Luyten
- BARROS, Leandro Gomes de. *A alma de uma sogra (História Completa). As proezas de um namorado mofino*. Belém: Guajarina, 28 abr. 1938. 16p. Cópia da col. Luyten.
- BARROS, Leandro Gomes de. *Cura da Quebradeira. O Peso de uma Mulher*. Belém: Guajarina, (A Editora Recife), s.d. 16p. Cópia da col. Luyten.

BARROS, Leandro Gomes de. Força do Amor. História de Alonso e Marina. Belém: Guajarina, abr. 1937. 41p. Termina com acróstico LEANDRO. Cópia da col. Luyten.

BARROS, Leandro Gomes de. Mulher e o Imposto. A verdade nua. Belém: Guajarina, (A Editora-Recife), s.d. 16p. Cópia da col. Luyten.

BARROS, Leandro Gomes de. Mulher em Tempo de Crise. Um sonho de 3 horas. Belém: Guajarina, 20 set. 1932. 16p. Cópia da col. Luyten.

Belém, A Tribuna, v.3, n.58, janeiro de 1928. 40 p. A referência foi retirada da p.3.

Belém, Quero, Ano IX, N.º 73 3 74, Setembro e Outubro, 1946. p 23

BELTRÃO, Antonio. Amar sem ser amado; história de Amédes e Lucinda. Cantador Antonio Beltrão.

Belém: Suplemento Guajarina. 20 nov. 1938. 16p. Cópia da col. Luyten.  
CCB/1916 - Código Civil Brasileiro de 1916 - Lei 3.071/1916

Despedida do Piauí – O Rigor do Amazonas. Pará: Typ. Delta – Casa Editora1, 1916, 15p.  
Cópia da col. Luyten

DUARTE, Cícero Carlos. O CoronavírusI. In: Projeto Sesc Cordel, nov-20, Juazeiro do Norte – Ce.

Estado do Pará. Belém, 3 de novembro de 1922, p. 1

Flirt, Belém, janeiro de 1931, nº11, p. 91.

Folha do Norte. Belém, 20 de outubro de 1948, p. 3

Guajarina. Belém, 27 de novembro de 1920, ano 11, nº21, p. 7.

MARTINS, Thadeu de Serpa. O Crime da mala ou a tragédia silenciosa. 2. Ed. Belém: Guajarina, maio de 1930.

MATTOSO, Arnaud Soares. Cordel da Pandemia. Cordel submetido ao concurso de poemas “Pandemia” promovido pela Universidade Federal do Pampa (UniPampa), 2020

O Estado do Pará. Belém, 01 de janeiro de 1939, p. 03

OLIVEIRA, Letícia Fernanda da Silva. De mártir a meretriz: figurações da mulher na literatura de cordel (1900-1930). Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista, 2017.

Quero. Belém, Dezembro e Janeiro de 1944, Anno VI, nº61-62, p.7.

Quero. Belém, Dezembro e Janeiro de 1944, Anno VI, nº61-62, p.8.

Quero. Belém, Março de 1943, Anno V, n° 52, p. 4.

Quero. Junho, 1941. Ano III, n. 32, p. 15.

RIBEIRO, Manoel Baptista. A linguagem do leque/ A linguagem da bengala/ Acenos por meio de objetos/ Emblema das cores/ Modo de se conhecer os dias por meio das cores. Belém: Guajarina, 1934, pp. 1-6.

SOUZA, Apolinário de. O Crime das duas malas. Belém: Suplemento Guajarina, 30p.

SOUZA, Apollinário de. A festa de São João no Pará/Os inimigos do corpo – Carapanã, pulga e sogra.

Belém: Guajarina, junho de 1931. Op. cit p. 2

SOUZA, Apollinário de. A festa de São João no Pará/Os inimigos do corpo – Carapanã, pulga e sogra. Belém: Guajarina, junho de 1931.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Carla ; NAJJAR, Carmita; SPIZZIRRI, Giancarlo. *O termo gênero e suas contextualizações*. Programa de Estudos em Sexualidade (ProSex) do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. In: Revista Diagnóstico & Tratamento, Volume 19, Edição 1, 42-44, 2014.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. “*Quem é frouxo não se mete: violência e masculinidade como elementos constitutivos da imagem do nordestino*”. In: *Projeto História*, v.19, Nov. 1999.

ALMEIDA, Angela Maria de Oliveira; SANTOS, Maria de Fátima de Souza; TRINDADE, Zeidi Araújo. *Representações e práticas sociais: contribuições teóricas e dificuldades metodológicas*. Temas psicol., Ribeirão Preto , v. 8, n. 3, p. 257-267, dez. 2000 .

ARAÚJO, M. F. *Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate*. In: *Psicologia clínica*, Rio de Janeiro, 2005, vol. 17,2,41-52.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2a ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BARBOSA, Clarissa Loureiro Marinho. *As representações identitárias femininas no cordel: do século XX ao XXI*. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2010.

BARBOSA, Walmir de Albuquerque. *O cordel na Amazônia*. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 1996.

BARROS, José D’Assunção. *Fontes Históricas: revisitando alguns aspectos primordiais para pesquisa histórica*. In: *Revista Mouseion*, n. 12. 2012. Disponível em: <http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Mouseion/article/download/332/414>.

BARROSO, Carmen. *Esterilização feminina: Liberdade e Opressão*. In: Rev. Saúde públ., São Paulo, 18: 170-80, 1984.

BLOCH, M., Bloch, É., LE GOFF, J. (1997). A História, os Homens e o Tempo. In M. Castro (Ed.), *Introdução à História* (pp.85-102). Mem Martins: Publicações Europa-América, Lda, p. 94.

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. *Trabalho e Gênero no Brasil nos últimos 10 anos*. In: *Cadernos de Pesquisa*, v.37, n. 132, set./dez. 2007.

BUARQUE DE HOLLANDA, Aurélio. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

CAMPOS, Ipojucan Dias. *Diante do Extremo: casamento, família e divórcio* (Belém-Pará, 1890-1900) Belém: EDUEPA, 2023, p. 88.

CAMPOS, Ipojucan Dias. Divórcio e Prostituição Em Belém no Final do Século XIX (1890-1900): A Tentativa de Uma Analogia. *ANPUH – XXII Simpósio Nacional de História*, João Pessoa, 2003.

CAMPOS, Ipojucan Dias. Igreja e Estado, casamento, família e divórcio (Belém-Pará, 1916-1940). *HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, v. 14, n. 43, p. 952-974, 30 set. 2016.

CAMPOS, Ipojucan Dias. In: *Casamento Custos e religiosidade: Belém, século XX (1916 – 1940)*. Fronteiras, Dourados, MS, v. 12, n. 21, p 179-201, jan/jun. 2010.

CAMPOS, Ipojucan Dias. *O rebaixamento moral”: moda, corpo e família* (Belém-Pa, 1915-1920). *História Debates e Tendências*, Passo Fundo, v. 19, N. 2, p. 270-287, Mai/Ago 2019.

CAMPOS, Ipojucan Dias. Para além da tradição: casamentos, famílias e relações conjugais em Belém nas décadas iniciais do século XX (1916/1940). 2009. 344 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

CAMPOS, Ipojucan Dias. Solteirismo e Tempo Matrimonial, Belém (1916-1925). *Cordis. Mulheres na história*, v.2, São Paulo, n. 13, p.33-48, jul./dez. 2014. ISSN 2176-4174.

CANCELA, Cristina Donza. *Adoráveis e dissimuladas: as relações amorosas das mulheres das camadas populares na Belém do final do século XIX e início do XX*. 1997. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pos-graduação em História, Campinas, 1997.

CANCELA, Cristina Donza. *Trajetórias amorosas e conjugalidade: pertencimento e (des)locamento dos marcadores sociais* (Belém 1870-1920). In: *Projeto História*, São Paulo, n. 45, pp. 141-168, Dez.2012.

CARDOSO, Ciro Flamarion. *O uso em história da noção de representações sociais desenvolvida na psicologia social: um recurso metodológico possível* *Psicologia e Saber*

*Social*, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 40-52, jun. 2012. ISSN 2238-779X. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/psi-sabersocial/article/view/3244>>. Acesso em: 26 nov. 2020. doi:<https://doi.org/10.12957/psi.saber.soc.2012.3244>.

CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do folclore brasileiro. 12 ed. São Paulo: Global, 2012

CHARTIER, Roger, 1945. *Formas e sentido. Cultura escrita, entre distinção e apropriação /*

CHARTIER, Roger. "Escutar os mortos com os olhos". *Estud. Avançados*. v. 24, n. 69, p. 6-30 São Paulo, 2010.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

CHARTIER, Roger. Do palco à página: publicar teatro e ler romances na época moderna. Tradução de Bruno Feitler. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

CHAVES, Túlio Augusto Pinho de Vasconcelos. Apresentação. In: CHAVES, Túlio Augusto Pinho de Vasconcelos. *O Plano de Urbanização de Belém: Cidade e Urbanismo na Década de 1940*. Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

COELHO, Geraldo Mártires. *Belém e a Belle Époque da Borracha*. In: *Revista Observatório*, Palmas, v. 2, n. 5, p. 32-56, set./dez. 2016.

COELHO, Marinilce Oliveira. *Geração dos Novos de Belém do Pará*. In: COELHO, Marinilce Oliveira. *Memórias Literárias de Belém do Pará: O Grupo dos Novos, 1946-1952*. Campinas, SP: [s.n], 2003.

CURRAN, Mark. *História do Brasil em Cordel*. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1998.

D'OLIVO, Fernanda Morais. Uma análise discursiva sobre a figura feminina nos cordéis. In: *Língua, literatura e ensino*, v. II, Maio/2007.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEL PRIORE, Mary. *Histórias Íntimas: Sexualidade e Erotismo na História do Brasil*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.

EVARISTO, Conceição. *Da representação à auto-representação da mulher negra na literatura brasileira*. In: *Ensaio*, Revista Palmares, 52-54, 2005.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008, p.194.

FAUSTINO SAMPAIO, P. *Festejar, Vestir-se e Namorar: Uma História das Mulheres em Cabaceiras nas Décadas de 1930 e 1940*. *PerCursos*, Florianópolis, v. 8, n. 1, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1536>. Acesso em: 16 jun. 2023.

FAUSTO, Boris. *O crime do Restaurante Chinês: Carnaval, Justiça e Polícia em São Paulo (1938)*. Companhia das Letras, 2009.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*/Michel Foucault; tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*; tradução de Lúcia M. Pondé Vassalo. Petrópolis, Vozes, 1987.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. Apresentação (maior acervo online de folhetos da América Latina). [2015]. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/apresentacao.html>. Acesso em: nov. 2020.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Cordel: leitores e ouvintes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GIDDENS, Anthony. *A Transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GINZBURG, Carlo. "*O Fio e os Rastros: Verdadeiro, Falso, Fictício*". Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Organização de Flávia Rios e Márcia Lima. São Paulo: Zahar, 2020.

GRILLO, Maria Ângela Faria. "Evas ou Marias? As mulheres na literatura de cordel: preconceitos e estereótipos". In: *Esboços*, v. 14, n.º. 17, Santa Catarina, 2007.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Humanitas, 2009, p. 241.

HELLER, Agnes. *A Crise da Família*. [S.L.]: Editora Paz e Terra, 1971.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. 11º ed. São Paulo / Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

HOBBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos: O breve Século XX (1914-1991)*. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.

HOBBSBAWM, Eric. *Tempos Interessantes: uma vida no século XX*. São Paulo Companhia das Letras, 2005.

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Ministério da Cultura. Dossiê de Registro – Literatura de Cordel. Brasília. 2018. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie\\_Descritivo\(1\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_Descritivo(1).pdf). Acesso em: nov 2020.

KARNAL, Leandro; TATSCH, Flávia Galli. *A memória evanescente*. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de. (Orgs) *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

KUNZ, Martine. *Cordel: A voz do verso: - Museu do Ceará / Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará*, 2001.

LACERDA, Franciane Gama; SARGES, Maria de Nazaré. *De Herodes para Pilatos: violência e poder na Belém da virada do século XIX para o XX*. In: *Projeto História*, PUCSP, v. 38, p. 161–178, 2009.

LIMA, Caline Genise Oliveira. *A mulher na literatura de cordel: uma abordagem léxico temática*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2006.

LINS, Andréia Batista; SACRAMENTO, Sandra Pereira Batista. *A representação da identidade feminina nos cordéis de Janete Lainha Coelho*. In: *Revista Eletrônica de Estudos Literários*, s. 2, ano 7, n.8, Vitória, 2011.

LUCENA, Kalhil Gibran Melo de. *“História e Literatura: O Folheto de Cordel em Territórios de Fronteiras”*. In: *Cadernos do Tempo Presente*, n. 22, dez.2015/jan. 2016, p. 57-69

LUCIANO, Aderaldo. *Apontamentos para uma história crítica do cordel brasileiro*. Rio de Janeiro; São Paulo: Edições Adaga; Luzeiro, 2012.

MANOEL, Livia Silva. *Literatura de cordel e relações de gênero: interfaces na literatura de ensino médio*. In: *Revista Enlije*, Editora Realize, 2012.

MARTINE, Kunz. *Cordel: A voz do verso: - Museu do Ceará / Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará*, 2001

MAUÉS, Raymundo Heraldo. *Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico: um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia*. [Belém]: Edições CEJUP, 1995.

MELO, Rosilene Alves de. *Arcanjos do verso: trajetórias da literatura de cordel*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2010.

MENEZES NETO, G. M. de. *Por uma história do livro e da leitura no Pará: o caso da Guajarina, editora de folhetos de cordel (1922-1949)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em História Social da Amazônia da Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

MENEZES NETO, Geraldo Magella de. *A notícia em verso: relações entre jornais e folhetos de cordel no Pará na primeira metade do século XX*. In: *Fronteiras: Revista Catarinense de História*, Florianópolis, n.19, p. 53-72, 2011.

MOURA, Clóvis. *O preconceito de cor na literatura de cordel*. São Paulo: Resenha Universitária, 1976, p. 25.

MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. Feminismos, epistemologia feminista e História das Mulheres: leituras cruzadas. OPSIS, [S.I.], v. 15, n. 2, p.316-329, 2015.

NEVES, Ana Sofia Antunes das. *As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: a caminho do amor “amor confluyente” ou o retorno ao mito do “amor romântico”?*. In: Estudos Feministas, Florianópolis, 15(3): 336, setembro-dezembro/2007.

OLIVEIRA, Letícia Fernanda da Silva. *De mártir a meretriz: figurações da mulher na literatura de cordel (1900-1930)*. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista, 2017.

OLIVEIRA, Letícia. *A construção das personagens femininas nos cordéis de Maria das Neves Pimentel*. In: Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL – ISSN 1980-4504.

PERROT, Michelle. Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PERROT, Michelle. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, Maria Izilda

PRIORE, Mary Del; PINSKY, Carla Bassanezi (Org.) História das mulheres no Brasil. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

RAGO, Luiza Margareth. Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985

RAGO, Margareth. “Epistemologia Feminista, Gênero e História”. In: Masculino, feminino, plural. Pedro, J.M. e Grossi, M. (orgs.). Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998

RAGO, Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. In: SILVA, Zélia Lopes da (org). Cultura histórica em debate. São Paulo: UNESP, 1995.

RATTS, Alecsandro J P. *Gênero, Raça e Espaço: trajetórias de mulheres negras*. In: XXVII Encontro Anual

RICOEUR, Paul. Tempo e Narrativa. Tradução Constança Marcondes Cesar. Campinas, SP: Papyrus, v.I, 1994

CHARTIER, Roger: *Formas e sentido: cultura escrita: entre distinção e apropriação*. tradução Maria de Lourdes Meirelles Matencio - Campinas, SP: Mercado de letras: Associação de leitura do Brasil (ALB), 2003. - (Coleção Histórias de leitura).

SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, Patriarcado e Violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SALLES, Vicente. Repente & Cordel, literatura popular em versos na Amazônia / Vicente Salles. - Rio de Janeiro : FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore, 1985.

SAMARA, Eni de Mesquita. *A família brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983. 89 p. (Tudo é história, 71).



SANTANA, Rosemere O. de. *O amor no cordéis sobre raptos consentidos*. In: e-ISSN: 2359-2796, v. 17, n. 1, 2016. XVII Encontro Estadual de História – ANPUH-PB, pp. 729-239.

SOIHET, Rachel (orgs.). *Corpo feminino em debate*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

SANTOS, Vanusa Mascarenhas. Estratégias de (in) visibilidade feminina no universo do cordel. In: V ENECULT, 27 a 29 de maio, Salvador, BA, 2009.

SCOTT, Joan. *Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history*. New York, Columbia University Press. 1989.

SOIHET; MATOS. Apresentação. In: MATOS, Maria Izilda Santos de SOIHET, Rachel (orgs.). *Corpo feminino em debate*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

SOTO, Simoné Malacchini. “*Lira popular: ¿pliegos sueltos chilenos? Origen y relación visual con pliegos sueltos españoles y vinculación a posteriores pliegos y literatura de cordel de México y Brasil*”. In: *Taller de Letras*, Nº 61: 75-89, 2017, p.81.

SOUSA, Francinete Fernandes de. *A mulher negra mapeada: trajeto do imaginário popular nos folhetos de cordel*. 2009. 256 f. Tese (Doutorado Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

SOUSA, Joel Marinho de. *Representações Femininas na Literatura de Cordel (Pará, Década 1940)*. Monografia apresentada à Faculdade de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

SOUZA, Márcio. *Breve História da Amazônia*. São Paulo: Marco Zero, 1994.

SPIERENBURG, Pieter. *The spectacle of suffering*. Cambridge University Press, 1984.

STUART, Hall. *Cultura e Representação*. Tradução: William Oliveira e Daniel Miranda. Rio de Janeiro: PUC -Rio: Apicuri, 2016.

WEINSTEIN, Barbara. *A borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850-1920*. São Paulo: HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

WHITE, H. *Meta-História: A imaginação Histórica do século XIX*. Tradução de José Laurêncio de Melo. 2º Ed. São Paulo: Editora da USP, 2008.

WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. 2 ed. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.